

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRÍCIA VAZ BORGES

**DECOLONIALIDADE, CONTRACOLONIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO NAS
METÁFORAS DE AILTON KRENAK**

Manaus/AM
2023

PATRÍCIA VAZ BORGES

**DECOLONIALIDADE, CONTRACOLONIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO NAS
METÁFORAS DE AILTON KRENAK**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestra em Letras, na Linha de pesquisa: Literatura, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha.
Coorientadora: Profa. Dra. Iná Isabel de Almeida Rafael.

Manaus/AM
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B732d Borges, Patrícia Vaz
Decolonialidade, contracolonização e transgressão nas metáforas
de Ailton Krenak / Patrícia Vaz Borges . 2023
101 f.: 31 cm.

Orientador: Carlos Antônio Magalhães Guedelha
Coorientadora: Iná Isabel de Almeida Rafael
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Oralitura. 2. Literatura. 3. Metáfora. 4. Ailton Krenak. 5.
Decolonialidade. I. Guedelha, Carlos Antônio Magalhães. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

Patrícia Vaz Borges

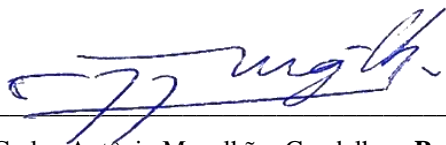
**“DECOLONIALIDADE, CONTRACOLONIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO NAS METÁFORAS
DE AILTON KRENAK”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras na área de Estudos Literários.

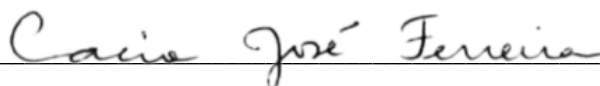
Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos Literários, da Universidade Federal do Amazonas.

Manaus – AM, 20 de junho de 2023.

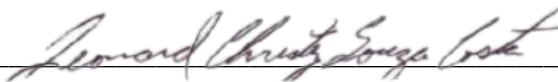
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha – **Presidente e Orientador**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Prof. Dr. Cácio José Ferreira – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

DEDICATÓRIA

A Lúcia Vaz Borges (In memoriam) e Luiz Filho Silva Borges (meus pais), elo infinito, inquebrável e inesgotável de amor, os que norteiam minha retomada ancestral;

Aos melhores companheiros de jornada que a vida poderia me dar: Thalyta, Mitchel e Agenor;

Às minhas avós, tias e primas, a todas que abriram o caminho para eu chegar aqui e a todas que virão depois de mim.

AGRADECIMENTOS

À minha saudosa mãe, Lúcia Vaz (In memoriam), minha maior referência, quem me proporcionou as melhores condições possíveis para viver e transgredir;

Ao meu pai, Luiz Borges, quem sempre me mostrou a importância dos estudos e da dedicação ao trabalho, uma fonte de aprendizado, admiração e críticas;

Aos meus queridos irmãos, Thalyta Borges e Mitchel Borges, sinônimos de união e companheirismo, os que me dão a força necessária para seguir;

Ao companheiro de trajetória contracoloniaalista, Agenor Vasconcelos, grande influência na minha caminhada científica, com quem confluo e produzo aprendendo e ensinando;

Ao meu orientador, professor Doutor Carlos Guedelha, figura inspiradora que, desde os tempos da graduação, me instiga e me orienta a refletir sobre arte e linguagem;

À minha coorientadora, professora Doutora Iná Isabel, fundamental para a organização desta pesquisa. Quem, sempre paciente e disponível, me tranquiliza nos momentos de caos;

Ao eterno Joaquim Melo (In memoriam), por quem carrego uma saudade apertada. Grande incentivador da cultura amazônica, produtor cultural, historiador e fundador da Banca do Largo, onde comprei uma das obras analisadas nesta pesquisa e fui presenteada com a outra;

Ao professor Doutor Cácio José Ferreira e ao professor Doutor Leonard Christy Souza Costa por aceitarem compor a banca avaliadora e contribuir grandiosamente para a organização destas ideias;

À Universidade Federal do Amazonas – Ufam, instituição na qual venho me desenvolvendo desde 2007, lugar de grandes encontros e descobertas;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM – PPGL, por abrigar propostas de pesquisa que se pretendem transgressoras e transdisciplinares;

À coordenação e aos professores do PPGL, que promoveram grandiosas e transformadoras experiências acadêmicas;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam, pela concessão da bolsa de estudos e pela oportunidade de dedicação exclusiva à pesquisa;

Aos seletos e verdadeiros amigos, Cristiane Oliveira, Júlio Lira e Nathalie Torres, pelo apoio emocional e por acreditarem na minha capacidade quando eu me opunha;

Ao grande amigo-irmão Rafael Fernandes, o “Cor de Rosa Furta Cor” que apoia, empodera e entende como ninguém a amiga “Pretice” dele;

Às colegas de curso, em especial, à amiga Cynthia Almeida, mãe e cientista valorosa, Vitória Carvalho e Ana Paula Castro pesquisadoras que me inspiram.

Às ancestrais que me trouxeram até aqui e me proporcionaram o contato com cosmovisões afroindígenas, as que mostram de onde eu vim e orientam para onde devo ir.

“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 11).

RESUMO

Esta Dissertação resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar metáforas de Ailton Krenak sobre a relação entre a experiência humana, a modernidade e a natureza, em perspectiva decolonial. Tal análise decorreu dos seguintes problemas de pesquisa: que metáforas Krenak utiliza, em seus textos, para refletir sobre um mundo regido por narrativas coloniais? como essas metáforas traduzem, individualmente e em conjunto, a cosmopercepção Krenak sobre a relação homem/natureza? como essas metáforas expressam oposição às narrativas colonialistas e se firmam como elemento de resistência decolonial? Os livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020a) e *A vida não é útil* (2020b) de Krenak constituíram o universo de amostra, onde constam as metáforas selecionadas como *corpus* da pesquisa. A cosmopercepção quilombola sobre a humanidade também se encontra presente na pesquisa por meio dos pensamentos de Antônio Bispo dos Santos, o Mestre Nêgo Bispo, intelectual piauiense que traz, em ensaios e poemas, possibilidades de emancipação do modo de vida imposto às sociedades modernas no livro *Colonização, quilombos: modos e significações*, (2015). As reflexões apresentadas criam um campo de pensamento no qual os saberes de povos indígenas e afrodiaspóricos se sobrepõem a uma estrutura de saber colonialista, contribuindo para a difusão dos estudos literários e discursivos, ancorada em bases teóricas necessárias, tais como o conceito de oralitura (MARTINS, 2003). Buscamos também contribuir para a ampliação dos estudos sobre o fenômeno linguístico e estético da metáfora. Apresentamos quatro capítulos, nos quais discorremos sobre a relação entre a pesquisa e a pandemia, desenvolvemos um estudo sobre os conceitos basilares da teoria decolonial, mapeamos as principais metáforas dos textos de Ailton Krenak, apresentando três quadros de análise, discorremos sobre oralitura e transgressão literária. A pesquisa procura mostrar a urgência de se conhecer, discutir e valorizar saberes e práticas ancestrais, apresentando modos de significações do mundo silenciadas por práticas colonialistas. Cosmovisões transgressoras e decoloniais instigam-nos não a apresentar respostas, mas a formular cada vez mais perguntas.

Palavras-chave: Oralitura. Literatura. Metáfora. Ailton Krenak. Decolonialidade.

ABSTRACT

This Dissertation is the result of a research whose objective was to analyze Ailton Krenak's metaphors on the connection between human experience, modernity and nature, in a decolonial perspective. Such an analysis resulted from the following research problems: what metaphors does Krenak use, in his texts, to reflect on a world governed by colonial narratives? How do these metaphors translate, individually and as a whole, the Krenak cosmoperception of the man/nature relationship? How do these metaphors express opposition to colonialist narratives and establish themselves as an element of decolonial resistance? The books *Ideas to postpone the end of the world* (2020a) and *Life is not useful* (2020b) by Krenak constituted the sample universe, which are listed the metaphors selected as the research corpus. The quilombola cosmoperception of humanity is also revealed in the research through the thoughts of Antônio Bispo dos Santos, Mestre Nêgo Bispo, an intellectual from Piauí (Br) who brings, in essays and poems, possibilities of emancipation from the way of life imposed on modern societies in the book *Colonization, quilombos: ways and meanings*, (2015). The reflections presented create a field of thought in which the knowledge of indigenous and Afro-diasporic peoples overlaps with a colonialist knowledge structure, contributing to the dissemination of literary and discursive studies, anchored in important theoretical bases, such as the concept of oraliture (MARTINS, 2003). We also aim to contribute to the expansion of studies on the linguistic and aesthetic phenomenon of metaphor. We present four chapters, in which we discuss the relationship between research and the pandemic, we develop a study on the basic concepts of decolonial theory, we map the main metaphors of the texts by Ailton, Krenak, presenting three analysis frameworks, we discuss oraliture and transgression literary. The research seeks to show the urgency of knowing, discussing and valuing ancestral knowledge and practices, presenting modes of world meaning silenced by colonialist practices. Transgressive and decolonial cosmovisions urge us not to present answers, but to formulate more and more questions.

Keywords: Oraliture. Literature. Metaphor. Ailton Krenak. Decoloniality.

SUMÁRIO

TEMPO E MODERNIDADE: INQUIETAÇÕES DECOLONIAIS	9
1 “NOS DESCONECTAMOS DO ORGANISMO VIVO DA TERRA”	19
1.1 Estado colonialista x preservação ambiental: uma luta regada a sangue.....	23
1.2 Para além do wi-fi, ideias para conexão com a Terra	33
1.3 É tempo de retomar.....	38
2 DECOLONIALIDADE E CONTRACOLONIZAÇÃO: TEORIA ACADÊMICA E PRÁTICA QUILOMBOLA	40
2.1 Giro decolonial entre as paredes da academia	40
2.2 Começo, meio, começo: contracolonização e prática quilombola.....	53
2.3 É tempo de retomar.....	57
3 “A VIDA É UMA DANÇA CÓSMICA”: A METÁFORA NA HUMANIDADE	58
3.1 Metáforas para adiar o fim do mundo: cosmovisão krenakiana e discurso metafórico	63
3.2 É tempo de retomar.....	76
4 ORALITURA E TRANSGRESSÃO LITERÁRIA: O PARAQUEDAS COLORIDO DE UMA SOCIEDADE CONTRACOLONIALISTA	79
4.1 “Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição”	80
4.2 A oralitura em primeiro plano	83
4.3 O sabor da literatura indígena.....	85
4.4 É tempo de retomar.....	88
PALAVRAS FINAIS? PALAVRAS SINAIS!	89
REFERÊNCIAS	93

TEMPO E MODERNIDADE: INQUIETAÇÕES DECOLONIAIS

Esta pesquisa teve início em 2021. Uma década atrás, eu concluía o curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e, apesar de nem imaginar como seria o caminho que me traria a este texto, percebo que ele surgiu a partir de muitas das vivências desses dez anos. Aliás, vivências até anteriores a esse período motivaram a realização da pesquisa. Ainda criança percebi a diferença de idade entre mim e minha mãe, 30 anos. Eu dizia que teria um filho ao completar a mesma idade. Não aconteceu. Acredito, porém, que a efeméride não passou em branco, pois foi nesse período, há cinco anos, que as inquietações com as desigualdades sociais passaram a direcionar minha trajetória até a escrita.

Concluí o curso de Comunicação Social – Jornalismo em 2018, aos 30 anos. Nesse mesmo ano, a Constituição Brasileira e a morte de Chico Mendes também completavam três décadas. E nesse mesmo ano, os cidadãos brasileiros elegeram Jair Bolsonaro para governar o país. Uma onda de tendências fascistas se alastrava pelo mundo e, para potencializar o fosso social global da contemporaneidade, experienciamos a letalidade da pandemia. No Brasil, são mais de 699 mil vidas levadas pelo vírus da Covid-19, segundo dados oficiais do Governo Federal fornecido pelo Painel de casos de doença pelo coronavírus no Brasil do Ministério da Saúde¹. Na verdade, muitas dessas vidas foram assassinadas pela inércia do Estado, evidente com a falta de oxigênio nos hospitais de Manaus em janeiro de 2021, como mostra Steffanie Schimidt (2021)², em reportagem publicada no site El País Brasil.

De 2018 para cá, passei a visualizar que a contemporaneidade vem se movimentando em um cenário distópico. Vivemos um caos sociocultural regado a novas tecnologias implantadas a serviço do velho sistema capitalista, machista e patriarcal. São ingredientes dessa receita o fundamentalismo religioso, a exploração ambiental, a apologia às armas, a violência do Estado sobre corpos racializados, mulheres, populações LGBTQIAP+, indígenas e quilombolas.

Filha de uma mulher branca e um homem preto, a minha percepção sobre ser uma mulher preta vem sendo construída desde a infância, ao frequentar uma escola com corpo discente e docente majoritariamente branco, lugar onde ouvi pela primeira vez que eu tinha

¹ Dados oficiais disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 27 de mar. 2023

² Reportagem disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html>>. Acesso em: 23 ago. 2022

“cabelo de bruxa”. Lembro também que, quando criança, costumava ouvir expressões como *mistura* e *mestiçagem* ao se referirem à minha cor. O certo receio que minha mãe sentia quando eu dançava na frequência dos tambores nas festas do terreiro da minha tia Emília também faz parte das lembranças de infância.

Na época eu não entendia nada sobre a religiosidade afro-brasileira praticada no Centro de Tambores Mina Gêge - Nago de Toy Lissá - Agbê Manjá, templo religioso existente há mais de 50 anos em Manaus sob liderança de Maria Emília de Souza Borges, a Mãe Emília (*in memoriam*). Ainda não entendo quase nada sobre a importância da militância religiosa da minha tia, assim como pouco entendo sobre a espiritualidade da minha já falecida avó Odete, com quem pude conviver durante parte da infância. Das memórias que tenho da mãe da minha mãe, destaco que ela era parteira, incorporava caboclos, rezava contra quebrantos e ‘pegava desmentiduras’. Quando estavam constantemente adoecidas, as pessoas buscavam minha avó para rezar nelas.

Aos 13 anos comecei a usar produtos químicos para alisar os cabelos. “Aqui é o pé na África!”, brincávamos eu, minha mãe e a Graça, nossa amiga cabeleireira, quando a aplicação do produto era feita na raiz dos fios que ficam na parte superior da minha cabeça, próximo à testa. Não demorei muito para me perceber uma mulher preta amazônida, apesar do processo de negação no qual fui criada. Mas foi na década entre a graduação e o mestrado que comecei a buscar entender o que significa ser uma mulher racializada na Amazônia brasileira contemporânea.

Nesses dez anos, cursei três períodos de Administração e concluí o curso de Comunicação Social – Jornalismo. Menos de três anos de atuação no mercado da comunicação foi tempo suficiente para experimentar assédios, falta de liberdade intelectual, a incômoda divisão de classes trabalhistas e perceber a manipulação do Estado sobre a imprensa. As estruturas das instituições capitalistas, de um modo geral, são exploratórias e doentias, conviver com profissionais que parecem não perceber e nem se afetar com isso, que se realizam mais ao aparecer na televisão do que na busca por mudanças, foram elementos que me levaram a um período de reflexões, inquietações e crises.

Trabalhar com pautas sobre sustentabilidade e questões ambientais fomentou o surgimento de maiores inquietações. Perceber, ainda que superficialmente, os impactos destrutivos do capitalismo e do nosso ritmo de consumo desenfreado sobre o planeta me levou a entender que todas as formas de violências, desigualdades e intolerâncias são sustentadas pelas relações de poder e pela ideia de modernidade. Pude constatar que, em uma sociedade caoticamente perdida, ser mulher preta e viver na Amazônia é ser um corpo

político. Uma vez inserida nas violências capitalistas e constituído por elas, tal ideia de corpo político se fortalece questionando o sistema e se movimentando para transformá-lo.

A pesquisa surge, então, como uma proposta científica e artística de reflexão e contestação das desigualdades sociais, da predação ambiental e da constante exploração, sustentada pelo capitalismo, sobre a natureza, as mulheres, as populações pretas e indígenas, as pessoas LGBTQIAP+. O discurso metafórico de Ailton Krenak é o objeto da investigação e nos instiga a refletir sobre as violências impostas a grupos ainda hoje considerados minorias, mesmo quando negros e mulheres são a maioria da população brasileira, por exemplo, destacando a tripla discriminação sobre a mulher negra e pobre (PRUDENTE, 2020).

Em meio à pandemia e ao pandemônio político brasileiro, enquanto convivia com crises de pânico ao imaginar perder pessoas queridas para o vírus e para a necropolítica instaurada no país, li uma das primeiras frases de Ailton Krenak que motivaram esta pesquisa: “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2020a, p. 14).

Tenho a impressão de que parecemos cada vez mais adoecidos neste mundo que compartilhamos de forma tão desigual. O caos pandêmico reforçou isso. E enquanto praticávamos isolamento social para não virar “comida de vírus”, a natureza, livre de nós, explicitava vida. Segundo Azevedo (2021), satélites de monitoramento de poluição da NASA e da Agência Espacial Europeia (ESA) detectaram reduções significativas de dióxido de nitrogênio (NO₂) e CO₂ sobre a China, como consequência da desaceleração econômica após o surto de coronavírus. Com o ar menos poluído, as florestas e os animais puderam respirar, nos mostrando quanta vida, além da humana, há na biodiversidade terrestre. Foi o modo de funcionamento predatório das vidas humanas que entrou em crise. Com o vírus, nós, povos humanos, experienciamos o pânico, enquanto a natureza experenciou a paz (KRENAK, 2020b).

É inquietante, porém, pensar que, apesar dos benefícios, o isolamento social gerou uma quantidade catastrófica de resíduos, impactando a saúde e o meio ambiente. Perceber, por meio dos escritos de Ailton Krenak, que o modo de funcionamento do que entendemos por humanidade está em crise gerou a problemática desta pesquisa. Fazemos parte de uma humanidade que exclui a natureza e os animais, agimos como superiores a todas as outras espécies de vida existentes na Terra. Terra? E o que a Terra significa para nós? Estamos inseridos em uma realidade capitalista que entende a Terra e todas as outras formas de vidas

não-humanas presentes nela como recursos para exploração, para nos servir e nos enriquecer. A nossa doentia relação com o consumo, fruto do capitalismo, está transformando o planeta em um depósito de lixo. Crises ambientais cada vez mais evidentes e devastadoras em todas as partes do mundo são consequências do quanto somos predatórios.

Nascido do processo de colonização, o capitalismo é imposto a nós como um sistema de exclusão e exploração sobre as mulheres, as populações pretas e indígenas, as pessoas LGBTQIAP+ e pouco fazemos para mudar essa realidade. A mobilização pela natureza parece ser ainda mais distante. Não à toa, antes de chegar às inquietações ambientais, relatei eventos da minha trajetória que formam meu entendimento sobre ser um corpo político. Percebo que essa prática de exclusão das outras formas de vida não só é aplicada sobre a natureza, mas é explícita também entre os próprios humanos.

A natureza é feminina, e sabemos o significado de feminino em uma sociedade patriarcal. A infinita diversidade presente na natureza nos ensina que os gêneros também são diversos. Os povos circulares, aqueles que se organizam em círculos, sejam eles aldeias ou quilombos, os ribeirinhos, caiçaras, os que dançam na gira, os que praticam a dinâmica do *começo, meio e começo* (SANTOS, 2015) são os mais próximos à natureza. São os que contestam a ideia capitalista de desenvolvimento e progresso a custo da exploração da natureza e de si próprios. São povos que habitam a natureza e são constantemente atacados por mineradoras, garimpo e agronegócio. E aí de quem “atrapalhe o desenvolvimento”!

Considerado um dos maiores intelectuais do nosso tempo, Ailton Krenak analisa tais questões, proferindo um impactante discurso metafórico, a partir do qual construímos os seguintes problemas de pesquisa: que metáforas Krenak utiliza, em seus textos, para refletir sobre um mundo regido por narrativas coloniais? como essas metáforas traduzem, individualmente e em conjunto, a cosmopercepção Krenak sobre a relação homem/natureza? como essas metáforas expressam oposição às narrativas colonialistas e se firmam como elemento de resistência decolonial? Estamos em direção à extinção da espécie humana, um fim causado por nós mesmos. Por que é tão difícil perceber e agir contra isso? Como e quando foi que toda essa atmosfera de violências começou? É, portanto, essencial entender como essa concepção de humanidade nasceu para refletirmos sobre como evitar o fim da espécie. Krenak (2020a, p.14) reflete sobre a desorganização social moderna, explicando que “a modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado

humanidade”. Tal imagem metafórica nos remete, para além da homogeneização social, à diluição e trituração de identidades e cosmopercepções que ocorre em tal processo.

Apesar de ainda não entender as simbologias das práticas religiosas das minhas saudosas tia Emília e vó Odete, hoje percebo parte do processo que fez meus pais se distanciarem de tais saberes, do medo que a falta de conhecimento colocava na gente. Percebo o quanto o contato com essas significações de mundo pode propor transformações e melhorias ao atual e ao distópico cenário social. Acredito que esta pesquisa se faz relevante ao propor um debate sobre diversidades e quebra de hegemonias, refletindo sobre a existência de outras formas de viver no mundo e reivindicando respeito a epistemologias diversas. Acredito que refletir sobre cosmopercepções ancestrais pode ensinar caminhos transformadores às próximas gerações.

Por cosmopercepção, conceito elaborado para tensionar a lógica ocidental sobre visão de mundo, resalto e entendo como a

“maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever (...) **culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos**” (Oyèwùmí, 2002, p.3, grifo nosso).

O contato com as cosmopercepções de Ailton Krenak e de Mestre Nêgo Bispo me fez passar a entender que as populações indígenas e quilombolas trazem outros modos de significações sobre a vida, a humanidade e a Terra. Cosmopercepções que o capitalismo e a modernidade, há muito tempo, tentam, violentamente, apagar. Nascemos acreditando que há apenas uma maneira de vivenciar o mundo, uma cartilha que padroniza os modos de viver, que nos instrui sobre o que é certo e o que é errado, ao que é o bem e o mal, que nos diz quem manda e quem obedece. Que nos faz acreditar e tentar nos encaixar em todos os tipos de padrões estruturalmente impostos para sustentar esse sistema.

Em uma perspectiva pessoal, a pesquisa me chega como uma celebração. Em uma sociedade onde corremos contra o tempo na busca por dinheiro e *status* social, celebro um intervalo de dez anos entre a graduação e o mestrado. Um período de desconstruções, questionamentos, perdas e crescimento. Fazer com que esse privilégio de poder administrar o tempo seja algo acessível a todas as mulheres me instiga a desenvolver essa escrita. Entender, minimamente, o papel social das instituições de poder, entre elas os espaços de ensino como escolas e universidades, também gerou meu interesse pelo fazer científico.

Ressalto que, por muito tempo, relutei sobre a possibilidade de ingressar em um curso de mestrado, por acreditar que esse espaço não era para mim, que eu não teria capacidade para desenvolver uma dissertação com rigor acadêmico, que eu não seria capaz de me adequar às regras, normas e convenções impostas em um curso de pós-graduação. O contato com a decolonialidade e a contracolonização me fez desconstruir tudo isso e perceber que, na verdade, é urgente ocupar as instituições de ensino e questionar a hegemonia eurocêntrica em todas as estruturas sociais.

Com a morte da minha mãe, perdi minha maior referência de vida. Acredito que conhecer outras formas de compreensão do mundo, da vida e da morte pode ajudar a ressignificar a saudade dolorosa que sinto todos os dias. Ao iniciar este texto apresentando eventos da minha relação com o tempo, pretendo saudar a forma privilegiada como venho decidindo viver e realizar todos os projetos que proponho desenvolver.

Por vezes, a apatia toma conta deste corpo político racializado. Apesar de cada vez mais chocantes, casos de racismo, assassinatos de pessoas pretas e indígenas, violações de corpos femininos, ataques ambientais são pautas frequentes nos meios de comunicação, como o caso de Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, assassinato por agentes da Polícia Rodoviária Federal em Umbaúba, sul de Sergipe. O caso do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra, gravado ao estuprar uma paciente durante o parto é um exemplo de como o machismo e o patriarcado agem sobre corpos femininos. Estes, entre inúmeros outros casos cotidianos não noticiados, só não estarecem os que nem merecem ser considerados humanos. Em meio ao caos, a arte chega como um *paraquedas colorido* (KRENAK, 2020b). As personagens ficcionais de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Júnior, por exemplo, apresentam a literatura brasileira, bem como outras linguagens artísticas, como poderoso agente de questionamentos e transformações sociais.

Quanto a Krenak, considerado um dos maiores pensadores do nosso tempo, o líder indígena metaforiza de forma impactante sobre a nossa ideia predatória, destrutiva e excludente de humanidade, baseada em práticas coloniais. Reflete sobre como nos portamos em meio à modernidade, a um ritmo de consumo desenfreado, a novas tecnologias e mídias digitais. Enquanto na cosmovisão do *homo economicus* tempo é dinheiro, na cosmopercepção Krenak “o amanhã não está à venda” (KRENAK, 2020b, p.75). Sobre um diálogo que teve com engenheiros que propunham usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, ele relembra

perguntaram a minha opinião. Eu respondi. “A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida”. Então um deles me disse: “Mas isso é impossível”. O mundo não pode parar. E o mundo parou (KRENAK, 2020b, p. 78).

Outro “paraquedas colorido” é o trabalho da intelectual Rita Von Hunty que propõe uma combinação revolucionária de política, arte e conhecimento científico. A obra de artistas como Luedji Luna, Nic Dias, Karen Francis, Rincon Sapiência, BNegão e Mateus Aleluia me fazem perceber também a musicalidade e a dança como cura de muitos males provocados por uma sociedade contra a diversidade de povos. Tal diversidade, porém, é uma ideia amplamente praticada por povos de cosmopercepções politeístas e que desenvolvem oralitura (MARTINS, 2003).

Aliado ao pensamento krenakiano, propomos refletir sobre a ideia de circularidade do tempo nas gerações avó, mãe e neta, trazida por Antônio Bispo dos Santos (2015), o Mestre Nêgo Bispo. Apesar de já encontrarmos a obra e o pensamento dos dois intelectuais como base de estudos em diversas universidades, sendo alguns deles referências nesta Dissertação, buscas nas plataformas Scielo, Sucupira e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Ufam, demonstram que a proposta desta pesquisa é inédita no Programa, uma vez que pretendemos realizar o diálogo entre literatura, filosofia, discurso metafórico e decolonialidade. Dessa forma, intentamos contribuir para a difusão dos estudos literários e discursivos, enfatizando a cultura, os saberes e cosmopercepções outras, sendo também um instrumento de resistência decolonial e contracoloniaalista.

Tanto nos textos de Ailton Krenak quanto nos ensaios e na poesia de Nêgo Bispo percebemos possibilidades de emancipação do modo de vida praticado pelas sociedades capitalistas, das relações de poder, da ideia de modernidade, economia e tempo, de como nos relacionamos com outras espécies. Apresentar essas reflexões cria um campo de pensamento que sobrepõe a visão de povos indígenas e afrodiáspóricos sobre uma estrutura de saber colonialista, outro ponto que justifica o desenvolvimento deste trabalho. Sendo o discurso metafórico o fio condutor de nosso estudo, a pesquisa também se justifica ao buscar contribuir para a ampliação dos estudos sobre o fenômeno linguístico e estético da metáfora.

O universo de amostra da pesquisa é composto pelos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020a) e *A vida não é útil* (2020b) de Ailton Krenak. Por meio de um estudo bibliográfico, discorreremos sobre decolonialidade, metáfora conceptual e oralitura com aporte teórico nas seguintes obras: *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), de George Lakoff & Mark Johnson; *Metáfora* (2007), de Tony Sardinha e *A metaforização da Amazônia em*

textos de Euclides da Cunha (2013), de Carlos Guedelha, para discorrer sobre o fenômeno metafórico.

Para refletirmos sobre a teoria decolonial nos baseamos nos textos *Colonialidad y modernidad/racionalidade* (1992) e *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* (2005), de Aníbal Quijano; *Análisis de sistemas-mundo: una introducción* (2005), de Immanuel Maurice; *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global* (2008), de Ramón Grosfoguel; *Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época* (2009), de Catherine Walsh; *Epistemologias do Sul* (2009), de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (org.); *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), de Antônio Bispo dos Santos; *América Latina e o giro decolonial* (2013), de Luciana Ballestrin; *Desafios decoloniais hoje* (2017) e *A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial* (2020), de Walter D. Mignolo; *O futuro começa agora: da pandemia à utopia* (2021), de Boaventura de Sousa de Santos e *Crítica da Colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda* (2021), de Rita Segato. O conceito de globalização perversa de Milton Santos (2022) também é aporte para os argumentos apresentados.

O texto *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória* (2003) de Leda Maria Martins é a base para nosso debate sobre oralitura, juntamente com aporte de *O direito à Literatura* (2011), de Antonio Candido; *Notas de teoria literária* (2015), de Afrânio Coutinho e *Nações literárias* (2010) de Wander Melo Miranda.

Ao pensar as questões expostas como fenômenos, processos e relações sem a possibilidade de redução à operacionalização de variáveis, propomos uma abordagem qualitativa para descrever, compreender e explicar significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que compõem tais processos (MINAYO, 2007). São objetivos da pesquisa, portanto, analisar as metáforas utilizadas por Ailton Krenak, em seus textos, para refletir sobre o sentido de humanidade e sua relação com a natureza, em perspectiva decolonial. Para isso, elaboramos um aporte teórico sobre metáfora conceptual, desenvolvemos um estudo sobre os conceitos basilares da teoria decolonial, e mapeamos as principais metáforas dos textos de Ailton Krenak, com vistas a construir um *corpus* para as análises.

A Dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro intitulado “Nos desconectamos do organismo vivo da Terra”, onde discorreremos sobre a relação entre a pandemia e a pesquisa, trazendo pontos importantes da trajetória de Ailton Krenak (2020a; 2020b). Esses pontos dialogam com o pensamento convergente de Milton Santos (2022),

usado como aporte teórico aos argumentos apresentados. Proponho ainda uma reflexão sobre a influência da estrutura colonialista do Estado brasileiro em assassinatos de ambientalistas que ocorreram na Amazônia para, assim, pensarmos colonialidades, poder e devastação ambiental. Ao final do capítulo, apresentamos as obras de Ailton Krenak que são analisadas na pesquisa para tratar das possibilidades de nos reconectarmos com o organismo vivo da Terra.

No segundo capítulo, intitulado “Decolonialidade e contracolonização: teoria acadêmica e prática quilombola”, o estudo sobre os conceitos basilares da teoria decolonial, proposta no início da década de 1990 por pesquisadores do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), deságua na prática contracolonialista de mestre Nêgo Bispo (SANTOS, 2015). Com o aporte de Quijano (1992; 2005), Grosfoguel (2008), Santos e Meneses (2009), Walsh (2009), Ballestrini (2013), Mignolo (2017; 2020), Segato (2021) propomos visualizar a prática contracolonialista como transcendência à teoria decolonial, ou seja, uma vez que se entende a teoria formulada entre as paredes da academia é necessário transformá-la em ação contra as colonialidades do mundo moderno, pois enquanto acadêmicos teorizam, intelectuais das comunidades lutam e resistem.

O *corpus* de análise é apresentado no terceiro capítulo, intitulado “A vida é uma dança cósmica: a metáfora na humanidade”, no qual tratamos do coração da pesquisa. Há 20 anos, o Brasil recebia a obra *Metáforas da vida cotidiana* (2002), tradução para o português do livro *Metaphors we live by* (1980) dos norte-americanos George Lakoff e Mark Johnson, criadores da teoria da metáfora conceptual. Os autores rompem com a tradição de estudos sobre a metáfora conhecida como “abordagem clássica” iniciada por Aristóteles, ressaltando que a metáfora não é uma prerrogativa exclusiva de poetas, mas ela tem ligações umbilicais com a linguagem cotidiana e com a nossa compreensão de mundo.

Segundo os teóricos, a metáfora situa-se muito além da linguagem, já que o seu *locus* é o pensamento e, assim sendo, a metáfora é um instrumento de cognição, primordial para se entender conceitos abstratos, estruturando a maneira como o indivíduo percebe o mundo e suas relações. Comentando a mudança de paradigmas que Lakoff e Johnson provocaram nos estudos metafóricos, o pesquisador Carlos Guedelha assinala que

O embrião da teoria de Lakoff & Johnson é a ideia de que as expressões metafóricas que utilizamos no dia a dia não são aleatórias, como muitas vezes pode parecer. Elas são apenas as expressões que trazem para a superfície uma rede metafórica profunda que não tem a ver com a linguagem apenas, mas fundamentalmente com a cognição e com o sistema conceptual que norteia nossas concepções (GUEDELHA, 2013, p. 147-148).

Os conceitos e terminologias da teoria conceptual da metáfora são explorados na pesquisa para a leitura de metáforas de Ailton Krenak, com o apoio teórico dos seguintes textos: *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Johnson (2002), *Metáfora*, de Tony Sardinha (2007) e *A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*, de Carlos Guedelha (2013).

Em “Oralitura e transgressão literária: o paraquedas colorido de uma sociedade contracolonialista”, o quarto capítulo, refletimos sobre o conceito de oralitura apresentado pela professora Leda Maria Martins (2003). Entendemos tal conceito como uma proposta de transgredir a cosmovisão eurocêntrica e hierarquizada sobre literatura e palavra escrita em relação às narrativas orais e do corpo como a voz, os gestos e adereços, por exemplo. Ao final de cada capítulo, em “É tempo de retomar”, apresentamos um resumo sobre o que foi proposto e anunciamos o que se lerá no capítulo seguinte.

Somadas à “Introdução” e às “Considerações”, as reflexões propostas nos capítulos apresentados buscam nos levar a perceber a importância da linguagem e dos textos literários para questionarmos a continuidade de práticas colonialistas e as desigualdades sociais contemporâneas que constituem a humanidade que pensamos ser. Para Krenak (2020b, p. 82) “esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”. Diante de tal concepção, uma das ideias do líder indígena para adiarmos o nosso fim de mundo é expandir nossas subjetividades. O intelectual explica: “Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência” (KRENAK, 2020b, p. 33). Além de todos os objetivos já citados, procuramos que esta Dissertação estimule o leitor a manter suas poéticas sobre existência.

1 “NOS DESCONECTAMOS DO ORGANISMO VIVO DA TERRA”

Interromper ou desfazer a conexão; interromper a passagem de (uma corrente elétrica), impedindo sua conexão com a fonte de força, separar, desunir. Essas são definições do Dicionário Houaiss³ para o verbo desconectar. A nós, a relação entre o verbo desconectar e a falta de internet se faz comum na atualidade. Sobre tal relação, Ailton Krenak (2020b) observa estarmos “a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra” (KRENAK, 2020b, p.18). Eis o ponto de partida das nossas reflexões.

Véspera de uma nova década. Reflexões e rituais característicos. Enquanto o capitalismo aquecia o mundo como de costume no final de cada ano, no dia 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) era alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Uma semana depois, autoridades chinesas confirmavam a identificação de um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2, responsável por causar a Covid-19.

O surto de Covid-19 se espalhou em todas as regiões do mundo, levando a OMS a decretar uma pandemia em 11 de março de 2020. Pouco entendíamos que o cancelamento ou o adiamento dos nossos planos seriam as nossas menores preocupações dali em diante. Enquanto a realidade das atividades remotas invadia nossas rotinas, as mais diversas e conspiratórias narrativas circulavam com o vírus: que ele fora criado em laboratório como arma biológica financiada pelo Bill Gates, que fora espalhado pelos governos da China ou dos Estados Unidos, que tinha sido criado pela indústria farmacêutica para lucrar com venda de vacinas, que não passava de uma gripezinha. Junto às narrativas novas palavras e termos, cuidados e hábitos

Lockdown, quarentena, isolamento social, live. Máscara, álcool em gel, oxigênio, live. Home office, distanciamento, cloroquina, live. E foi de live em live, experienciando a vida humana em crise, que cheguei a uma entrevista e me impactei com o pensamento de Ailton Krenak. A cosmopercepção no discurso metafórico do intelectual sobre a relação entre modernidade, pandemia, humanidade e natureza direcionaram a escrita deste artigo, no qual proponho um diálogo entre os argumentos apresentados, a globalização perversa de Milton Santos (2022) e perspectivas contracoloniais e transgressoras.

³ Disponível em: <http://www.uol.com.br/houaiss>. Acesso em 1º março 2023.

Não foram os tempos pandêmicos, porém, que fizeram do ativista Ailton Krenak uma importante voz mundial em defesa dos povos indígenas, de suas cosmopercepções e saberes. Nascido em 29 de setembro de 1953, no município de Itabirinha, região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, Ailton Alves Lacerda Krenak, liderança do povo Krenak, é um dos maiores pensadores do nosso tempo. Da etnia Krenak, o ambientalista, jornalista e escritor questiona, há muito tempo, a colonização, o capitalismo, a modernidade e essa humanidade que pensamos ser baseada em narrativas colonialistas, silenciadoras e hegemônicas. Krenak nos ensina que

o nome *krenak* é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, *kre*, que significa cabeça, a outra, *nak*, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como ‘cabeça da terra’, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra. (KRENAK, 2020a, p.48)

Na década de 1980, Ailton Krenak integrou a União das Nações Indígenas (UNI), iniciativa que reunia e representava indígenas em busca da garantia de direitos. “Meu trabalho junto à União das Nações Indígenas é minha vida. Porque minha vida só terá sentido na medida em que eu puder resgatar uma identidade” (KRENAK in: COHN, 2015, p. 22). Na vida dedicada à luta pelos direitos indígenas e em defesa da natureza, destaca-se também a atuação na Aliança dos Povos da Floresta liderada por Chico Mendes. No dia 4 de setembro de 1987, aos 34 anos, Ailton Krenak proferiu um discurso histórico em defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas, ato decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988. Ailton, que trajava um terno claro, pintou o rosto com tinta preta de jenipapo, símbolo de luto e de luta para os Krenak, enquanto pronunciava que

(...) O povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocou em risco a existência, sequer, dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. [...] Um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas, um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser de forma nenhuma contra os interesses do Brasil ou que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros do Brasil. V. Ex. são testemunhas disso (KRENAK in COHN, 2015, p. 34-35).

Em 2000, Krenak apresentou e realizou as entrevistas da série Índios do Brasil, produzida pelo MEC - TV Escola e pela ONG Vídeo nas Aldeias. Em 2020, o escritor venceu o Prêmio Juca Pato de “Intelectual do ano”. Em junho de 2022, foi eleito para a Academia

Mineira de Letras. É professor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília (UnB). De sua bibliografia destacam-se as obras *O eterno retorno do encontro* (1999); *O Lugar Onde a Terra Descansa* (2000); *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020a); *A vida não é útil* (2020b); *O Sistema e o Antissistema. Três Ensaios, Três Mundos no Mesmo Mundo* (2021); *Lugares de Origem* (2021) e *Futuro Ancestral* (2022).

A cosmopercepção apresentada nos textos de Krenak influencia estudos em diversas áreas e campos de pesquisa: saúde, ciência, tecnologia são temas abordados a partir da perspectiva krenakiana em artigos como *O pensamento indígena e o campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade: discussões a partir do livro “A vida não é útil” de Ailton Krenak*, de Lívia Weyl Costa (2021) e *O som dos maracás (homenagem a Ailton Krenak): medicinas indígenas e saúde pública*, de Marina Cardoso (2020). A relação entre o discurso krenakiano e a filosofia pode ser percebida em textos como *Perspectivismo narrativo em Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak*, de Guilherme Preger (2020) e *Relação entre natureza e humanidade em Walter Benjamin e Ailton Krenak*, de Patrícia Carvalho (2021). Renato Brunassi Silva (2020), discorre sobre cotas em *Ailton Krenak na política de cotas sociais e epistêmicas do diversitas/FFLCH-USP*.

Na história, artigos como *O historiador-pesquisador, as fontes e o Brasil indígena*, de Francisco Gonçalves Queiroz Payayá (2020) e *A história indígena na perspectiva de luta dos povos indígenas: Ailton Krenak e o “eterno retorno do encontro”*, de Fernando Rosa do Amaral (2012) tratam a história a partir da perspectiva krenakiana. A história se une à literatura a partir de cosmovisões indígenas apresentadas em *A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano*, de Leno Francisco Danner, Julie Dorrico e Fernando Danner (2018).

No campo da linguagem, a obra de Ailton Krenak é destacada em estudos voltados à literatura indígena, os quais citam também autores como Graça Graúna, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Márcia Kambeba e Daniel Munduruku, dos quais destaco *Para Ailton Krenak em A vida não é útil, “somos a praga do planeta”, mas podemos mudar*, de Melina Savi (2021); *Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais* (2017) e *A estrutura do homem integrado à natureza como princípio da literatura brasileira contemporânea* (2019) de Julie Dorrico; *Literatura Indígena: entre memórias*, de Renata Lourenço dos Santos e Eliana Márcia dos Santos Carvalho (2021) e *O conceito de literatura a partir da escrita e*

das falas de escritores indígenas, de Rosana Cristina Zanelatto Santos e Leticia Cintra Paulo de Oliveira (2021).

Aos 69 anos, Ailton Krenak mora com a família na comunidade Krenak, em Resplendor (MG), região do médio rio Doce. Segue se dedicando à luta pela afirmação e pelo direito à existência dos povos indígenas no Brasil diante dos ataques históricos e modernos, estes experienciados de maneira avassaladora em Minas Gerais como consequência do “combo” exploração + desenvolvimento + progresso. Em novembro de 2015, o rompimento da barragem do Fundão, da empresa Samarco (controlada pela Vale S/A e pela mineradora anglo-australiana BHP Billiton), ficou conhecido como um dos maiores crimes socioambientais dos últimos tempos. Segundo Laurino (2020) a lama tóxica com cerca de cinquenta milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração de ferro percorreu quase 700 km entre a cidade de Mariana e o Oceano Atlântico. Os impactos disso são imensuráveis para o rio Doce e o povo Krenak. Conforme explica o líder indígena,

O rio Doce que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. [...] está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma (KRENAK, 2020a, p. 40-42).

Em janeiro de 2019, mais um incidente criminoso assola Minas Gerais, dessa vez em Brumadinho, onde rompeu a barragem Córrego do Feijó, também controlada pela empresa Vale S/A. O crime lançou 13 milhões de metros cúbicos de lama tóxica no meio ambiente, ocasionando 259 mortes (LAURINO, 2020). “Duas barragens, uma em Mariana e outra em Brumadinho, derramam ferro em cima da gente. O longo processo de desenvolvimento dessas tecnologias que nos enchem de orgulho também encheu os rios de veneno” (KRENAK, 2020b, p. 27).

A vida humana, continuamente envenenada pela exploração, também sofre ataques diretos e brutais. Segundo o relatório *Last line of defence*, lançado pela ONG *Global Witness* em 2021⁴, o Brasil foi o quarto país que mais matou ativistas ambientais em 2020, quando dos 227 homicídios registrados no mundo, 20 ocorreram no Brasil. Ainda de acordo com o relatório que coleta dados sobre assassinatos de ativistas ambientais desde 2012, já foram registrados 317 óbitos no país. Cerca de três quartos dos crimes contra ativistas brasileiros e peruanos ocorreram no território amazônico. Ao relembrar alguns dos mais marcantes

⁴ Disponível em: <<https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/last-line-defence/>>. Acesso em 30 ago. 2022.

assassinatos de ativistas na Amazônia brasileira, buscamos refletir sobre a influência da estrutura colonialista do Estado nos assassinatos de Chico Mendes, Dorothy Stang, Bruno Pereira e Dom Phillips, evidenciando a relação entre colonialidades, poder e devastação da Amazônia.

1.1 Estado colonialista x preservação ambiental: uma luta regada a sangue

Foi em uma emboscada nos fundos de sua casa, em Xapuri, no Acre, que o seringueiro e ativista ambiental Francisco Alves Mendes Filho foi assassinado por Darci Alves, filho do fazendeiro e grileiro de terras Darly Alves, mandante do crime, em 22 de dezembro de 1988. Filho de seringueiro, nascido no seringal Porto Rico, em Xapuri, Chico Mendes cresceu em meio às relações exploratórias de proprietários de terra sobre comunidades extrativistas.

Segundo Weiss (2017), diferentemente da realidade da maioria dos seringueiros, Chico Mendes aprendeu a ler e a escrever. Foi alfabetizado pelo militante comunista Euclides Fernandes Távora, que morou em Xapuri ao retornar ao Brasil após a Revolução de 1952, na Bolívia. Aliado às vivências do seringal, o contato com Euclides Távora e as conversas sobre assuntos trabalhistas e movimentos sindicais estimularam o ativismo político de Chico Mendes na luta pela preservação da floresta.

Na década de 1970, as ações políticas do regime militar voltadas à Amazônia beneficiavam a elite empresarial, gerando uma onda de conflitos fundiários. Qualquer semelhança aos dias atuais não é mera coincidência. A substituição da borracha pela pecuária levou ao desmatamento de grandes extensões de áreas verdes e impediu a permanência de seringueiros na floresta. Em 1975, Chico Mendes funda a diretoria do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasileia, o primeiro criado no Acre. “É a partir da fundação do sindicato que Chico dará voz àquela parcela da população que tem seus direitos fundamentais negados” (PANTOJA, 2019, p. 66).

Ao lado do presidente sindical Wilson Pinheiro, Chico iniciou uma estratégia pacífica de resistência aos ataques sobre a floresta, conhecida como empate. Sob liderança do sindicato, a comunidade extrativista seguia para a área que seria desmatada pelos pecuaristas e se colocava à frente dos maquinários e dos serviços da pecuária. Famílias inteiras, mulheres, crianças e idosos acompanhavam as lideranças para mostrar que, com a desmatamento da floresta, vidas humanas conectadas à natureza também estavam sendo ameaçadas. Em 1980, quando o movimento dos seringueiros se espalhava por toda a região,

o líder Wilson Pinheiro foi assassinado dentro do sindicato a mando de fazendeiros locais. De março de 1976 até 1988, os seringueiros promoveram 45 empates, sendo 30 derrotas e 15 vitórias dos extrativistas (WEISS, 2017).

Em 1985, a unificação de pautas de interesses comuns a seringueiros, povos indígenas, pescadores artesanais, população ribeirinha, castanheiros e quebradoras de coco foi destaque no 1º Encontro Nacional de Seringueiros, coordenado por Chico Mendes e realizado na Universidade de Brasília. Além da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), o Encontro deu início ao debate sobre a criação de áreas de preservação florestal, onde conviveriam povos indígenas e extrativistas comprometidos com a extração não predatória de recursos como látex, peixes e castanhas. Essas áreas ficaram conhecidas como Reservas Extrativistas (Resex) e originaram o conceito de desenvolvimento sustentável que surgiu com o evento Rio 92 (PANTOJA, 2019).

Considerado o principal legado de Chico Mendes, as Reservas Extrativistas são uma espécie de reforma agrária aos moradores das florestas. Ao mesmo tempo que trouxeram repercussão internacional ao ambientalista, a criação das Resex foi grande motivação para seu assassinato. O sangue de Chico Mendes regou, portanto, uma luta contra a estrutura colonialista do Brasil, visto que se trata de uma reação, persistente ainda nos dias de hoje, contra os modelos de desenvolvimento definidos pelo Estado que incentivavam a implantação de projetos agropecuários, madeireiros e de mineração na região amazônica brasileira, legitimando o desmatamento.

Apesar da trajetória de luta de Chico Mendes, Ailton Krenak nos lembra que “Outro dia uma autoridade pública aqui no Brasil disse sobre ele: “Quem é esse cara?”. Ou seja, o que o Chico fez sequer significa algo para um concidadão que ocupa um lugar de liderança e privilégio em nossa sociedade e que tinha a obrigação de saber quem foi ele (KRENAK, 2020b, p. 64).

O sangue da missionária Dorothy Mae Stang também rega a luta pela preservação da natureza no Brasil. Aos 73 anos, irmã Dorothy foi brutalmente assassinada com seis tiros à queima roupa, um deles na cabeça, no município de Anapu, Oeste do Pará. A sentença de morte da freira norte-americana? Trabalhar pelo direito à terra. Nascida em Dayton, Estado de Ohio, a irmã Dorothy veio para o Brasil em 1966 para difundir o cristianismo, mas, ao entender a realidade agrária em Anapu, a missão cristã se expandiu para uma visionária luta ambiental (BARBOSA, 2015).

A missionária integrou a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e liderou ações do primeiro projeto de desenvolvimento sustentável de agricultura familiar no município, o

PDS Esperança, considerado o estopim para seu assassinato. Ainda segundo Barbosa (2015), o assentamento foi criado por Stang em 1999 e o projeto foi implantado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em 2003, incomodando madeireiros e empresários do agronegócio.

O projeto regulamenta o assentamento de agricultores em lotes de terra, sendo 20% do território destinados à produção de maneira sustentável e 80% ao manejo florestal comunitário (BARBOSA, 2015). A luta pela garantia da regularização da terra para famílias de trabalhadores rurais e pela preservação da floresta passou a guiar a vida da ativista que entendia que matar as florestas era matar a nós mesmos, pensamento que evidencia nossa conexão à Terra.

Considerado o sucessor de Dorothy Stang, o defensor dos direitos humanos Padre José Amaro Lopes de Souza explicou em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos (IHU On-Line) publicada 19 de fevereiro de 2011 que

Pouco mais de 17 mil habitantes vivem no município de Anapu, sendo que 80% deles estão na zona rural. Não sei precisar o número de famílias assentadas em toda a cidade. Em Anapu, existem os Projetos de Assentamentos – PA e os Projetos de Desenvolvimento Sustentável – PDS 1, 2, 3 e 4. Entre esses PDS, tem o PDS Esperança, onde Ir. Dorothy foi assassinada, no lote 55. Mais de 300 famílias estão assentadas no PDS Esperança, mas algumas ainda estão em situação irregular. (SOUZA in: UNISINOS, s/p, 2011)

Nascido no Maranhão, o seminarista conheceu Anapu a convite de irmã Dorothy, em 1989. Padre Amaro se encantou pelo modelo de preservação e distribuição de terras que estava sendo implantado no município e, desde então, é membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Considerado sucessor de irmã Dorothy, ele dá continuidade ao trabalho de orientação a trabalhadores rurais que buscam a posse de terras públicas em Anapu.

Para Padre Amaro Lopes de Souza, o ponto de partida dos conflitos por terras na região foi a abertura da Transamazônica, “quando o Governo Militar cortou o coração da floresta para construir essa bendita estrada e depois abandonou o povo da região. Além disso, muitas pessoas do sul do país passaram a se dizer donas das terras, sem nunca terem vindo à região”. O ativista explica que, apesar da criação dos PDS, a lentidão da justiça na liberação de terras que estão sob júri leva famílias a ocuparem áreas ilegais “e o setor madeireiro se aproveita desse povo simples para retirar a madeira ilegal. O conflito se dá em função disso” (SOUZA in: UNISINOS, s/p, 2011).

Em 2018, aos 51 anos, Padre Amaro foi preso por 92 dias entre os meses de março e junho, acusado de associação criminosa, ameaça, extorsão, invasão de propriedade e

lavagem de dinheiro, em um processo cheio de irregularidades aberto após denúncia feita por fazendeiros da região, liderada por Silvério Fernandes, madeireiro e presidente do Sindicato Rural de Anapu. Sobre as acusações, o Padre explica, em entrevista concedida a Daniel Camargos, para o Jornal do País, publicada em 6 de dezembro de 2018, que

A família Fernandes fez parte do consórcio que matou a Dorothy [Laudelino Délio Fernandes foi apontado como facilitador da fuga de Vitalmiro Matos de Moura, o Bida, um dos mandantes]. Eles [os Fernandes] se dizem donos dessas terras. Qual a raiva que se tem? É que o PDS foi criado dentro da área que o Délio tinha vendido para o Taradão [Regivaldo Pereira Galvão, que foi condenado como o outro mandante da morte de Dorothy]. O Taradão vendeu para o Bida e eles mandaram matar a Dorothy. Esse consórcio matou a Dorothy. (SOUZA, in CAMARGOS, s/p, 2018)

Ao ser perguntado se, mesmo com o assassinato de irmã Dorothy, com a perseguição que o levou à cadeia e com os assassinatos de 16 trabalhadores em um período de três anos em Anapu, vale a pena toda essa luta, o Padre responde “Vale. Você nem imagina. [...] Se for para morrer defendendo esse povo eu acho que estou pronto”. (SOUZA in: CAMARGOS, s/p, 2018)

De Xapuri a Anapu, de Anapu a Atalaia do Norte. A luta pela defesa dos povos da floresta e pela preservação da Amazônia diante da inércia do Estado também é regada com sangue no Amazonas, como demonstram os recentes assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips em junho deste ano, passados 33 anos do assassinato de Chico Mendes e 17 anos do assassinato de Dorothy Stang. Os ambientalistas ficaram desaparecidos entre os dias 5 e 15 de junho de 2022, quando o pescador Amarildo da Costa Oliveira, vulgo Pelado, confirmou envolvimento nos assassinatos, apontando a localização dos corpos, que teriam sido esquartejados e incendiados.

Natural de Recife (PE), Bruno Pereira dedicou parte da vida a trabalhos que garantissem a preservação ambiental e a proteção dos povos indígenas. Ingressou na Fundação Nacional do Índio (Funai) em 2010, integrando a coordenação regional da Funai em Atalaia do Norte, dois anos após o ingresso. Em 2018, atuou como coordenador-geral de Índios Isolados e de Recente Contato da Diretoria de Proteção Territorial, chefiando a maior expedição do órgão nos últimos 20 anos. Um dos principais especialistas do órgão, Pereira vinha liderando todas as iniciativas de proteção a povos isolados. Sem qualquer tipo de argumentação técnica, em outubro de 2019, o indigenista foi exonerado por Marcelo Augusto Xavier da Silva, então presidente da Funai (MÜLLER, 2022).

Apesar do afastamento, Pereira continuou desenvolvendo trabalhos na região do Vale do Javari. Ele fazia parte do Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato (OPI) e atuava em um projeto de vigilância em territórios indígenas contra narcotraficantes, garimpeiros e madeireiros que atuam no Vale do Javari. Segundo reportagem publicada no dia 15 de junho de 2022 no portal G1 Amazonas, na ocasião do assassinato, Pereira viajava com o objetivo de realizar reuniões em cinco aldeias na região da calha do rio Curuçá para conversar sobre o território e traçar estratégias de proteção à Terra Indígena (TI) Vale do Javari, a segunda maior do país.

Segundo Brasileiro (2020), a TI homologada em 2001, compreende 8.544.448 hectares de terras demarcadas. Sob a jurisdição da Coordenação Regional Vale do Javari - CRVJ, com sede no município de Atalaia do Norte, Amazonas-Brasil, a TI abriga, atualmente, sessenta e três aldeias. Por fazer fronteira com a Colômbia e o Peru, a TI é rota para o tráfico internacional de drogas, sendo considerada uma das mais perigosas regiões na Amazônia brasileira.

"Como Salvar a Amazônia?" era o título do livro que estava sendo produzido por Dominic Mark Phillips. O jornalista pretendia entrevistar lideranças indígenas e ribeirinhos para compor o trabalho que, de acordo com reportagem de Fellet (2022) publicada pela BBC News Brasil em 11 de junho de 2022, já contava com dois terços de escrita e visava contribuir com ideias para solucionar os conflitos na Amazônia. A produção do livro teve início em 2021 e contava com o apoio da Fundação Alicia Patterson, sediada na Bahia, onde Phillips residia (FELLETT, 2022).

Conforme Sobrinho (2022), em reportagem publicada pelo UOL Notícias em 15 de junho de 2022, a paixão de Dom pela música, seu primeiro campo de atuação jornalística, se expandiu para a Amazônia. Em 2007, o jornalista e músico foi a São Paulo entrevistar DJs brasileiros para finalizar seu livro "Superstar DJs Here We Go!: The Rise and Fall of the Superstar DJ" (Ebury Digital), publicado em 2009. Desde então, passou a morar no Brasil e produziu diversas reportagens sobre política e meio ambiente para *Financial Times*, *New York Times*, *Bloomberg* e *Washington Post*.

Escreveu sobre os preparativos do país para a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016, mas nos anos seguintes passou a se dedicar a pautas ambientais, aumentando seu interesse pela preservação da Amazônia. Dom produzia uma reportagem para o Guardian quando conheceu Bruno, durante a já citada expedição ao Vale do Javari, em 2018. "Amazônia, sua linda", foi a última frase escrita por Dom em seu perfil no Instagram, cinco dias antes do desaparecimento (SOBRINHO 2022).

Após realizar o levantamento de uma série de reportagens sobre os assassinatos dos quatro ativistas ambientais, o que se percebe é uma grande morosidade na resolução dos casos e na punição dos envolvidos nos crimes. Por se tratar de um caso ainda em investigação, é quase certo que as seguintes informações postas aqui podem já ser antigas quando forem lidas. Dados da reportagem publicada no portal de G1 Brasília, em 22 de julho de 2022, informam que Amarildo da Costa Oliveira, vulgo “Pelado”, Oseney da Costa de Oliveira, conhecido como “Dos Santos” e Jefferson da Silva Lima, o “Pelado da Dinha”, foram presos no decorrer das investigações e devem responder por duplo homicídio qualificado e ocultação de cadáver.

Rubens Dario da Silva Villar, conhecido como “Colômbia” é suspeito de ser o principal mandante dos assassinatos. Em agosto de 2022, a Polícia Federal identificou indícios de que Rubens Villar seria líder e financiador de uma associação criminosa armada dedicada à prática da pesca ilegal. De acordo com o MPF, é investigada a prática dos crimes de associação criminosa armada, pesca ilegal e contrabando (SADI, 2022). Em outubro deste ano, a Justiça Federal do Amazonas concedeu a Rubens Villar, após pagamento de fiança de R\$ 15 mil, a liberdade provisória aplicada ao crime de uso de documento falso, mas ele continuará preso pela acusação de associação criminosa por pesca ilegal. Ele será submetido à monitoração eletrônica (FARIAS, 2022).

No caso do assassinato de Chico Mendes, Darly e Darci Alves foram condenados dois anos após o crime a 19 anos de detenção. Em 1993, os criminosos fugiram da prisão, sendo recapturados em 1996. Em 1999, Darly saiu do presídio para cumprir o restante da pena em prisão domiciliar, alegando problemas de saúde. No mesmo ano, Darci ganhou o direito de cumprir o restante da pena em regime semiaberto. “Hoje, infelizmente, eles circulam livremente na cidade de Xapuri, onde a gente tem o desprazer de conviver em restaurantes, fila de banco, na praça. Aonde a gente vai”, relatou a viúva de Chico, Ilzamar Mendes, em entrevista concedida a Yuri Marcel, publicada em 22 de dezembro de 2013, no portal G1 Acre.

Os julgamentos dos assassinos de Dorothy Stang iniciaram um ano após o crime, todos os envolvidos foram condenados. Segundo o Ministério Público, a morte da missionária foi encomendada pelos fazendeiros Vitalmiro Bastos de Moura, conhecido como Bida, e Regivaldo Galvão, o Taradão, ambos condenados a 30 anos de prisão acusados de mandantes do crime. Amair Feijoli da Cunha, o Tato, foi condenado a 18 anos de prisão como intermediário do crime, ele foi responsável por contratar os pistoleiros Rayfran das

Neves Sales e Clodoaldo Carlos Batista. A pena de Rayfran foi de 27 anos, a de Clodoaldo, 17 anos (BARBOSA, 2015).

Assassino confesso, Rayfran Sales foi beneficiado em 2013 com prisão domiciliar, por apresentar bom comportamento na cadeia. Em 2014, o executor de Dorothy se envolveu em outro homicídio e voltou à prisão em regime fechado. Clodoaldo Batista, o comparsa de Rayfran, cumpria prisão em regime semiaberto, mas não se apresentava à justiça desde 2011 –sendo então considerado foragido. Em 20 de outubro de 2014, se apresentou à Justiça do Pará. Agora, responde à pena em regime semiaberto, tendo que se recolher à noite para dormir em uma casa penal da Região Metropolitana de Belém (BARBOSA, 2015).

A reportagem de Alex Rodrigues, publicada pela Agência Brasil em 17 de abril de 2019, relata que Regivaldo Pereira, o Taradão foi condenado em 2010 e preso em novembro de 2011. Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu-lhe um *habeas corpus* e o Superior Tribunal de Justiça (STJ) reduziu a pena para 25 anos. Respondeu o processo em liberdade entre 2012 e 2017. Retornou à prisão em 2017, com uma condenação em segunda instância. Em maio de 2018, com uma liminar do ministro Marco Aurélio de Mello, do STF, o criminoso passa a responder em liberdade. Em fevereiro de 2019, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu liminar que derrubou o *habeas corpus* e voltou a decretar a imediata prisão do fazendeiro. Ele foi preso em 16 de abril de 2019, em Altamira, a cerca de 140 quilômetros de Anapu.

De acordo com informações de reportagem publicada em 19 de setembro de 2013 pelo G1 Pará, o outro mandante do crime, Vitalmiro Bastos de Moura, o Bida, foi julgado pela primeira vez em 2007, quando quem recebia pena superior a 20 anos tinha direito a um novo júri. Em maio de 2008, Bida foi absolvido. O Ministério Público recorreu da sentença e o julgamento foi anulado. Em novo júri ocorrido em abril de 2010, Bida foi condenado novamente a 30 anos de prisão. Em maio de 2013, entendendo que houve cerceamento à defesa do acusado, a Segunda Turma do STF anulou a condenação, foi o segundo julgamento anulado. Em setembro do mesmo ano, o quarto julgamento sentenciou o fazendeiro a 30 anos de prisão, não podendo recorrer em liberdade. A prisão é em regime semiaberto.

Acusado de contratar os pistoleiros, Amair Feijoli da Cunha, o Tato, responde em prisão domiciliar. Em 2021, porém, segundo reportagem de Aline Nascimento publicada em 30 de junho de 2021 no portal G1 ACRE, o Ministério Público Federal (MPF-AC), abriu inquérito para investigar Amair da Cunha por compra e desmatamento de terra dentro da unidade de conservação ambiental Floresta Estadual Antimary (FEA), na BR-364 entre Sena Madureira e a cidade do Bujari, interior do Acre, de onde estaria retirando madeira

ilegalmente e criando gado. Amair já era investigado por desmatar uma área de 600 hectares, criar gado e ameaçar moradores da FEA. Ele também é alvo do Ministério Público do Acre (MP-AC), da Polícia Civil de Sena Madureira, Batalhão de Policiamento Ambiental (BPA), Instituto de Meio Ambiente do Acre (Imac) e Secretaria de Meio Ambiente Estadual (Sema).

Em junho de 2022, o fazendeiro passou a ser investigado por se apossar de terras públicas. Ao cumprir mandados judiciais na Fazenda Canãa, ocupada atualmente pela família de Feijoli, a Polícia Civil apreendeu três armas de fogo, um rifle calibre 22, munições calibre 12 e um colete à prova de balas que, provavelmente, faz parte do patrimônio de uma das forças de segurança. Quatro pessoas que estavam na fazenda foram presas por posse ilegal de arma de fogo de uso permitido. Nem Amair e nenhum outro integrante da família foram encontrados. Segundo as investigações, Patrick da Cunha, filho do fazendeiro, é procurado por tentativa de homicídio, e o pai dele por ameaçar os moradores e por posse ilegal de arma de fogo (NASCIMENTO e ROBERTA, 2022).

Os casos lembrados são apenas alguns de destaque em meio a uma realidade de guerra, iniciada no período da colonização, entre o Estado e aqueles que lutam para continuar conectados à Terra, que entendem a vida humana como parte da natureza. É chocante a apatia no desenrolar das investigações e julgamentos dos assassinatos de ativistas ambientais por parte do sistema jurídico brasileiro. Os dados levantados sobre os casos Chico Mendes, Irmã Dorothy, Bruno e Dom abrem as reflexões sobre a relação entre colonialidades, globalização, poder e devastação da Amazônia.

O que se pretende com o levantamento desses dados é reivindicar que as violências coloniais sobre a natureza e sobre os que a defendem não se analisam por um recorte de tempo, muito menos por uma questão político-partidária, mas a partir do processo de colonização, da implementação do sistema-mundo moderno (WALLERSTEIN, 2005), instituição que pretendemos contestar, e da globalização perversa (SANTOS, 2022). Ao refletir sobre a relação entre os povos indígenas e a modernidade, Ailton Krenak explica que “os povos nativos resistem a essa investida do branco porque sabem que ele está enganado, e, na maioria das vezes, são tratados como loucos” (KRENAK, 2020b, p. 112), evidenciando não apenas a diferença, mas a hierarquia entre as percepções. Logo, o que foge à cosmovisão do branco é considerado loucura.

Segundo Bosi (1992, p.11), “as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*” e a relação entre essas palavras dialoga com a exposição dos fatos relatados neste capítulo. Ao analisar a dinâmica da cultura brasileira, o autor explica que a colonização é um processo no qual podemos identificar três planos:

a) o da conquista da terra e exploração da força-de-trabalho (para indicar esta dimensão econômico-política escolhi o verbo latino *colo*, no presente do indicativo: ocupo, cultivo, domino); b) o da memória dos colonizadores e dos colonizados, responsável por grande parte das suas expressões afetivas e simbólicas (indiquei pelo particípio passado *cultis* esta dimensão religiosa e, em senso lato, tradicional); c) o dos projetos, em geral leigos, que visam à construção de um futuro *moderno* e de uma identidade nacional. Dei aqui à palavra *cultura*, tirada do particípio futuro, esta dimensão intelectual e técnica que tende a autonomizar-se a partir das Luzes (BOSI, 1992, p. 389).

Podemos inferir que a raiz das violências impostas a ambientalistas no Brasil esteja na busca pela conquista de territórios para exploração de recursos. Tal conduta tem suporte na ideia de desenvolvimento e progresso, o que Bosi (1992) apresenta como a construção de um futuro moderno, cuja dimensão intelectual e técnica tendem a autonomizar-se. Não à toa apresento a absurda morosidade e apatia em relação à resolução dos casos. A injustiça é tanta que envolvidos nos três casos expostos estão soltos e, alguns, novamente envolvidos em crimes ambientais. A banalização da vida dos que defendem a floresta é uma ferida colonial e, a partir disso, podemos refletir compreendendo que “as relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem” (BOSI, 1992, p. 11).

Vale pontuar que, durante a escrita deste texto, 50 milhões de pessoas se encontram em situação de escravidão moderna em quase todos os países do mundo, segundo dados de 2021 do relatório *Global Estimates of Modern Slavery (2022)*⁵, produzido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em parceria com a Walk Free e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), publicado em 12 de setembro deste ano. Baseada em dados do Inpe, a reportagem do jornalista Carlos Madeiro publicada pelo site UOL informa que em apenas 25 dias de setembro de 2022, foi registrado o maior número de queimadas em 12 anos na Amazônia.

Já os dados da Coleção 7 do Mapeamento da superfície de mineração industrial e garimpo no Brasil do MapBiomias (2022)⁶, publicado no mesmo mês, informam que a devastação provocada pelo garimpo dobrou em apenas dez anos no Brasil, passando de 99 mil hectares para 196 mil entre 2010 e 2021, e a Amazônia concentra 91,6% de toda a área afetada. Segundo reportagem de Gabriela Moncau (2022), publicada no site de notícias

⁵ Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---ipecc/documents/publication/wcms_854733.pdf>. Acesso em 30 set. 2022.

⁶ Disponível em: <https://mapbiomias-br-site.s3.amazonaws.com/MapBiomias_Minera%C3%A7%C3%A3o_2022_30_09.pdf>. Acesso em 30 set. 2022.

Brasil de Fato⁷, entre 3 e 13 de setembro de 2022, seis indígenas dos povos Pataxó, Guarani Kaiowá e Guajajara foram assassinados e um cometeu suicídio nos estados da Bahia, do Mato Grosso do Sul e do Maranhão. Além disso, casos de racismo e de extrema violência contra mulheres repercutem quase diariamente na mídia nacional. Ressaltamos que apresento dados que repercutem na mídia, obviamente muitos outros casos de violência e devastação ambiental acontecem o tempo todo, estão acontecendo agora. Apesar do fim do colonialismo histórico, caracterizado pelo período de ocupação territorial estrangeira, experienciamos uma perversidade sistêmica ocasionada pelo presente processo de globalização (SANTOS, 2022), fomentando a continuidade do modo de dominação colonial na sociedade contemporânea e, talvez, tão violento como no período das invasões.

Santos (2022), considera a globalização como o apogeu da internacionalização do mundo capitalista moderno, do qual a tirania do dinheiro e da informação são os pilares. Ainda segundo o geógrafo, a associação entre tais tiranias conduz “à aceleração dos processos hegemônicos, legitimados pelo ‘pensamento único’, enquanto os demais processos acabam por ser deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente, tornando-se hegemônicos” (SANTOS, 2022, p. 45). Ou seja, percebe-se a busca pela hegemonia dos modos de vida e cosmo percepções de mundo como presença constante desde a colonização até os atuais globalitarismos (SANTOS, 2022) a que estamos experienciando.

Tal busca pelo poder hegemônico promove uma perversidade sistêmica da qual a competitividade é regra absoluta. Para evidenciar que essa competitividade atua sobre todas as estruturas sociais, o autor explica que

O outro, seja ele empresa, instituição ou indivíduo, aparece como um obstáculo à realização dos fins de cada um deve ser removido, por isso sendo considerado uma coisa. Decorrem daí a celebração dos egoísmos, o lastramento dos narcisismos, a banalização da guerra de todos contra todos, com a utilização de qualquer que seja o meio para obter o fim colimado, isto é, competir e, se possível, vencer. Daí, a difusão, também generalizada, de outro subproduto da competitividade, isto é, a corrupção (SANTOS, 2022, p. 71)

Percebemos o diálogo entre a perspectiva do globalitarismo de Santos (2022) e a atuação colonial sobre o sistema social, econômico, jurídico e político que nos estrutura por meio dos dados de violência apresentados. Portanto, corroboramos a ideia de que quaisquer

⁷ MONCAU, Gabriela. *Sete mortes em dez dias: violência contra indígenas dispara no Brasil*. Brasil de Fato, 2022. Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/15/sete-mortes-em-dez-dias-violencia-contra-indigenas-dispara-no-brasil>>. Acesso em 30 set. 2022.

projetos e pesquisas que se queiram decoloniais, contracoloniais e transgressores, voltados para decolonização da nossa relação com a Terra e com a natureza deva contestar a estrutura colonialista que ainda governa o mundo e a humanidade, propondo tal contestação por meio da cosmopercepção presente na literatura e no discurso metafórico de Ailton Krenak, como quando reflete

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. (...) Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom. Eles ficam horrorizados com isso, e dizem que somos preguiçosos, que não quisemos nos civilizar. Como se “civilizar-se” fosse um destino. Isso é uma religião lá deles: a religião da civilização (KRENAK, 2020b, p. 113)

Destacamos, portanto que, na cosmopercepção Krenak, a ideia de civilização é ressignificada. Enquanto estudamos, desde a educação básica, que ser civilizado equivale a ser educado e ter o comportamento adequado, Ailton Krenak contesta tal processo ao nos incentivar a entender a civilização como nada além de mais uma proposta de padronização eurocêntrica, imposta violentamente a povos indígenas e africanos. A fase inicial do atual processo da busca pela hegemonização do mundo.

1.2 Para além do wi-fi, ideias para conexão com a Terra

Conjunto de características específicas à natureza humana, sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos, o conjunto dos seres humanos, qualidade de quem realiza plenamente a natureza humana, (HOUAISS ONLINE, 2004)⁸ são definições dadas ao que entendemos sobre humanidade. Quando posto no plural, humanidades, o termo significa o estudo das letras clássicas, estudos clássicos, literários e filosóficos, de segundo e terceiro graus. Ao humano, única espécie do gênero Homo ainda viva, é tão comum a exploração de outras espécies de vida presente na Terra, que abordar o assunto pode ser complexo. Para iniciarmos as reflexões sobre o perfil exploratório da humanidade, Krenak nos convida a pensar “como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?” (KRENAK, 2020a, p. 10 – 11). Podemos inferir que a nossa concepção de

⁸ Disponível em: <http://www.uol.com.br/houaiss>. Acesso em 1º março 2023.

humanidade também é estruturada em narrativas violentamente impostas para beneficiar grupos que são a minoria, uma parte muito pequena de toda a porcentagem de vida existente na Terra, mas que detém quase todo o poder e o dinheiro do planeta. Na nossa concepção de humanidade não cabe nenhuma outra forma de vida que não seja a humana, aliás, vidas não-humanas estão presentes nessa concepção como recursos para exploração, para nos servir e nos enriquecer.

Diferentemente da concepção das sociedades estruturadas pela hegemonia epistêmica ocidental, que têm no consumo o motor da vida, que nos separa da natureza e nos impulsiona a predação o planeta, na cosmovisão Krenak todos nós somos natureza e compomos este planeta junto às florestas e aos outros animais. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, (2020a), Ailton Krenak apresenta nosso conceito estreito de humanidade como “uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos” (KRENAK, 2020a, p. 32 – 33). Vale destacar a explicação do autor sobre a forma curiosa como tal título surgiu

esse título é uma provocação. Eu estava no quintal de casa quando me trouxeram o telefone, dizendo: “Estão te chamando lá da Universidade de Brasília, para você participar de um encontro sobre desenvolvimento sustentável”. (A UnB tem um centro de desenvolvimento sustentável, com programa de mestrado.) Eu fiquei muito feliz com o convite e o aceitei, então me disseram: “Você precisa dar um título para a sua palestra”. Eu estava tão envolvido com as minhas atividades no quintal que respondi: “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2020a, p.15)

Podemos inferir que, o nascimento de um de seus títulos mais famosos acontecer enquanto realizava atividades em seu quintal, diz muito sobre a cosmopercepção krenakiana e pode nos ensinar a criar maiores interações com tarefas que consideramos banais. Sobre a concepção excludente da “humanidade que nós pensamos ser” (KRENAK, 2020a, p. 31), o intelectual indígena nos apresenta, em perspectiva metafórica, o “clube da humanidade”, ao qual é impossível que vidas não-humanas possam “se associar” e no qual vidas humanas são segregadas em camadas. Nesta perspectiva, o mundo é organizado em centro e periferia da humanidade. Na parte periférica do mundo estão todos os humanos mais próximos às vidas não-humanas, aqueles que ainda consideram que precisam ficar garrados à Terra, os que ficam pelas bordas do planeta, pelas margens dos rios e mares (KRENAK, 2020a).

Para o escritor, não existe coisa alguma que não seja natureza, o cosmos é natureza. Ele indaga então, por que essa cosmopercepção é apagada a favor de uma estrutura globalizante, que nos conta a mesma história? Para ele, esse sistema social que nos é imposto “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (KRENAK, 2020a, p. 22-23). Em resumo, um sistema de exclusão.

Enquanto grandes corporações seguem contaminando rios, exterminando outras espécies e distribuindo shoppings pelo mundo, a humanidade vai se afastando cada vez mais do que os Krenak chamam de Mãe Terra. O escritor analisa os núcleos que ainda consideram a ideia de estar agarrados à terra. São indígenas, quilombolas, aborígenes e caiçaras, a “sub-humanidade” (KRENAK, 2020a, p. 21). A existência desses grupos é uma forma de resistência a “essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania” (KRENAK, 2020a, p. 24). Esses sub-humanos ocupam as margens do planeta e, ao se afastarem do perfil consumidor, são considerados atraso ao progresso.

Ao refletir sobre violência estrutural e perversidade sistêmica, Santos (2022) destaca as funções do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, a tríade que sustenta tal sistema de perversidade. O processo de globalização atribuiu ao dinheiro e ao consumo o papel de reguladores da vida individual, sendo o dinheiro em estado puro indispensável à existência seja das pessoas, empresas e nações, legitimando e justificando quaisquer formas pelas quais ele é obtido. Nesse processo nasce também a necessidade de competir em todos os planos.

Santos (2022, p.69), entende a competitividade globalizada como “uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência”. Para obter mais dinheiro e ganhar a competição humana global é indispensável que se exerça o poder (potência em estado puro). Para isso, se faz necessário o uso da força. Podemos inferir que a construção desta tríade, nasce da “desnecessidade de responsabilidade perante o outro, a coletividade próxima e a humanidade geral” (SANTOS, 2022, p. 69). Em *A vida não é útil* (2020b), Krenak cita Milton Santos como uma estrela distinta no debate da globalização que sabia que um outro mundo não poderia ser a repetição deste.

Ao refletir sobre o período pandêmico contemporâneo e sobre o fato de que o vírus só atinge as pessoas, o líder indígena metaforiza nos explicando que “foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’” (KRENAK, 2020b, p. 10 - 11). Na cosmo percepção Krenak, a nossa humanidade é entendida como “a praga do planeta, uma espécie de ameoba gigante” (Krenak, 2020b, p. 9). Narrativas e reflexões sobre modernidade e pandemia, proferidas em palestras, entrevistas e

lives realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020 originaram as já citadas obras *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020a) e *A vida não é útil* (2020b), analisadas neste artigo.

Nestes textos, já traduzidos para inglês, espanhol, francês, italiano e alemão, Ailton Krenak revela-se um grande metaforista, considerando metaforista o escritor que utiliza metáforas de forma abundante em seus textos, tencionando traduzir, por meio delas, a sua visão de mundo (GUEDELHA, 2013). E é justamente isso que faz o escritor Ailton Krenak. Suas metáforas, ora solenes ora carnavalizadas, são, ao mesmo tempo, lança e escudo: armas de ataque e de defesa. Elas mostram a cosmopercepção do povo Krenak sobre o mundo e sobre a infeliz cosmovisão de humanidade que essa humanidade infeliz carrega. O humano se põe no topo de uma cadeia quando, na verdade, o planeta seguiria muito melhor sem ele.

Sobre as peculiaridades da contemporaneidade, Santos (2022) destaca que este período social é impulsionado por um motor único, uma mais valia universal sustentada por instituições globais que se valem da ciência e da técnica para alcançar cada vez mais ciência e técnica. “A atual competitividade entre as empresas é uma forma de exercício dessa mais valia universal” (SANTOS, 2022, p.38). Ao se pensar a estrutura econômica que organiza o mundo é possível perceber que a competitividade entre as empresas se dá pela busca de cada vez mais ciência e tecnologia, para estar sempre a frente, ser a maior, a melhor e a mais rica. Ao refletir sobre a relação entre academia e capital, o intelectual Milton Santos, nos lembra ainda que “quando na universidade, somos solicitados todos os dias a trabalhar para melhorar a produtividade como se fosse algo abstrato e individual, estamos impelidos a oferecer às grandes empresas possibilidades ainda maiores de aumentar sua mais-valia” (SANTOS, 2022, p. 38).

Tal concepção dialoga com o discurso metafórico de Ailton Krenak sobre a relação entre comunidade científica e a lógica capitalista. Conforme nos explica,

“Há muito tempo não existe alguém que pense com a liberdade do que aprendemos a chamar de cientista. Acabaram os cientistas. Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. (...) A gente sabe que as descobertas no âmbito da ciência, as curas para tudo, são uma baba. Os laboratórios planejam com antecedência a publicação das descobertas em função dos mercados que eles próprios configuram para esses aparatos, com o único propósito de fazer a roda continuar a girar (KRENAK 2020a, p. 63 – 64)

Para melhor entendermos tal relação entre cientistas e a lógica do mercado citada por Ailton, propomos analisar eventos e iniciativas consideradas importantes para nos desenvolvermos de forma sustentável. Há 30 anos, o Rio de Janeiro sediou a primeira

Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. Também conhecido como Eco-92, o evento contou com a presença de 178 chefes de governo e colocou o assunto ambiental na agenda pública. A Conferência propôs conscientizar a comunidade política internacional sobre a necessidade de conciliar o desenvolvimento socioeconômico à utilização dos recursos da natureza.

Em 2021, a cidade de Glasgow, na Escócia, sediou a 26ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre o Clima (COP26). Após duas semanas de negociações, foi publicado o "Pacto de Glasgow para o clima", documento que conta com 200 países signatários. Segundo especialistas, o texto traz avanços em relação à redução do uso dos combustíveis fósseis, mas não garante limitar o aquecimento global e nem atende às reivindicações dos países pobres por justiça climática, conforme reportagem de Laís Modelli, publicada pelo site G1 em 15 de novembro de 2021.

Apresentamos dados sobre tais eventos para refletir que, apesar das urgências ambientais, iniciativas capitaneadas por estruturas eurocêntricas se mostram pouco efetivas, pois, apesar de todo o discurso e engajamento proposto, trata-se de instituições que nascem a partir de uma perspectiva ocidental capitalista. *Greenwashing* é um termo em inglês traduzido como “lavagem verde”, sendo uma estratégia usada por governos, empresas, indústrias e organizações não governamentais para promover discursos e ações sustentáveis. Muitas dessas instituições, porém, tentam apenas se beneficiar da pauta socioambiental para vender mais produtos e esconder a devastação ambiental que geram. Percebemos que esse conceito dialoga com a seguinte reflexão de Krenak (2020a)

Pensem nas nossas instituições mais bem consolidadas, como universidades ou organismos multilaterais, que surgiram no século XX: Banco Mundial, Organização dos Estados Americanos (OEA), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. (...) Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos sua perpetuação, aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser (KRENAK, 2020a, p. 12-13).

Com a análise apresentada, podemos inferir que, quanto mais agimos em defesa da natureza, quanto mais ferimos os interesses de políticos, empresários e qualquer outro grupo criminoso ligado à exploração ambiental, maior o risco de sermos assassinados. Imaginamos que o risco de ser assassinado é menor ao nos engajarmos somente por meio de participações

em conferências da ONU, fruto do sistema. O fato a ser entendido é que, apesar da existência e do trabalho dessas instituições, continuamos nos desconectando do organismo vivo da Terra e “do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povo indígenas, mas a todos” (KRENAK, 2020a, p.49 – 50).

1.3 É tempo de retomar

Ao apresentar eventos importantes da vida de Ailton Krenak, é possível se ter uma noção, mesmo que ainda muito pequena e encoberta pela cosmovisão antropocena, das significações de mundo de povos indígenas. Com a modernidade em crise, a relevância da cosmopercepção Krenak se faz evidente, visto o levantamento de textos científicos sobre a vida e a obra do intelectual apresentados neste capítulo. A crítica ao sistema capitalista imposto pelo evento da colonização aos nossos territórios é o fio que tece as ideias entre os itens 1.1 e 1.2. Enquanto no primeiro item procuramos apresentar a relação entre a estrutura colonialista e aqueles que teimam em ser manter conectados à terra exemplificada nos relatos de assassinatos de ambientalistas na Amazônia, no segundo, buscamos evidenciar a contraposição moderna entre humanidade e natureza questionando a cosmovisão homogênea eurocêntrica moderna.

Ao destacarmos termos como *desconectar* e *Wi-fi*, buscamos nos apropriar da linguagem moderna tecnológica para, metaforicamente, atingir um público alvo, algo como uma estratégia para ganhar novos seguidores. Ressaltamos, portanto, não se tratar de um ataque às tecnologias modernas, nem pudera. A realização desta pesquisa e a escrita desta Dissertação não seria possível sem acesso à internet, computador, celular e o aporte de lives, redes sociais, canais de vídeos online, de onde saíram grande parte das referências usadas neste texto. Não temos a intenção de discorrer com viés fundamentalista. Apesar de Ailton Krenak questionar “o que há para ser celebrado no fato de que podemos falar numa live para 3 mil ou 4 mil pessoas por um aparelhinho que é produto de uma civilização que está comenda a Terra para fazer brinquedos” (KRENAK, 2020b, 59 – 60), nos apropriamos de aparatos como esses aparelhinhos para, por meio da conexão proporcionada por eles, socializarmos reflexões que nos instigue a parar de comer a Terra. Um cavalo de Tróia.

A partir desta abordagem, convidamos leitoras e leitores ao próximo capítulo com a seguinte reflexão: como é possível nos reconectarmos com a Terra sem ouvir os povos que fazem parte da natureza? Se quisermos propostas e iniciativas que, efetivamente, quebrem

paradigmas eurocêntricos e colonialistas, os intelectuais do nosso tempo, as nossas referências devem ser representantes dos povos indígenas e quilombolas, as mulheres e a comunidade LGBTQIAP+. É o que propomos ao dissertar sobre as cosmopercepções de Ailton Krenak e do Mestre Nêgo Bispo em perspectiva decolonial no capítulo a seguir.

2 DECOLONIALIDADE E CONTRACOLONIZAÇÃO: TEORIA ACADÊMICA E PRÁTICA QUILOMBOLA

Neste capítulo apresentamos, em dois tópicos, conceitos basilares da teoria decolonial e da prática contracolonalista. No primeiro tópico, intitulado “Giro decolonial entre as paredes da Academia”, apresentamos pontos da perspectiva crítica da colonialidade do poder, criada pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, para tratar da relação entre colonização da América e modernidade, elemento que consideramos a base da decolonialidade e que se faz essencial para adentrarmos a trajetória e o pensamento do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Para além de dados sobre a formação do grupo, enfatizamos os conceitos do chamado giro decolonial que dialogam com as outras categorias desta pesquisa, a partir dos autores Quijano (1992; 2005), Grosfoguel (2008), Santos e Meneses (2009), Walsh (2009), Ballestrini (2013), Mignolo (2017; 2020), Akotirene (2019) e Segato (2021). Tal aporte teórico contempla autores que compõem autores associados ao grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). No segundo tópico, nomeado “Começo, meio, começo: contracolonalismo e prática quilombola”, propomos uma análise de pontos convergentes e divergentes entre a teoria decolonial, surgida dentro dos padrões acadêmicos, e a prática quilombola de contracolonalização vivenciada e formulada pelo Mestre, poeta e intelectual Nêgo Bispo (SANTOS, 2015).

2.1 Giro decolonial entre as paredes da academia

“Se uma parte de nós acha que pode colonizar outro planeta, significa que ainda não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra. Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado” (KRENAK, 2020b, p. 26).

A colonização europeia sobre a América Latina originou a formação de uma nova ordem mundial, sendo esta, elemento fundante da estrutura de poder global na qual estamos imersos e que articula todo o planeta desde então. Nesta estrutura, dominadores europeus e euronorte-americanos são os principais beneficiários, enquanto os dominados e explorados em regiões como América Latina e África são as principais vítimas. Isso fica claro, por exemplo, ao pensarmos o patriarcado, a inferiorização da mulher, a discriminação de corpos racializados e a divisão do mundo em países de primeiro e de terceiro mundo.

Tal perspectiva é defendida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992) em *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad*. Nesse texto, considerado originário da teoria

decolonial, Quijano apresenta o conceito de colonialidade do poder e evidencia que a partir da colonização da América Latina criou-se uma complexa rede de organização mundial vigente até os dias atuais, imposto pelo que chamamos de países ocidentais. Das invasões coloniais nasceu uma relação de domínio e exploração direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados, o que conhecemos como colonialismo. Dialoga com tal perspectiva a definição que Carla Akotirene (2019) apresenta para o conceito de interseccionalidade, que, conforme a pesquisadora baiana trata-se da

instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 14)

Este modo de dominação, sustentado em cruzamentos e sobreposições colonialistas, sustenta uma estrutura global organizada em divisões sociais sistemáticas, tais como a racial, a étnica e a antropológica. Exemplo disso é a construção da ideia de pureza de sangue expressa no século XVI como base da hierarquização de pessoas, justificando a escravidão (MIGNOLO, 2020). Tais divisões eram antes apresentadas como fenômenos naturais, e não como fenômenos de uma estrutura projetada pelo poder. A inferiorização de corpos racializados e a disseminação de ideias como ‘índigenas são preguiçosos’ ou que negros são melhores em trabalhos braçais surge a partir daí, bem como a divisão entre atrasados e modernos, apesar de toda tecnologia de manejo de mundo praticada por populações indígenas da América e de povos africanos escravizados. Sobre a resistência dos povos à colonização do território latino-americano, Ailton Krenak (2020a) reflete

Eles não se renderam porque o programa proposto era um erro: “A gente não quer essa roubada”. E os caras: “Não, toma essa roubada. Toma a Bíblia, toma a cruz, toma o colégio, toma a universidade, toma a estrada, toma a ferrovia, toma a mineradora, toma a porrada”. Ao que os povos responderam: “O que é isso? Que programa esquisito! Não tem outro, não?” (KRENAK, 2020a, p.30)

O fundamento etnoracial da modernidade se deu por meio de três acontecimentos básicos: “a vitória da Cristandade sobre os mouros e os judeus, a colonização dos índios americanos, e a implantação da escravatura no Novo Mundo” (MIGNOLO, 2020, p. 216). O mundo moderno/colonial implantou a associação entre negro e escravo, conceito colonial cristalizado que reproduzimos ainda hoje ao falarmos “os negros”, quando queremos nos referir a povos escravizados, por exemplo. A exploração do território e de populações escravizadas no período da colonização europeia fundou as estruturas econômicas,

socioculturais e epistêmicas no Sul global. O conceito de Sul trabalhado aqui se sobrepõe ao geográfico, tratando-se do conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que não se desenvolveram economicamente como países da Europa e América do Norte (SANTOS e MENESES, 2009). Essa relação de submissão pode ser evidenciada desde o nome imposto ao território latino-americano. Em entrevista concedida a Jaider Esbell, publicada em 16 de julho de 2019, no canal UnBTV no Youtube⁹, Ailton Krenak pontua que chamar esse continente de América é de uma rendição absoluta a todo discurso colonialista, é homenagear Américo Vesúcio, navegador italiano a serviço dos Reinos de Espanha e Portugal (KRENAK, in: UNBTV, 2019). Ao pensar a permanência das relações de dominação fundadas no período das invasões até a contemporaneidade, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2018) define colonialismo como

todo o modo de dominação assente na degradação ontológica das populações dominadas por razões etno-raciais. Às populações e aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana que é atribuída aos que os dominam. São populações e corpos que, apesar de todas as declarações universais dos direitos humanos, são existencialmente considerados sub-humanos, seres inferiores na escala do ser, e as suas vidas pouco valor têm para quem os oprime, sendo, por isso, facilmente descartáveis (2018, s/p.).

Em entrevista à produção *Guerras do Brasil.doc*, de Luiz Bolognesi (2018), Ailton Krenak discute, o mito de origem criado sobre o processo de colonização da América latina e nos explica que

O Brasil não existiu, o Brasil é uma invenção e a invenção do Brasil, ela nasce exatamente da invasão. (...) Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença e se os brancos tivessem educação eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles povos e produzido outro tipo de experiência, mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui. (...) eles podiam ter todos morrido de inanição, escorbuto ou qualquer outra pereba nesse litoral se essa gente (indígenas) não tivesse acolhido eles, ensinado eles a andar aqui e dado comida para eles porque os caras não sabiam nem pegar um caju, eles não sabiam, aliás, que caju era uma comida. E eles chegaram aqui famélicos, doentes e o Darcy Ribeiro diz que eles fediam. Quer dizer, baixou uma turma na nossa praia que estava simplesmente podre. (...) Durante muito mais do que cem anos, o que os índios fizeram foi socorrer brancos flagelados chegando na nossa praia. Querem configurar isso como uma conquista nos termos de uma guerra de conquista, do que aconteceu no México, no Peru e em algumas outras regiões, seria ignorar a extensão dessa costa atlântica. Para ocupar, pra chegar ao mesmo tempo em todas essas bacias que desembocam no Atlântico você não tinha que ter uma canoa com trinta e sete portugueses, você tinha que ter trezentas canoas, com pelo menos uns três mil e

⁹ Acesse: Diálogos: Desafios para a decolonialidade. Youtube, 16 de jul. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=334s>.

tantos portugueses pra chegar na nossa praia (AILTON KRENAK, in: Guerras do Brasil.doc, 2018)

Com as populações colonizadas, uma diversidade de culturas e epistemes foi dizimada. Sobreviventes foram inferiorizados e marginalizados, os territórios foram submetidos à hegemonia eurocêntrica e à lógica colonialista/capitalista. A ideia de soberania entre nações foi arrematada pelo sistema do capital. Cosmopercepções, sistemas sociais e maneiras de entender a vida foram suprimidas. João Paulo Barreto, o Yupuri, antropólogo indígena Ye'pamahsã (Tukano) pontua que, conforme dados arqueológicos, há 14 mil anos povos indígenas habitam o território latino americano manejando a terra, a floresta, os rios, os animais e desenvolvendo tecnologias em alimentação, cerâmicas, medicina, enquanto o sistema epistemológico hegemônico que adotamos hoje é baseado em modelos de conhecimentos impostos há 523 anos. *“Nós fomos obrigados a negar todo esse nosso conhecimento. E nós somos obrigados a negar na medida que entramos na escola, na medida que nós estamos sendo catequizados, na medida que nós entramos na cidade nós somos obrigados a negar esse conhecimento”* (JOÃO PAULO BARRETO, in: INDIIOCAST, 2021).

O colonialismo promoveu uma relação extremamente desigual de saber-poder, subalternizando diversas epistemologias próprias dos povos e nações colonizados (SANTOS e MENESES, 2009). Visto isso, é possível inferir que o pensamento de Santos dialoga com a reflexão de Quijano (1992) sobre o elo entre o período de colonização europeia nas Américas e a construção da estrutura do poder global contemporâneo ao pontuar que

se observarmos as principais linhas de exploração e dominação social em escala global, as linhas matriciais do atual poder mundial, sua distribuição de recursos e trabalho entre a população mundial, é impossível não ver que a grande maioria dos explorados, dos dominados, dos discriminados, são exatamente os membros das "raças", dos "grupos étnicos", ou das "nações" em que foram categorizadas as populações colonizadas, no processo de formação desse poder mundial, a partir da conquista da América em diante (QUIJANO, 1992, p. 12, tradução nossa)¹⁰.

Os colonizadores promoveram um sistema brutal de repressão a tudo aquilo que não fosse útil à expansão da dominação, promovendo o apagamento de diversas epistemologias, cosmopercepções e modos de significações de povos que resistiram às violências coloniais.

¹⁰ se observan las líneas principales de la explotación y de la dominación social a escala global, las líneas matrices del poder mundial actual, su distribución de recursos y de trabajo entre la población del mundo, es imposible no ver que la vasta mayoría de los explotados, de los dominados, de los discriminados, son exactamente los miembros de las "razas", de las "etnias", o de las "naciones" en que fueron categorizadas las poblaciones coionizadas, en el proceso de fonnación de ese poder mundial, desde la conquista de America en adelante.

Para Krenak, “o que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais (...) é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza” (KRENAK, 2020a, p. 41). A contraposição entre indígenas e o desenvolvimento é uma perspectiva ainda atual.

Pontuamos que a insistência neste argumento é proposital e, com isso, destaco a violência colonial em contraposição a narrativas pautadas em miscigenação e identidade brasileira. A imposição da incorporação de padrões eurocentrados foi/é ferramenta fundamental “não apenas para impedir a produção cultural dos dominados, mas também como meios muito eficazes de socialização e controle cultural, quando a repressão imediata deixou de ser constante e sistemática” (QUIJANO, 1992, p. 12).

O sociólogo peruano propõe ainda que este sistema de repressão foi/é sustentado na elaboração e difusão de um complexo sociocultural nomeado de racionalidade/modernidade, surgido durante a consolidação da expansão colonial europeia. Trata-se de um sistema hegemônico de organização global sustentado pela premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro de uma humanidade obscurecida para inseri-la no seio da civilização. Essa relação se justificou pela imposição da ideia de que existe um único jeito de estar aqui na Terra (KRENAK, 2020a).

O fato de o surgimento da racionalidade/modernidade ocorrer durante o mesmo período da dominação europeia não pode ser entendido, de forma alguma, como acidental, visto que, neste contexto foi estabelecido um “paradigma universal de conhecimento e de relação entre a humanidade e o resto do Mundo” (QUIJANO, 1992, p. 14). As invasões coloniais implicaram decisivamente a construção desse paradigma europeu de conhecimento e isso, segundo Quijano, está revelado na atual crise científica e epistemológica da modernidade. O sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2008) reforça este argumento ao propor colonialidade e modernidade como duas faces de uma mesma moeda, explicando que

Da mesma maneira que a revolução industrial europeia foi possível graças às formas coercivas de trabalho na periferia, as novas identidades, direitos, leis e instituições da modernidade, de que são exemplo os Estados-nação, a cidadania e a democracia, formaram-se durante um processo de interação colonial, e também de dominação/exploração, com povos não-ocidentais (GROSGOQUEL, 2008, p. 125)

Podemos inferir, portanto, que toda sociedade organizada pelo Estado reproduz as estruturas colonialistas e se baseia no capitalismo, no machismo e no patriarcado. Isso se faz evidente no Brasil, se percebermos que a maioria da população é preta e feminina e que,

apesar disso, são raros os pretos e as mulheres que ocupam cargos de liderança e poder. É desta organização colonialista de Estado que surge o racismo estrutural.

Ao analisar o papel da América e do capitalismo colonial moderno na construção do sistema-mundo, Quijano (2005) apresenta um dos mais instigantes pontos de uma perspectiva crítica que orienta a intelectualidade decolonial: a colonialidade do poder. Tal perspectiva tem como um dos principais eixos a constatação da ideia de raça como instrumento basilar de dominação colonialista, ou seja

a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (QUIJANO, 2005, p. 117).

Além da racialização das relações de poder, o eurocentrismo e a hegemonia do Estado-nação sustentam a permanência da dominação colonial, evento que o sociólogo peruano define como colonialidade do poder, do saber e do ser. Segundo a socióloga argentina Rita Segato (2021, p. 39), ao considerar “a colonialidade e a invenção da raça como condições indispensáveis para a compreensão da ordem mundial moderna”, Quijano inaugura uma teoria latino-americana que cruza, no sentido contrário, a fronteira entre o Norte e o Sul geopolíticos. Impulsionado pelo contexto histórico do fim da Guerra Fria e da queda do Muro de Berlim, o sociólogo apresenta a orientação teórica que inicia o giro decolonial. Segato (2021) considera

a formulação da perspectiva crítica da colonialidade do poder desenvolvida por Aníbal Quijano como um momento de ruptura de grande impacto no pensamento crítico nos campos da História, Filosofia e Ciências Sociais na América Latina, por um lado, e de nova inspiração para a reorientação dos movimentos sociais e da luta política, por outro (SEGATO, 2021, p. 26).

Quijano (2005) argumenta que não se conhecia a ideia moderna de raça antes do surgimento da América. Essa concepção racial fundou identidades como índios, negros e mestiços. Em uma estrutura de poder global baseada em dominação, a ideia moderna de raça e identidade racial classificam as populações na estrutura social, legitimando relações de dominação impostas por colonizadores e pré-concebendo conceitos em relação às culturas, cosmovisões e religiosidades dos dominados e explorados.

No atual contexto histórico de crises científicas e sociais, no qual é evidente, em escala global, uma estrutura que exclui, inferioriza, marginaliza e mata mulheres e corpos racializados, faz-se urgente questionar o paradigma europeu hegemônico de racionalidade/modernidade e a instrumentalização da razão pelo poder. Ailton Krenak (2020a, 2020b) nos convida a ampliar a nossa criticidade em relação a essa ideia plasmada e homogeneizada sobre a humanidade, na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar da cidadania.

Conforme pontua Quijano (1992, p. 19), “a crítica ao paradigma europeu da racionalidade/modernidade é indispensável, mais que isso, é urgente”. O sociólogo propõe o extermínio da colonialidade do poder mundial por meio de uma descolonização epistemológica pautada em relações interculturais livres da prisão colonial, bem como a liberdade de todos os povos de escolherem como se darão tais relações. A organização de um processo de libertação social que promova o combate às dominações, explorações, discriminações e desigualdades.

A proposta de descolonização epistemológica apresentada por Quijano é repercutida de forma ampla nas correntes de pensamento do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) formado por intelectuais de universidades da América no final da década de 1990. Inspirado no Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos, um grupo de intelectuais latino-americanos se encontra nos Estados Unidos com o objetivo de inserir a América Latina aos debates pós-coloniais, formando o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos. Considera-se como marco de formação do grupo, o *Manifiesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos* (1998) (BALLESTRIN, 2013).

Ainda segundo Ballestrin (2013), o semiólogo argentino Walter Mignolo constata divergências teóricas e defende que o grupo de estudos latino não deveria se espelhar no contexto do grupo sul-asiático por conta da especificidade histórica da América no desenvolvimento do capitalismo, sendo o primeiro continente a sofrer a exploração colonial/moderna.

Grosfoguel (2008) complementa, ao criticar a preferência dos pesquisadores do grupo latino por teóricos eurocentrados como Foucault, Derrida, Gramsci e Guha, sendo os dois primeiros do cânone pós-estruturalista/pós-moderno ocidental e apenas o último a pensar a partir do Sul. “Ao preferirem pensadores ocidentais como principal instrumento teórico, traíram o seu objetivo de produzir estudos subalternos” (GROSFOGUEL, 2008, p. 116). Com a oposição entre pesquisadores que consideravam a subalternidade uma crítica pós-moderna (logo, eurocêntrica) àqueles que a viam como uma crítica decolonial

(subalternizados criticando o eurocentrismo), o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos foi desmembrado e uma pequena parte dos pesquisadores passou a integrar o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), sendo Walter Mignolo um dos seus fundadores.

Entendemos decolonialidade ou giro decolonial como uma corrente teórica latino-americana crítica à hegemonia epistemológica eurocêntrica e aos padrões de poder global impostos pelo processo de colonização europeia. Trata-se de um movimento social, intelectual, pluriversal e em constante construção, no qual vozes e corpos subalternizados, bem como suas cosmovisões e epistemologias, são protagonistas na formação de uma nova e urgente ordem social. Tais grupos subalternizados, constituídos por não-ocidentais inferiorizados em raça, gênero, territorialidade e classe, resistem, questionam e denunciam o fosso de desigualdades que experienciamos e que segue sustentado pelas colonialidades impostas por euro-norte-americanos, pela ideia de modernidade e pelo sistema capitalista.

Mignolo (2017, p. 14) apresenta decolonialidade como “um conceito cujo ponto de origem foi o Terceiro Mundo”. Para além de uma proposta teórica, a pedagoga e linguista norte-americana Catherine Walsh (2009) define como decolonial todo processo de luta que cria condições, posições, relações em estruturas novas, diferentes e transformadas. Segundo Ballestrin (2013, p.105), “giro decolonial é um termo cunhado originalmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005 e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade”.

Sendo a decolonialidade transgressora, o que se propõe por intelectuais de áreas diversas é um compromisso com a desobediência epistêmica, com a igualdade global e a justiça econômica (MIGNOLO, 2017), transcendendo os conceitos de modernidade e pós-modernidade. Vale pontuar que a decolonialidade não propõe negar ou deslegitimar as epistemes científicas ocidentais, mas sim reivindicar que este conhecimento não é único, universal e absoluto, ou seja, “não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica” (MIGNOLO, 2017, p. 15).

Uma questão recorrente ao iniciarmos os estudos da decolonialidade é a diferenciação entre os termos *descolonial* e *decolonial*, o que dialoga com a relação entre colonialismo e colonialidade. Por colonialismo entendemos um sistema de exploração desenvolvido durante a expansão colonial no período entre os séculos XVI e XVIII. Porém, mesmo após o fim das administrações coloniais propriamente ditas, ou seja, o colonialismo como ordem política, a estrutura de poder colonial continua organizando as relações sociais globais por meio das dominações e diferenças coloniais, ou colonialidades. “A

colonialidade, portanto, ainda é o modo mais geral de dominação no mundo de hoje” (QUIJANO, 1992, p. 14, tradução nossa).

A descolonização é apresentada por Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009) como o processo de ascensão dos Estados-nação durante o fim das administrações coloniais, logo a descolonização se contrapõe ao colonialismo e ao seu período histórico. Já a decolonialidade nasce como um movimento teórico e social que se contrapõe, de diversas maneiras, à colonialidade impregnada no sistema-mundo moderno mesmo após o fim do processo de descolonização. Com isso, mesmo ao encontrar frequentemente termos como *descolonial* ou *(des)colonial* em textos teóricos (alguns citados aqui conforme a fonte), opto por trabalhar com a retirada do “s” proposta por Catherine Walsh. A intelectual explica que ao eliminar o “s” também se elimina uma ideia reduzida de reversão, explicando que não se pretende, simplesmente

desarmar, desfazer ou reverter o colonial; ou seja, passar de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e traços deixassem de existir. A intenção, sim, é apontar e provocar uma postura – uma postura e uma atitude contínua – de transgredir, intervir, surgir e influenciar. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua em que podemos identificar, visibilizar e incentivar “lugares” de exterioridade e construções alternativas (WALSH, 2009, p. 14 – 15, tradução nossa)¹¹.

Ao analisar o processo de formação do Modernidade/Colonialidade e alguns conceitos do pensamento decolonial, é possível inferir que a desconstrução da hegemonia eurocêntrica na estrutura de poder imposta à ordem mundial é reivindicação basilar do grupo. Grosfoguel (2008) pontua que, com a colonização, chegou às Américas uma enredada estrutura de poder que uma visão redutora, baseada apenas nos aspectos econômicos, não é capaz de explicar. Esse complexo de dominação europeia incorporou diversas culturas, epistemologias e cosmovisões a uma só ordem global de hegemonia europeia, ou seja, “como parte do novo padrão de poder mundial a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p. 121).

Na cosmopercepção Krenak (2020a), “o desconforto que a ciência moderna, as tecnologias, as movimentações que resultaram naquilo que chamamos de ‘revoluções de

¹¹ desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento –una postura y actitud continua– de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas.

massa', tudo isso não ficou localizado numa região, mas cindiu o planeta" (KRENAK, 2020a, p.61). A partir disso criou-se uma ideia de superioridade europeia e norte-americana absorvida por nós em diversos aspectos sociais sem nem mesmo percebermos. Quantos artistas, intelectuais e pesquisadores da Amazônia são referência para nós? Apesar do constante movimento de transformação nas instituições, ainda é perceptível a continuidade da reprodução de epistemologias eurocêntricas em muitas pesquisas e produções culturais que nascem na nossa região. Quando aplicamos o já citado conceito de Sul global (SANTOS e MENESES, 2009) ao território brasileiro, percebemos que a Amazônia, o Norte e o Nordeste representam o Sul, somos nós o território subalternizado do país, o pensamento fronteiriço. É urgente entendermos e questionarmos isso.

Grosfoguel (2008, p. 134) pontua que "a expansão colonial europeia foi conduzida por homens europeus heterossexuais. Aonde quer que chegassem, traziam consigo os seus preconceitos culturais e formavam estruturas heterárquicas de desigualdade sexual, de género, de classe e raciais", sendo estas estruturas a base de como nos organizamos ainda hoje. Ao refletir sobre a construção dos paradigmas eurocêntricos hegemônicos que inspiram as ciências ocidentais nos últimos 523 anos, o sociólogo porto-riquenho apresenta o pensamento crítico de fronteira como a resposta epistêmica do subalterno à hegemonia da modernidade eurocêntrica.

Não se trata de uma proposta fundamentalista contra a modernidade, mas sim de uma redefinição na proposta de emancipação moderna, pensada

a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações económicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. [...] É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica (GROSFOGUEL, 2008, p. 138).

Percebemos a superação do conceito de modernidade eurocentrada como reivindicação do pensamento fronteiriço que, para Mignolo (2017, p. 17), "é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial". O semiólogo argentino considera que interrogar a enunciação, ou seja, questionar narrativas indagando "quando, onde, por quê, para quê" constitui o coração de uma investigação que se quer decolonial. Podemos aplicar essa proposta à enunciação europeia sobre o processo de criação da identidade e inferiorização

racial e cultural de populações plurais violentamente exploradas durante o período colonial. Como explica Quijano (2005)

No momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América [...] encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduziam-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros. [...] Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores (QUIJANO, 2005, p. 127)

Com isso, percebemos a conexão entre a decolonialidade e o pensamento fronteiriço, pois à proposta decolonial interessa o protagonismo de epistemologias e cosmovisões colonizadas. Proponho entendermos, então, o pensamento fronteiriço como principal ferramenta da decolonialidade do saber, pois, na perspectiva decolonial, as fronteiras não são somente o espaço onde as diferenças são reinventadas, são também espaços enunciativos de formulação de conhecimentos a partir de perspectivas e cosmovisões subalternizadas. Logo, para acessarmos uma realidade decolonial sobre conhecimento é necessário que nos voltemos ao que Mignolo (2017, p. 17) chama de “reservatório de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã, a qual, desde o Renascimento, continuou expandindo-se através da filosofia e das ciências seculares”.

Volto a pontuar que a colonização ocidental e toda sua complexa rede de poder e repressão foi aplicada não apenas no âmbito político e econômico, mas sobre diversos paradigmas socioculturais, tais como a ideia de gênero, de comportamentos (como a construção dos padrões de beleza), sobre o desenvolvimento científico das instituições de ensino, destacando que, segundo Quijano (1992), a América Latina é o caso extremo de colonização cultural europeia sobre outros modos de significação e de produção de conhecimento, cosmovisões, perspectivas e símbolos.

A hegemonia das ciências sociais eurocêntricas promove e sustenta a colonialidade no campo intelectual. O pensamento fronteiriço age combativamente dentro desta estrutura de conhecimento fundada pela civilização ocidental. Visto isso, entendemos o pensamento fronteiriço como uma outra lógica que, apesar de não conseguir evitar a globalização do legado europeu, não se sustenta somente nele. Uma perspectiva subalternizada questionando o eurocentrismo e construindo condições para experienciarmos “a *diversalidade* como projeto universal” (MIGNOLO, 2020, p. 219).

Espaços de conhecimentos como escolas e universidades são instituições nas quais vivenciamos a colonialidade intelectual. A história do Brasil, por exemplo, ainda é contada sob a perspectiva de um mito de origem extremamente colonial, no qual povos e nações explorados, seus símbolos de resistência e a importância histórica das suas lutas são apagados ou inferiorizados. A narrativa da “descoberta” ainda está presente nas escolas e isso demonstra o quanto se fazem urgentes propostas de ensino decolonial no país.

Nas universidades, berço de reprodução da epistemologia hegemônica eurocêntrica, a colonialidade intelectual orienta diversas pesquisas mundo a fora. Sobre isso, Ailton Krenak metaforiza ao entender a teoria decolonial como uma espécie de hemodiálise, uma troca de sangue para que esta instituição, tipicamente colonial, continue funcionando à medida que

a crise da filosofia, das ciências do ocidente, elas estão confrontando essas super estruturas com a questão de qual a validade dos seus métodos, qual a validade do seu modus de estar no mundo de um mundo que está indo para o abismo? [...] as nações, os povos foram capturados por essa coisa do mercado, as corporações ‘manda’ no mundo, a maior parte das universidades do mundo inteiro são subordinadas também, elas desenvolvem pesquisas e projetos para atender à dinâmica de mercado, atender o interesse de corporações. [...] inclusive muitos intelectuais que continuam por aí na cena, produzindo, eles convivem com isso como peixe n’água” (AILTON KRENAK, in: UnBTV, 2019).

Mignolo (2020) considera que pensar a partir do cânone da filosofia ocidental já não é mais possível, ou pelo menos, não linear, propondo que “o limite da filosofia ocidental é a fronteira onde a diferença colonial emerge, dando visibilidade à variedade de histórias locais que o pensamento ocidental, da direita e da esquerda, escondeu e suprimiu” (MIGNOLO, 2020, p. 196-197).

Recordo aqui questionamento feito a mim durante a entrevista de seleção para este curso de Mestrado que influenciou a produção do trabalho. Submeti um projeto de pesquisa intitulado “As metáforas de Krenak e a cosmovisão indígena sobre o sentido da humanidade: um estudo decolonial” e fui questionada sobre a supressão da pluralidade de cosmopercepções indígenas presente no título. Fiquei impactada por não ter percebido a questão, com a qual concordo, apesar de trazer Krenak no título, evidenciando a qual grupo eu me referia. Isso, sem falar que, quando submeti o projeto nem entendia a diferença entre cosmovisão e cosmopercepção.

Os Yepemasã (Tukano) têm suas especificidades cosmológicas, bem como as têm os Tikuna, os Macuxi, os Guajajara e qualquer outro povo. Mesmo ao propor um estudo decolonial acabei reproduzindo, sem perceber, a prática colonial de reduzir a cosmovisão

dos povos a uma identidade só: a indígena. Por estarmos imersos em uma estrutura violentamente colonial, acredito que somos formados pelas colonialidades e, por maior que seja nossa militância decolonial, uma hora acabamos nos deparando com algo a desconstruir. Ser decolonial é um processo contínuo e atento de desconstruções diárias, é estar disposto a experimentar outras cosmopercepções. Quantas mulheres pretas da minha geração, assim como eu, acreditavam que apenas o cabelo liso era bonito? Quantas alisaram os cabelos impulsionadas pela busca de aceitação social e pela falta de representatividade?

O próprio grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) pode ser questionado quando verificamos a pouca participação de mulheres e de brasileiros na sua constituição. Como muito bem pontuado pela Profa. Dra. Dóris de Matos, convidada para explanação em uma aula deste curso, enquanto Mignolo e Quijano começavam a se reunir para teorizar decolonialidade, já tínhamos Lélia Gonzalez (2020) tratando, a partir do movimento negro, de conceitos como *Amefricanidade* e *Pretoguês* aqui no Brasil.

Apesar disso, acredito que a dificuldade de essas instituições de conhecimento se entenderem como parte de uma sociedade híbrida, pluriversal e decolonial está com os dias contados. Propor projetos que questionem a hegemonia eurocêntrica desde dentro da universidade é pensar em espalhar o pensamento fronteiriço, buscando legitimar a urgência das epistemologias e cosmopercepções. É uma estratégia de busca por reparação de violências históricas, uma forma de combate às desigualdades, visto que

A universidade é o corredor que é preciso atravessar para acessar as posições em que se decide o destino dos recursos da nação. Por isso mesmo, a universidade é o viveiro da elite que administra o setor público e o setor privado. Ao ameaçar democratizar a universidade em termos raciais, estamos ameaçando o próprio coração da colonialidade, como padrão que garante a reprodução da ordem eurocêntrica e seu olhar racista sobre os corpos e os saberes (SEGATO, 2021, p. 31).

Após um ano de curso percebo que, além da inquietação que sinto por meio de seus textos, não trocaria o autor a ser pesquisado por acreditar que ele representa algo que transcende a decolonialidade. Para apresentar a transcendência ao decolonial nas ideias de Ailton Krenak conto com o aporte dos saberes de Mestre Nêgo Bispo. O intelectual quilombola apresenta a prática contracolonialista, sobre a qual discorrerei no próximo tópico, analisando interseções e diferenças entre esta prática e o que vem sendo proposto por intelectuais da teoria decolonial.

2.2 Começo, meio, começo: contracolonização e prática quilombola

Acreditamos ser urgente a nós, sobreviventes a este período pandêmico, questionar a totalidade da epistemologia ocidental, entendendo que estes paradigmas já não são mais válidos para todo o planeta. Sendo a decolonização epistemológica pautada em relações interculturais livres da prisão colonial, proponho uma análise da relação entre a teoria decolonial academicista e a prática contracolonialista quilombola de Mestre Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo.

Preto, quilombola, nordestino, Nêgo Bispo nasceu no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado Papagaio, município de Francinópolis/PI. Hoje mora no Quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí, a cerca de 450 quilômetros de Teresina, Piauí. Compõe a primeira geração da família de sua mãe a ter acesso à alfabetização. É lavrador formado por mestras e mestres de ofício, ativista político e militante quilombola. Com ensino fundamental completo, foi professor da disciplina Encontro de Saberes na Universidade de Brasília (UnB) em 2012 e 2013. Vem se destacando também como filósofo, escritor e poeta. Esta minibiografia, apresentada no livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), traz os principais pontos citados em trabalhos, entrevistas e diversos eventos de que Bispo participa.

Conheci o pensamento de Nêgo Bispo em *live* integrante da 5ª edição do evento virtual Mekukradjá – Círculo de Saberes¹², em novembro de 2020. O encontro contou também com a presença de Ana Mumbuca, integrante do quilombo Mumbuca Jalapão, em Tocantins. Estava prevista a participação de Ailton Krenak, daí o meu interesse em assistir à live. Acredito que por falhas técnicas Ailton não esteve presente na atividade, mas, apesar da ausência, foi a ponte para que eu encontrasse, ou melhor, confluísse com a grandiosidade dos pensamentos do Mestre Nêgo Bispo.

Apesar de circular bem por ambientes acadêmicos, a denúncia e a contestação ao sistema global hegemônico eurocêntrico são feitas não a partir de instituições de ensino, mas a partir das vivências e cosmovisões quilombistas. A partir daqueles que carregam saberes ancestrais sobre luta e resistência às constantes violências fundadas há 523 anos, dos que estão sendo violentados nesse momento. Dos que podem apresentar possibilidades reais de

¹² CULTURAL, Itaú. *Mekukradjá 2020 - Não somos donos da teia da vida, apenas de um de seus fios*. Facebook, 12 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/itaucultural/videos/370918354356695/>>

organização igualitária, anticapitalista, diversa e de interação com os outros seres, de conexão com a Terra.

Nêgo Bispo se apresenta como um relator de saberes e vem compartilhando, em seus poemas e ensaios, os modos de significações e de vida da cosmovisão politeísta. Em *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), seu segundo livro, Bispo reflete sobre presente, passado e futuro, analisando a relação entre a colonização e a estrutura sociorracial no Brasil contemporâneo. O intelectual relembra a trajetória de construção de ataques às comunidades quilombolas dos Palmares (AL), Pau de Colher (BA e PI), Canudos (BA) e Caldeirões (CE), evidenciando, a partir da perspectiva quilombista, a atualização e a continuidade desses ataques nos dias atuais, práticas sustentadas pelo capitalismo e pela ideia predatória de progresso. Bispo analisa o que Quijano nos apresenta como colonialidades.

O mestre nos presenteia com um ensaio sobre a resistência quilombola à complexa e permanente rede de dominação colonial imposta a povos não europeus, enfatizando a religiosidade como um instrumento fundamental para a colonização de povos politeístas. Para isso, ele apresenta documentos históricos que demonstram o uso de argumentos religiosos para validar a exploração de corpos racializados. Nêgo Bispo escancara as violências coloniais promovidas pelo Estado e sustentadas pelo Cristianismo monoteísta ocidental, explicando que

Tendo a religiosidade se apresentado como fator preponderante no processo de colonização e também por acreditar que a religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida entre os diferentes povos e sociedades, busquei compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra colonização (SANTOS, 2015, p. 20).

Relembremos que, na perspectiva decolonial, para além de um lugar onde as diferenças são reinventadas, fronteiras são espaços enunciativos de formulação de conhecimentos a partir de perspectivas e cosmopercepções subalternizadas pelo processo colonial. Assim, entendemos os quilombos como espaços fronteirços, como reservatórios “de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã” (MIGNOLO, 2017, p. 17). Sobre tal concepção, Krenak nos explica que “há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade” (KRENAK, 2020a, p. 30).

Com o que foi levantado até aqui, é possível inferir conexões entre a difusão dos pensamentos de Nêgo Bispo e Ailton Krenak em espaços acadêmicos e o proposto pela teoria

decolonial. Acredito ser possível considerar a obra dos dois autores como de extrema relevância para o desenvolvimento do pensamento decolonial no Brasil, se analisada sob a perspectiva teórica e academicista na qual o conceito decolonial nasceu.

Para Walsh (in: IV COLÓQUIO DECOLONIALIDADE BAHIA, 2018), o decolonial não é uma perspectiva teórica, mas uma práxis. É parte de um projeto de vida, se torna parte de lutas reais e de processos de transformações. Trata-se, não simplesmente de escrever livros e falar de teorias, mas de como vivemos e sentimos as colonialidades diárias e de como criamos espaços para construir algo diferente. Este argumento de Walsh, sustentado por Mignolo (2017), Grosfoguel (2018) e entusiastas da teoria decolonial em geral é contestado por Bispo. Ao participar de mesa-redonda no X ENABET - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia, realizada em formato online no dia 9 de novembro de 2021, com transmissão no canal da ABET - Associação Brasileira de Etnomusicologia no Youtube¹³, o Mestre situa o decolonial como teoria sim, nos apresentando a prática de contracolonialismo:

*é uma luta, é uma prática, é uma civilização que pode agregar também outras pessoas, mas ela **germina dentro da cosmovisão politeísta e dentro dos modos de vida afro-confluentes ou dos modos de vida dos povos originários** [negrito nosso]¹⁴. A decolonialidade ela é recente, a decolonialidade é uma teoria, ela não é uma trajetória. Não existe uma comunidade, eu não conheço, pode existir - quem souber me ajude - se existe uma comunidade ou um povo que forjou a decolonialidade e venceu lutas através desse conceito (NÊGO BISPO, in: ABET, 2021).*

Bispo e Walsh convergem, porém, em suas análises morfológicas. Como já citado sobre os termos *descolonial* e *decolonial*, Walsh (2009) propôs que, com a retirada do “s”, se elimine também uma ideia reduzida de desfazer, desarmar o colonial, dando ideia de ser possível que os padrões coloniais deixassem de existir. O filósofo quilombola apresenta pensamento semelhante ao de Walsh, mas o aplica ao termo *decolonial*, explicando as diferenças entre esse conceito teórico e a prática contracolonialista. Ao analisar as significações do prefixo “de”, Bispo nos explica que

Como ‘de’ eu compreendo como depressão, deterioração, decomposição... bom, se alguém acha que vai conseguir deprimir o colonialismo, decompor, deteriorar, eu acho que cumpra o seu papel, (...) eu prefiro impedir que ele (colonialismo)

¹³ ABET, Associação Brasileira de Etnomusicologia. Mesa-redonda 1. Youtube, 9 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TeJmAg76ELU>>.

¹⁴ Todos os negritos nas citações, doravante, são nossos.

continue acontecendo e isso pra mim é ser contra e não ser 'de'. Mas eu acho que quem é 'de' é importante (...) na minha compreensão, a decolonialidade pode acontecer, é importante que ela aconteça (NÊGO BISPO, in: ABET, 2021).

Para nos explicar a importância da decolonialidade, o mestre fala sobre as conversas que tem com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, constantemente citado por Bispo como sendo um dos melhores representantes da decolonialidade morando na Europa. Com sabedoria mestra, Nêgo Bispo metaforiza o capitalismo, a relação entre colonizador e colonizado e, ao evidenciar sua cosmovisão sobre o papel do decolonial, nos concede uma importante reflexão sobre a dinâmica *começo, meio, começo*,

Boaventura de Sousa Santos vai nos fazer uma grande contribuição ensinando a geração neta dele que ela não deve vir para cá tentar nos colonizar. Se ele fizer isso, ensinar a geração neta dele a não nos atacar, ela já cumpriu o seu papel. (...) não acredito que ele esteja ensinando a geração neta deles a deixar de nos atacar. E depois, por mais que ele estivesse ensinando, eu fui um adestrador e eu sei que a onça, por melhor adestrada que seja, se estiver com fome ela é predadora e ela vai pensar que eu sou alimento dela. Então, eu não confio no animal adestrado, no predador adestrado, porque a fome é quem predomina. Então, a nossa função como quilombo, como povos indígenas e como contra - colonialistas, como pessoas que queiram se agregar à luta quilombola, que queiram se agregar à luta indígena, a nossa função é preparar cada vez mais a nossa geração neta para se defender da geração neta dos colonialistas (NÊGO BISPO, in: ABET, 2021).

Ao refletir sobre o pensamento de Nêgo Bispo, propomos mais que um projeto decolonial, mas também um trabalho que agregue à prática contracolonialista, logo, pretendemos que esta Dissertação seja um estudo decolonial agregado às práticas contracolonialistas. Consideramos a dinâmica *começo, meio, começo* um dos mais necessários saberes germinados na cosmo percepção politeísta e nos modos afro-confluentes de visão de mundo. Não à toa introduzi este trabalho expondo pequenos pontos da minha relação com temporalidade e ancestralidade. Segundo mestre Bispo, “o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro” (SANTOS, 2015, p.19). O intelectual explica que nos quilombos os conhecimentos são passados de geração para geração, sendo a geração avó o começo, a geração mãe o meio e a geração neta o começo de novo. Ele questiona: como pode ser possível botar a geração neta na creche e a geração avó no asilo?

Na já citada live na qual conheci o pensamento de Nêgo Bispo, ele conta que não escreveu *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015) por ser um *best seller*, mas para ser lido por quilombolas e agentes da prática contracolonialista, declarando-se um dos maiores leitores do próprio livro. Ele compartilha que relê o livro cada vez que enfrenta uma

dificuldade e que, ao se reencontrar com as reflexões no texto, está conversando com Mãe Joana, Tio Norberto e Tia Nonata. “*Estou conversando com a minha geração avó e estou conversando com a minha geração neta*” (SANTOS, 2020 in: CULTURAL, 2020). Cosmopercepção convergente com o que se propõe com a escrita dessa Dissertação, um diálogo entre ancestrais e geração futuras.

2.3 É tempo de retomar

Com a escrita deste capítulo propusemos uma “roda de conversa” entre pesquisadores do grupo M/C e os intelectuais Ailton Krenak e Nêgo Bispo. Discorremos sobre a formação, as reivindicações e alguns dos conceitos formulados por pesquisadores do grupo em diálogo com a sabedoria indígena de Krenak e quilombola de Nêgo Bispo. O que teorizam aqueles é traduzido por meio do pensamento destes e, neste diálogo, todos confluem na criticidade à homogeneização moderna e às colonialidades. Enquanto as teorizações decoloniais fervilham entre as paredes da academia, a prática contracolonialista é realidade diária de comunidades subalternizadas que lutam pelo direito as suas formas pluriversais de confluir em sociedade e em harmonia com todas as vidas na Terra.

Buscamos também introduzir reflexões sobre as cosmopercepções Krenak e quilombola de Nêgo Bispo em relação à dimensão do tempo, nos propondo pensar onde começa e onde termina o passado e o presente. E o futuro, onde começa? É também sobre o conceito de tempo que Ailton Krenak filosofa quando compartilha conosco que o futuro é ancestral. Enquanto para o autor indígena o amanhã não está à venda, para nós tempo é dinheiro. Nas próximas sessões, discorremos sobre as metáforas e a cosmopercepção de Ailton Krenak em contraposição à lógica capitalista.

3 “A VIDA É UMA DANÇA CÓSMICA”: A METÁFORA NA HUMANIDADE

“Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania” (KRENAK, 2020a, p. 24).

“Considerando que todo grande escritor é também um metaforista, não seria redundante propor analisar as metáforas de Ailton Krenak?”. Esse foi outro questionamento feito a mim durante a já citada entrevista de seleção para este curso de Mestrado. Confesso não ter atentado sobre tal redundância até receber o questionamento. Acredito, porém, ser possível inferir a proximidade da questão à concepção aristotélica sobre a metáfora.

Por compor a maioria de estudantes do ensino médio que “já teve de aprender (senão decorar!) os vários tipos de figuras de linguagem” (SARDINHA, p. 22, 2007), eu acreditava que meu primeiro contato com a metáfora tinha sido durante a educação básica, na seção sobre figuras de linguagem da gramática. Tal perspectiva é embasada em uma concepção que orientou praticamente toda a tradição da filosofia ocidental, a de metáfora como tropo ou figura de linguagem, sendo “um recurso para ornamentar, embelezar a linguagem (...) geralmente estudada em literatura como uma técnica de poetas para expressar sentimentos e também como um traço particular que ajuda a definir o estilo de um escritor; até por isso, às vezes as figuras são chamadas de figuras de estilo” (SARDINHA, 2007, p.23).

Segundo Marcuschi (2000), diversas teorias, decorrentes de vinte séculos de reflexão, fazem da metáfora um dos temas mais tratados no Ocidente. Os estudos sobre a metáfora têm perpassado, historicamente, por três teorias fundamentais, que trazem abordagens diferentes sobre o fenômeno metafórico: a abordagem clássica, iniciada por Aristóteles (pioneiro nesse estudo); a abordagem interacionista, idealizada por I. A. Richards e Max Black; e a abordagem conceptual (cognitiva), surgida entre 1980 e 1990, sob o estímulo dos norte-americanos George Lakoff e Mark Johnson (GUEDELHA, 2013). Utilizamos alguns conceitos da abordagem clássica e da abordagem conceptual, à qual daremos mais ênfase para refletir sobre o discurso metafórico de Ailton Krenak.

Também conhecida como clássica, tradicional ou retórica, a concepção fundante dos estudos metafóricos foi teorizada por Aristóteles (384-322 a.C.) nos capítulos de 21 a 25 da Poética e no livro III da Retórica, obras nas quais o filósofo concebe a metáfora em duas funções. Na arte poética, a metáfora é utilizada como meio de produção do conhecimento através da imitação artística, sendo definida e apresentada como “A transposição do nome

de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (*Poética*, III, IV, 7, p. 182).

Já na Retórica, segundo Guedelha (2013), Aristóteles ensina que a metáfora consiste em falar de coisas reais associando termos díspares, possibilitando ao falante uma essência enigmática para se expressar com “graça e urbanidade”. São agradáveis produtoras de conhecimento e funcionam como instrumento para a construção de argumentos persuasivos. A metáfora “supre a necessidade de ‘chamar a atenção’, é marcada por uma forma ‘especial’ de linguagem, desvia-se da ‘banalidade’ do discurso utilitário, tem a prerrogativa de ‘impressionar’ e produzir os ‘efeitos desejados pelo locutor’, além de conferir ao discurso o admirável e fascinante ‘ar estrangeiro’” (GUEDELHA, 2013, p. 102).

A concepção aristotélica nos leva a entender, portanto, a metáfora como um elemento de linguagem presente tanto no discurso poético quanto no discurso retórico. Do grego, ‘metapherein’ significa transferência ou transporte (‘meta’: mudança; ‘pherein’: carregar). Assim, podemos definir metáfora como a transferência de sentido de uma coisa para outra, sendo instaurada na substituição de uma palavra própria por outra em sentido figurado. Ao considerar comparação direta como metáfora (SARDINHA, 2007), a abordagem clássica apresenta as noções basilares de “transporte” e de “similaridade”.

Exemplifico, no Quadro 1 a seguir, essa transferência de sentido com uma rede de metáforas elaboradas por Ailton Krenak sobre um dos temas condutores desta pesquisa:

Metáforas	Termo ou expressão transferida/transportada
(1) “Isso que as ciências política e econômica chamam de capitalismo teve metástase , ocupou o planeta inteiro e se infiltrou na vida de maneira incontrolável” (KRENAK, 2020b, p.44)	Termo transportado (trópico): teve metástase (...) se infiltrou
(2) “Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às futuras gerações? [...] A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar .” (KRENAK, 2020a, p. 68)	Termo transportado (trópico): empacotando (...) encomenda
(3) “Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios” (KRENAK, 2020a, p. 20).	Termo transportado (trópico): devoram...
(4) “É uma distopia: em vez de imaginar mundos, a gente os consome ” (KRENAK, 2020b, p.69).	Termo transportado (trópico): consome...
(5) “Somos a praga do planeta , uma espécie de ameba gigante ” (KRENAK, 2020b, p.9).	

	Termo transportado (trópico): praga (...) ameoba
(6) “Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer : “Respirem agora, quero ver” (KRENAK, 2020b, p. 10-11).	Termo transportado (trópico): manobra (...) teta, boca
(7) “A vida é fruição, é uma dança , só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (KRENAK, 2020b, p. 108).	Termo transportado (trópico): dança (...) coreografia

Quadro 1 – Análise metafórica por transferência de sentido
Fonte: Patrícia Borges; Iná Isabel e Carlos Guedelha (2022).

Na metáfora (1), ao aplicar o conceito de “metástase” ao capitalismo, o escritor gera uma associação entre o sistema econômico e o câncer, nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células que invadem tecidos e órgãos. Também conhecido como tumor maligno ou neoplasia, quando o câncer invade partes adjacentes do corpo e se “infiltra” para outros órgãos, acontece o processo referido como metástase. Na metáfora em questão, o sentido de “câncer” e toda a destruição espalhada por ele é transferido para o capitalismo. Krenak transfere ao capitalismo o sentido de doença global. Dizendo uma coisa em termos de outra, ele apresenta o sistema econômico como “um fenômeno que afeta a vida e o estado mental de pessoas no planeta inteiro – não vejo como dialogar com isso” (KRENAK, 2020b, p. 69). Vale pontuar, que entendemos o capitalismo como parte integrante de uma enredada estrutura de poder que uma visão redutora, baseada apenas nos aspectos econômicos, não é capaz de explicar (GROSFOGUEL, 2008).

O consumo é elemento vital ao capitalismo. Sem consumo não existe sistema capitalista. Nesse contexto, Krenak aplica ao conceito de sistema mundo-moderno (WALLESRTEIN, 2005) e de humanidade o sentido dado a objetos, consumo, mercado, produtos, como podemos perceber em: “Na verdade, a gente vive reclamando, mas **essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada** e com o aviso: “**Depois de abrir, não tem troca**”. Há duzentos, trezentos anos ansiaram por esse mundo” (KRENAK, 2020a, p. 67 – 68 – negrito nosso).

Nessa expressão, é possível inferir que o escritor metaforiza o processo de colonização europeia sobre nosso território, dando a esse processo o sentido de uma relação de consumo – peculiar do sistema econômico capitalista – (essa coisa foi encomendada, chegou embrulhada). Dessa forma, Ailton destaca a relação umbilical entre colonização e capitalismo. É possível perceber essa relação também na metáfora (2) do quadro: “Qual é o

mundo que vocês estão agora **empacotando** para deixar às futuras gerações? [...] A maioria de nós não vai estar aqui quando **a encomenda** chegar.” (KRENAK, 2020a, p. 68). É possível constatar que, ao se referir a “vocês”, Krenak fala com e sobre pessoas não indígenas, as nascidas e desenvolvidas em um sistema que entende o planeta como um produto empacotado. Ele metáforiza o futuro (*a maioria de nós não vai estar aqui*) e as consequências da cosmovisão capitalista sobre o mundo como uma mercadoria a ser entregue às próximas gerações, tendo em vista as relações de consumo que sistematizam o planeta e a interação entre vidas humanas e não-humanas. É como se ele estivesse usando a linguagem do sistema capitalista para se fazer entender pelos que o compõe.

Destruição e voracidade são aplicadas como características das atividades realizadas pelas corporações na metáfora (3). Metaforicamente, tais atividades engolem avidamente florestas, montanhas e rios. Apesar de não deixar restos, o consumo voraz das corporações sobre a natureza não sacia os interesses empresariais. Além de transpor o sentido de devastação às atividades das corporações, é transposto às florestas, montanhas e rios o sentido de seres vivos que, apesar de fincados à terra, apresentam grande vulnerabilidade, sentido que dialoga com a metáfora “O PLANETA É UMA PLANTA”, sobre a qual discorreremos mais adiante sob perspectiva da metáfora conceptual.

Na metáfora (4) é aplicado à humanidade o sentido de consumidores, compradores, clientes, pessoas físicas. Com a expressão, Krenak reforça a aplicação de uma linguagem mercadológica para reduzir a experiência humana a práticas capitalistas. O Dicionário Online Houaiss (2004), apresenta que, na Biologia, consumidor é aquele que se alimenta de outros seres vivos (diz-se de organismo), diz-se de ou nível trófico ocupado pelos organismos heterotróficos herbívoros ou carnívoros em teias alimentares, definição que liga a expressão “em vez de imaginar mundos, a gente **os consome**” à perspectiva krenakiana sobre a cosmovisão da superioridade humana em relação as outras vidas do planeta, vistas apenas como recursos.

Da expressão metafórica (5), na qual os termos transportados são praga e ameça, é possível extrair a metáfora “A HUMANIDADE É UMA PRAGA”. Com a definição do Dicionário Online Houaiss (2004), sobre humanidade, como sendo o conjunto dos seres humanos, é possível inferir que a metáfora transfere à agência humana sobre a Terra o sentido de devastação, destruição, desgraça de grandes proporções causada por um coletivo do reino animal, animalizando a humanidade e evidenciando a relação entre as diversas espécies de vida.

A expressão (6) “tirar a teta da nossa boca” metaforiza a relação de dependência entre seres mamíferos e transfere à Terra o sentido de maternidade. A ação é apresentada como uma “manobra”, termo transportado, comumente associado a máquinas, aparelhos e veículos, definido como ação ou efeito de manobrar; ato de impor funcionamento manual a (mecanismo, máquina); acomodação de veículo em garagem ou vaga; série de atitudes ou ações realizadas para se alcançar determinado objetivo; artifício engenhoso, criativo; destreza, habilidade (HOUAISS, 2004). Tal definição dialoga com a perspectiva krenakiana de usar termos da linguagem mercadológica e capitalista.

Na metáfora (7), os termos transportados dança e coreografia se aplicam ao sentido de vida. Na cosmopercepção de Krenak, a experiência de dançar livremente metaforiza o sentido de viver. Quando vista sob perspectiva capitalista moderna, é aplicada à metáfora “VIVER É DANÇAR” um sentido de sistematização, padronização e rigor artístico que é possível associar à coreografia. O sentido de sistematização embutido no termo coreografia dialoga com a cosmovisão capitalista que dá à vida um sentido utilitário, que se contrapõe à ideia de desfrutar da liberdade de se movimentar sem o objetivo de cumprir regras ou padrões. Segundo Krenak, tal visão utilitária, “gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. (...) O tipo de humanidade zumbi que estamos convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida (KRENAK, 2020a, p.26 – 27).

Dos quatro tipos de metáfora apresentadas por Aristóteles, 1 - gênero substituindo a espécie; 2- espécie substituindo o gênero; 3 - de espécie para a espécie e 4 - de uma espécie para outra por meio de analogia, o filósofo aprecia, “sobretudo as que se baseiam na analogia” (ARISTÓTELES, Retórica, III-X, VII). Sardinha (2007) pontua que a metáfora clássica, que se baseia na analogia, é também o tipo que mais se assemelha às definições contemporâneas sobre a metáfora.

Com o surgimento da corrente filosófica lógico-positivista na primeira metade do século XX, o interesse pelos estudos da metáfora foi reduzido, visto que o modelo científico dominante enfatizava a busca da verdade por meio da objetividade. No final do século XX, porém, o modelo lógico-positivista se enfraqueceu, reestimulando o interesse de muitos estudiosos pela metáfora. Passaremos a tratar, agora, da teoria que melhor dialoga com as questões desta pesquisa, pois propõe analisar o modo como as pessoas compreendem suas experiências por meio da relação entre metáfora, compreensão e pensamento.

Lembro que tentei responder ao questionamento citado no início desse capítulo informando que eu propunha analisar metáfora para além de uma figura de linguagem, de

um recurso estilístico. Trataria da metáfora como uma questão de pensamento e, assim, analisaria a cosmovisão Krenak sobre a humanidade. É o que proponho no tópico seguinte.

3.1 Metáforas para adiar o fim do mundo: cosmovisão krenakiana e discurso metafórico

Ao mesmo tempo em que só a metáfora pode nos salvar, é ela quem vai acabar com a humanidade. O fim da humanidade não é o fim do tempo, o fim da humanidade é o fim das metáforas. Ao passo que atribuímos significados a todas as coisas, vai chegar o momento em que todas as coisas terão significado. Quando todas as coisas tiverem um significado e não pudermos mais exercitar o pensamento para as metáforas, então o ser humano se esvaziará. O fim do mundo não é o fim da humanidade, o fim do mundo é o fim do pensamento (COLOMBINI, adaptado por Renato Livera, in: PRODUÇÕES, 2021).

Em 1980, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark L. Johnson promoveram uma revolução nos estudos da metáfora, criando a teoria da metáfora conceptual. Ao publicarem *Metaphors We Live By* (traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana* em 2002), os pesquisadores norte-americanos propuseram a troca do *locus* da metáfora da linguagem para a cognição, por entenderem que ela, a metáfora, é um mecanismo de produção de conhecimento, portanto vinculado à nossa compreensão do mundo. Tal proposição ficou conhecida como a “virada paradigmática” nos estudos sobre o fenômeno metafórico. É possível imaginarmos que o alvoroço causado na comunidade acadêmica deva ter sido algo semelhante ao causado pelas propostas decoloniais, teoria contemporânea e semelhante à teoria conceptual (ou conceitual) na busca por transformação de paradigmas.

Por conceitual entendemos aquilo relativo a, ou composto por conceitos, ou seja, algo formado da concepção, compreensão ou ideia. Na teoria conceptual, a metáfora passa de uma figura de linguagem, de um ornamento estilístico a um fenômeno cognitivo, um instrumento de concepção e compreensão de mundo, assim, “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 45).

Apesar de Aristóteles fundar a metáfora como um recurso para ornamentar, embelezar a linguagem, convém pensar que a relação entre metáfora, pensamento e cognição se faz presente desde a Grécia Antiga. A maiêutica estabelecida por Sócrates no século IV a.C, por exemplo, é um conceito metafórico para a busca pela verdade e pelo conhecimento, sendo “parto das ideias” o significado dado ao termo. Como fazem o orientador e coorientadora desta pesquisa durante o parto deste texto, na maiêutica socrática o filósofo

perguntante agia tal qual um parteiro, auxiliando o outro a pensar e parir ideias (GUEDELHA, 2020).

Ao observar as etapas do trabalho realizado pela mãe parteira, Sócrates estrutura a ideia de nascimento da verdade e do conhecimento como o processo de nascimento humano. A partir de uma experiência corporal, o filósofo atribui ao ato de pensar um entendimento que só a metáfora é capaz de oferecer por não se tratar meramente de palavras, mas de como concebemos algo. Tal coincidência pode indicar a estreita relação entre pensamento, cognição e o fenômeno metafórico. A associação entre a busca da verdade e do conhecimento e o ato de parir gerou todo um conceito filosófico a partir do uso da metáfora, sendo este um exemplo do vínculo estreito entre filosofia e literatura, mostrando, desde então, a relação entre metáfora e cognição, para além de um ornamento de linguagem.

Tal relação entre metaforização e busca da verdade possibilita lembrar que a perspectiva grega sobre conhecimento pode diferir da perspectiva de cosmovisões de povos indígenas e originários da África, por exemplo. Logo, pode ser que, sob outro ponto de vista, a busca pela verdade e pelo conhecimento seja o próprio ato de viver, o que leva a nos reconhecermos como eternos aprendizes. Enquanto estivermos vivos, estaremos em busca de conhecimento. A reflexão que propomos é que, talvez, a associação entre o ato de dar à luz e a busca pela verdade e pelo conhecimento não faça sentido sob pontos de vista cuja concepção sobre verdade e conhecimento seja diferente da concepção fundada pela filosofia grega.

Além de todo conhecimento produzido na Grécia Antiga, sabemos da existência de outras cosmovisões sobre o manejo do mundo. No texto “Os gregos não inventaram a filosofia”¹⁵, Renato Noguera (2016, s/p.) pontua o aumento das produções acadêmicas no Brasil que trazem à luz fontes africanas mais antigas que as ocidentais, e informa que “com base em fontes históricas diversas, os textos egípcios são documentos africanos mais antigos do que os escritos gregos, que são referências da cultura ocidental”. Em cosmovisões de povos antigos fora do mundo helênico, não fundamentadas sob perspectiva grega, o que seria a busca do conhecimento e da verdade? Afinal, o que é verdade?

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a metáfora não é somente uma questão de linguagem, mas trata-se de um importante fenômeno para a compreensão do mundo e da

¹⁵ NOGUERA, Renato. *Os gregos não inventaram a filosofia*. Cult, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-gregos-nao-inventaram-filosofia/>. Acesso em 01 set. 2022.

humanidade. Entendemos que há um sistema conceptual que estrutura o modo como pensamos, define nossa realidade e governa nossas atividades sociais, nossa relação com o mundo e com os outros seres. Argumentando que, em grande parte, os processos de pensamento são metafóricos, os teóricos propõem que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. Vale destacar que, em geral, experiências humanas físicas estruturam metáforas conceptuais (SARDINHA, 2007).

Por tais perspectivas, a abordagem conceptual é a que melhor dialoga com o desenvolvimento desta Dissertação. A teoria defende que as nossas experiências e ações cotidianas são desenvolvidas por meio da metáfora, daí a tamanha relevância dos estudos voltados ao fenômeno. Por meio dos estudos metafóricos podemos refletir sobre o modo como as pessoas compreendem suas experiências, “já que a maior parte da nossa realidade social é entendida em termos metafóricos e já que nossa concepção do mundo físico é, em parte, metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 244).

O mesmo argumento que impõe importância torna o estudo metafórico desafiador. “A metáfora é um recurso tão humano que talvez seja a última coisa que os robôs do futuro entenderão” (SARDINHA, 2007, p. 12). De tão humanas, baseadas em experiências cognitivas, temos dificuldade em reconhecer diversas expressões metafóricas cotidianas, que fazem parte do nosso *habitat* natural (SARDINHA, 2007). A seguir, abordaremos alguns dos principais conceitos que norteiam a teoria conceptual para analisarmos aspectos metafóricos do discurso krenakiano.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 47- 48) “a essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra”. Dessa forma, o *locus* da metáfora passa a ser o pensamento, enquanto o *locus* das expressões passa a ser a linguagem: “As expressões metafóricas são expressões linguísticas através das quais a metáfora é externada. (...) E as expressões linguísticas só existem porque há metáforas no nosso sistema conceitual” (GUEDELHA, 2013, p. 153).

Ao nos dizer que “a vida é uma dança cósmica”, Krenak (2020b, p. 108) apresenta um exemplo de metáfora conceptual, ou seja, conceitualiza um domínio de experiência em termos de outro. Nesse caso, a metáfora fornece um conceito para a vida. Segundo o conceito metafórico fornecido, A VIDA É UMA DANÇA. De tal conceito, originam-se expressões metafóricas tais como “minha vida está descompassada” ou “o candidato *deu um baile* durante o debate”, usada para exprimir destaque e superioridade de desempenho.

Apesar de tamanha beleza na estilística poética da expressão metafórica verbalizada por Krenak, destacamos que, para além da função meramente ornamental, a expressão nos mostra a cosmovisão krenakiana sobre a vida. Embora eu seja ciente de que, para muitas pessoas, a dança não represente nada do que representa para mim, acredito que a expressão metafórica aplica a fruição proporcionada pela arte da dança, a sensação libertária e transformadora que experienciamos ao dançar, ou ao assistir alguém dançar, ao sentido de viver. A metáfora traduz a concepção de Krenak sobre a vida. Tal cosmovisão não reduz a vida apenas a sermos úteis à estrutura socioeconômica imposta a nós. Reflexões sobre esta questão possibilitam lembrar da pergunta: “o que você quer ser quando crescer?”. Acreditamos que trazer elementos da cosmovisão krenakiana a esse tradicional questionamento pode nos possibilitar frutíferas reflexões.

Também se faz importante pontuar que o canto e a dança possuem simbologias e significações diferentes do que se propõe por epistemologias eurocêntricas. Desde a violência colonial, a visão hegemônica ocidental nega a dança e o canto dos povos tradicionais, os padrões, normas e regras implantados pelo eurocentrismo podem ser insignificantes para muitos povos tradicionais que associam tais práticas a rituais sagrados. Logo, acreditamos que a análise feita no parágrafo anterior diz mais respeito ao modo como nós percebemos a dança do que ao pensamento de Krenak.

Outro importante conceito desenvolvido pela teoria da metáfora conceptual é o de mapeamento, compreendido como as relações feitas entre domínios, ou seja, entre as áreas de conhecimento ou experiências humanas que formam a metáfora (SARDINHA, 2007). Há dois tipos de domínios: o domínio-alvo e o domínio-fonte, considerando “domínios” as diferentes áreas da experiência humana ou da realidade. O domínio-alvo corresponde aos conceitos que desejamos compreender, experimentar ou explicar, geralmente algo mais abstrato; já o domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência. É esse domínio-fonte que fornece a base da metáfora, ao ser acionado para iluminar a compreensão do domínio-alvo. É nesse sentido que “a essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 47-48). E dessa forma,

a metáfora movimenta os conceitos do domínio fonte em direção ao domínio alvo. O repertório de conhecimentos, informações, concepções que temos relativamente ao domínio-fonte é deslocado para o domínio-alvo. Por uma necessidade terminológica e metodológica, os mapeamentos metafóricos são representados pela estrutura DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE (sempre em maiúsculas) (GUEDELHA, 2013, p. 105).

No exemplo citado, *dança* é o domínio-fonte, pois dele extraímos o conceito que queremos aplicar metaforicamente em um outro domínio, no caso, *vida*, o termo que se pretende conceitualizar, o nosso domínio-alvo. Pois, reiteramos, domínio-alvo é aquilo que queremos compreender ou experienciar (algo mais abstrato, como a vida), enquanto o domínio-fonte é aquilo que utilizamos como referência para fazer a ponte com o sentido (algo mais concreto, como a dança).

Da expressão metafórica “Somos a praga do planeta” (KRENAK, 2020b, p. 9), é possível retirar a metáfora O PLANETA É UMA PLANTA. Entendemos planta como designação comum dada aos organismos do reino *Plantae*, que necessitam de uma fonte de energia para viver (HOUAISS, 2004). Nesta metáfora, podemos destacar algumas características das plantas para nos fornecer o domínio-fonte. As plantas necessitam da terra e da água para sobreviver, ou seja, estão conectadas à natureza, ou melhor, são natureza. Durante o período pandêmico, o cultivo de plantas foi estimulado como hábito associado à saúde física e mental. Atualmente, extraímos do termo planta, o domínio-fonte de apatia, morosidade, sendo uma “pessoa planta” aquela que pouco interage, que é quieta ou preguiçosa. O que enxergamos como falta de ação pode ser entendido como vulnerabilidade, assim, na metáfora O PLANETA É UMA PLANTA, o domínio-fonte é um organismo vivo conectado à natureza e vulnerável à devastação, e o domínio-alvo é ao planeta Terra.

Em “*Estamos viciados em modernidade. (...) Isso é uma droga incrível, muito mais perigosa que as que o sistema proíbe por aí*” (KRENAK, 2020b, p. 17), podemos perceber a metáfora: A MODERNIDADE É UMA SUBSTÂNCIA QUÍMICA, e mais especificamente, A MODERNIDADE É UMA SUBSTÂNCIA QUÍMICA NOCIVA, na qual o domínio-fonte é a dependência e alteração na estrutura e funções do organismo causadas por substâncias, naturais ou sintéticas; e o domínio-alvo é a nossa realidade sociocultural contemporânea marcada por inovações tecnológicas. Apresento algumas relações entre domínios em outras expressões metafóricas de Ailton Krenak no Quadro 2:

EXPRESSÃO METAFÓRICA	METÁFORA
(1) “Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho . (...) Há um horizonte, estamos indo para lá, e vamos largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade – alguns de nós fazemos parte dela” (KRENAK, 2020b, p. 10).	A VIDA É UMA VIAGEM (domínio-alvo: vida; domínio-fonte: viagem)

(2) “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida (KRENAK, 2020a, p. 11)	COLONIZAR É ILUMINAR (domínio-alvo: colonização; domínio-fonte: dicotomia luz x escuridão)
(3) A Terra pode nos desligar tirando nosso ar, não precisa nem fazer barulho” (KRENAK, 2020b, p. 59-60).	HUMANOS SÃO MÁQUINAS (domínio-alvo: vida humana; domínio-fonte: mecânica)
(4) “Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter” (KRENAK, 2020b, p. 102)	ENSINO É INDÚSTRIA (domínio-alvo: sistema de ensino; domínio-fonte: indústria fabril)
(5) “ Vamos atravessar o deserto , temos que atravessar. Ou toda vez que você vê um deserto você sair correndo? Quando aparecer um deserto, o atravesse ” (KRENAK, 2020b, p. 116).	CRISES SÃO DESERTOS (domínio-alvo: crises e dificuldades; domínio-fonte: travessia de desertos)

Quadro 2 – Mapeamento entre domínios
Fonte: Patrícia Borges; Iná Isabel e Carlos Guedelha (2022).

Como se percebe, em (1), as expressões “margem do caminho, do percurso” verbalizam a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, na qual entendemos a ação de viver como o ato de deslocar-se de um lugar para outro.

Já em (2), Krenak contesta a metáfora COLONIZAR É ILUMINAR, rejeitando a narrativa da superioridade europeia para validar violências coloniais como salvação, como se a colonização tirasse povos tradicionais de um buraco, apagando o fato de que esses povos possuíam altas tecnologias de manejo de mundo.

Na metáfora (3), HUMANOS SÃO MÁQUINAS, Krenak equipara a humanidade aos aparatos tecnológicos pelos quais somos “dominados”. Assim como desligamos nossos celulares e computadores, a Terra tem o poder de nos desligar, e podemos entender a pandemia como uma das possibilidades de desligamento.

A metáfora em (4), ENSINO É INDÚSTRIA, ele ressalta a cosmovisão capitalista presente em todo sistema-mundo moderno, que dita padrões comportamentais. A metáfora associa o sistema de ensino a uma atividade industrial, nos propondo perceber a relação entre educação e um conjunto de maquinarias e funcionários dedicados a transformar uma matéria-prima (alunos) em produto comerciável (consumidor).

A metáfora (5), CRISES SÃO DESERTOS, aplica à crise, entendida por nós como um período intenso de decisões e incertezas, o sentido de deserto. A ecologia apresenta deserto como bioma que se estabelece em regiões áridas caracterizadas pela pluviosidade

muito baixa, altas taxas de evaporação e grande amplitude térmica diária (HOUAISS, 2004). Logo, podemos inferir que nesta expressão metafórica, o escritor concebe crise como um período seco, de limitações de vida que deve ser transgredido.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), as metáforas conceptuais são subdivididas em três tipos basilares, sendo eles a metáfora estrutural, a orientacional e a ontológica. As metáforas estruturais são aquelas nas “quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 59). Por meio de mapeamentos complexos, as metáforas estruturais exemplificam o que é e como se estrutura o conceito metafórico, sendo assim consideradas o protótipo de metáfora conceptual. Tal tipologia marca a relação entre domínio-alvo e domínio-fonte. Aos exemplos já expostos acima, acrescentamos “*Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição*” (KRENAK, 2020b, p. 29), onde o autor concebe a experiência de viver em termos metafísicos, para além do mundo material e dos limites físicos. Segundo o Dicionário Houaiss (2004), o termo “transcender”, do latim, *transcendere*, significa elevar-se sobre ou ir além dos limites de; situar-se para lá de, superar (alguém, algo, um grupo) por lhe ser superior, superar-se por ir além de suas limitações. Trata-se de um importante conceito filosófico sobre o sentido da existência do mundo e da vida humana. Para a teologia e práticas religiosas, transcender é estar em contato com o mundo espiritual, com as divindades. Logo, na metáfora VIVER É TRANSCENDER, identificamos *vida* como o domínio-alvo sobre o qual aplicamos o conceito extraído da superação dos limites físicos do ser humano, o nosso domínio-fonte.

Lakoff e Johnson (2002) entendem que a metáfora conceptual abriga alguns tipos de metáfora mais especializados, entre eles a “metáfora orientacional”. Baseando-se nas orientações espaciais do nosso corpo e no funcionamento dele no ambiente físico, as metáforas orientacionais organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, dando a um conceito uma orientação espacial, a partir da nossa experiência física e cultural. Um dos principais exemplos se dá a partir da nossa postura corporal, que nos fornece as noções de horizontalidade e verticalidade. A verticalidade pode sinalizar, por exemplo, um estado emocional positivo (para cima) ou negativo (para baixo), de onde derivam os pares de metáforas FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO e BOM É PARA CIMA; RUIM É PARA BAIXO. As seguintes expressões metafóricas de Ailton Krenak exemplificam essa tipologia metafórica: “A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão **despencar. Cair, cair, cair**. Então por que estamos grilados agora com **a queda?**” (KRENAK, 2020a, p. 30).

Ao filosofar sobre os impactos trazidos ao planeta desde a colonização (nos últimos tempos), o escritor faz uso da nossa relação espacial de base física para refletir quão nociva tem sido a empreitada colonial e capitalista no contexto humanitário mundial. Ao compreender que BOM É PARA CIMA; RUIM É PARA BAIXO, os domínios despencar, “cair” e “queda” surgem a partir de uma organização sistemática de conceitos negativos, criada a partir da nossa experiência física e cultural. Por meio das expressões metafóricas podemos inferir que, na cosmovisão krenakiana, o sistema mundo-moderno e a humanidade pós-colonial são vistos em termos negativos de queda constante na condição humana. A pandemia foi vista como mais uma queda humanitária.

Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem **um mundo do lado de lá do muro e um do lado de cá**, (...). Isso é **um abismo**, isso é uma **queda**. Então a pergunta a fazer seria: ‘Por que tanto medo assim **de uma queda** se a gente não fez nada nas outras **eras senão cair?**’” (KRENAK, 2020a, p. 62).

O exemplo acima reforça a presença da nossa relação espacial e experiência física na cognição da metáfora orientacional em um mundo do lado de lá do muro e um do lado de cá. Vemos que o conceito negativo de divisão de mundo pode ser ampliado com a experiência cultural de fatos como a construção do Muro de Berlim. Em “Isso é um abismo, isso é uma queda”, expressão metafórica mapeada pelos domínios RUIM É PARA BAIXO, temos outro exemplo do sistema de conceitos negativos, criado a partir da nossa experiência física e espacial. Mapeada também pela metáfora orientacional RUIM É PRA BAIXO, na frase “na biosfera há milhões de seres olhando a nossa **baixaria** e perguntando: ‘O que esses humanos estão fazendo?’” (KRENAK, 2020b, p. 43 – 44) é dado ao domínio para baixo o conceito de vulgaridade, depravação, falta de respeito e grosseria.

Um dos mais expressivos proferimentos metafóricos de Krenak se dá na frase: “Talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um **paraquedas**. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de **paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos**” (KRENAK, 2020a, p. 63). Já que desde a colonização e da implantação do sistema mundo-moderno a humanidade está em queda, só nos resta inventar instrumentos para amortecer e reduzir os impactos ao cair. Segundo Krenak (2020b), nos momentos de crise é necessário ter alguém para chamar, e ele chama o poeta Carlos Drummond de Andrade, a quem considera um desses paraquedas coloridos, que amortece a nossa queda, porque a sua poesia nos humaniza e alimenta a nossa porção “gente”.

Os proferimentos reforçam a metáfora como fenômeno cognitivo por meio do qual é possível perceber a forma como Ailton Krenak compreende o atual contexto humanitário

global. A partir da teoria conceptual e dos exemplos apresentados entendemos que “a metáfora não é apenas um simples recurso linguístico catalogado entre os tropos ou figuras de linguagem, mas um modo específico de conhecer o mundo” (MARCUSCHI, 2000, p. 75) e agir sobre ele. A nossa experiência com substâncias e objetos físicos nos possibilitam outro tipo de metáfora no âmbito da metáfora conceptual. Trata-se das metáforas ontológicas. Por meio das metáforas ontológicas, relacionamos a experiência humana com objetos e substâncias físicas à compreensão de noções abstratas. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 75), “compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substância de uma espécie uniforme”. As metáforas ontológicas não estabelecem mapeamentos, mas concretizam algo abstrato.

Os teóricos explicam ainda que “as nossas experiências com objetos físicos (especialmente com nossos corpos) fornecem a base para uma variedade ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 76).

A personificação é considerada a forma mais comum da metáfora ontológica, pois concebe objetos físicos e entidades como pessoas, nos permitindo compreender experiências relacionadas a entidades não-humanas por meio de experiências humanas. O Quadro 3 a seguir apresenta algumas metáforas ontológicas colhidas do discurso krenakiano.

VERBALIZAÇÃO DA METÁFORA	METÁFORA ONTOLÓGICA
(1) “(...) foi preciso justificar para a Unesco por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração . (...) Se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu ” (KRENAK, 2020a, p. 12).	A MINERAÇÃO É UMA PESSOA O PLANETA É UMA COMIDA
(2) “Nosso tempo é especialista em criar ausências” (KRENAK, 2020a, p. 26).	O TEMPO É UM PROFISSIONAL
(3) E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover (KRENAK, 2020a, p. 26).	PESSOAS SÃO ESTRELAS
(4) Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical (...) não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo ; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas” (KRENAK, 2020a, p.71).	O COLONIZADOR É BACTÉRIA COLONIZAÇÃO É DOENÇA
(5) Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos descolamos do organismo vivo da Terra (KRENAK, 2020b, p.17).	A REALIDADE É UMA DROGA Mais especificamente:

	O CAPITALISMO É UMA DROGA
(6) “ O planeta está nos dizendo: ‘Vocês piraram, se esqueceram quem são e agora estão perdidos achando que conquistaram algo com os brinquedos de vocês’” (KRENAK, 2020b, p. 59).	O PLANETA É UMA PESSOA
(7) “ Mudam de repertório, mas repetem a dança, e a coreografia é a mesma: um pisar duro sobre a terra. A nossa é pisar leve, bem leve ” (KRENAK, 2020b, p. 113 – 114).	A VIDA É UMA ARTE A VIDA É UMA DANÇA
(8) “Sabemos que esse lugar foi profundamente afetado, virou um abismo, mas estamos dentro dele e não vamos sair ” (KRENAK, 2020b, p. 107).	O MUNDO É UM BURACO

Quadro 3 – Metáforas ontológicas
Fonte: Patrícia Borges; Iná Isabel e Carlos Guedelha (2022).

A metáfora (1) personifica a mineração. Sendo a mineração uma pessoa, representante da espécie de vida humana, é possível que ela devore o planeta, metaforizado na expressão como uma comida, ou uma refeição que nos fornecerá os pedaços pelos quais brigaremos.

A metáfora (2) personifica o nosso tempo (modernidade) como um profissional. Krenak associa a nossa compreensão sobre ser profissional à ideia abstrata de tempo, utilizando, mais uma vez, um termo (especialista) para evidenciar a cosmovisão capitalista e utilitária sobre a vida. Por profissional, entendemos aquele que exerce uma ocupação como meio de vida ou para ganhar dinheiro, logo a metáfora concretiza o nosso tempo (modernidade), como profissional especializado em criar ausências.

Na metáfora (3), a ideia de personificação é invertida. Ao conceber pessoas como sendo estrelas, Ailton aplica a alguns grupos de seres humanos as características de um corpo celeste cintilante, com energia e luz próprias. Essa gente, com características astronômicas, dança, canta e faz chover pelo mundo. No início da empreitada colonial, milhões de indígenas já habitavam o território hoje conhecido como Brasil. Diante dessa “constelação de gente”, o número de europeus que chegava ao território ganhava proporções microscópicas. Apesar disso, os europeus “*chegaram aqui famélicos, doentes e o Darcy Ribeiro diz que eles fediam. Quer dizer, baixou uma turma na nossa praia que estava simplesmente podre.*” (AILTON KRENAK, in: Guerras do Brasil.doc 2018), fato que pode ter originado a metáfora (4). Entendemos bactérias como microrganismos conhecidos por causar doenças em humanos. O processo de colonização é metaforizado ontologicamente ao ser concretizado como a experiência humana de doença causada por bactéria, na qual o território é infectado pela bactéria colonizador, causando a doença colonização.

Sequela da colonização, a entidade “sistema capitalista” é concretizada como uma droga na metáfora (5). Relembrando a concepção de capitalismo como uma enredada estrutura de poder para além de aspectos econômicos (GROSFOGUEL, 2008), podemos conceber o sistema e as práticas de consumo impostas por ele como uma substância química, algo não natural, que, além de nos causar dependência, nos distancia da Terras e das outras formas de vida n(d)ela.

Na metáfora (6), a metáfora ontológica ressalta a ideia de que o planeta é um organismo vivo. Tempestades, inundações e pandemias que entendemos como catástrofes naturais, podem ser entendidos nessa metáfora como avisos que o planeta nos dá sobre as consequências da modernidade e da nossa ideia de humanidade superior às outras formas de vida por desenvolver avanços tecnológicos.

A experiência da arte, mais especificamente da dança metaforiza o sentido da vida na metáfora (7). A partir de uma experiência corporal, compreendermos emoções proporcionadas pela dança como a “entidade” vida.

A metáfora ontológica (8) concebe que sistema-mundo moderno transformou o mundo em um buraco. Entendemos buraco como uma cavidade ou um espaço vazio em uma superfície. Relacionando a experiência humana à compreensão de noções abstratas, Ailton associa a experiência de viver neste mundo contemporâneo a estar dentro de um espaço oco, do qual não sairemos.

Na teoria conceptual, as metáforas são culturais, resultam de mapeamentos significantes a cada civilização ou ideologia (SARDINHA, 2007). A era da industrialização e seus impactos na organização do sistema mundo-moderno nos trouxe um dos principais exemplos abordados nos estudos metafóricos. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 243), “a ocidentalização de culturas em todo o mundo ocorre em parte pela introdução da metáfora TEMPO É DINHEIRO nessas diversas culturas”, daí entendemos como tal conceito estrutura profundamente nossas atividades sociais cotidianas, percepções e a maneira como nos organizamos no mundo. Conforme explicam os linguistas,

Devido à forma pela qual o conceito de trabalho se desenvolveu na cultura ocidental moderna, em que o trabalho é normalmente associado ao tempo que toma, e ele é quantificado com precisão, tornou-se hábito pagar as pessoas pela hora, semana, mês ou ano. Em nossa cultura, TEMPO É DINHEIRO de muitas formas: unidades de chamadas telefônicas, pagamento por hora, taxas diárias de hotel, orçamentos anuais, juros sobre empréstimos e pagamento de dívida para com a sociedade através do “tempo de serviço” (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 51).

Enquanto apreendemos o conceito TEMPO É DINHEIRO e atualizamos expressões como “perder tempo”, “gastar tempo”, “economizar tempo”, esse fenômeno metafórico pode não fazer sentido algum a sociedades não capitalistas, nas quais efetivamente “tempo não é dinheiro”. Por outro lado, o que para uma sociedade capitalista pode parecer metafórico tem sentido real para outras sociedades e tal diferença entre percepções se dá, por exemplo, “Quando os índios falam: ‘A Terra é a nossa mãe’, os outros dizem ‘Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita!’. Isso não é poesia, é a nossa vida” (KRENAK, 2020b, p. 114).

Da colonização à contemporaneidade, em uma sociedade ocidentalizada e capitalista, a relação entre tempo e dinheiro gera, desde a nossa infância, mapeamentos como *o ato de viver é utilitário*, afinal, conforme já pontuado, qual criança não é questionada sobre ‘o que vai ser quando crescer’? Pessoas sem tempo são pessoas ocupadas, atarefadas, trabalhadoras, *workaholics* e essa postura é admirável em nossa sociedade. Grandes executivos, poderosos de terno e gravata, os que só têm tempo para o trabalho são exemplares, enquanto os que não se inserem nesse sistema trabalhista são mal vistos, tratados como desocupados.

Tal concepção colonialista vem adoecendo pessoas por todo o mundo, sejam as que ficam estafadas por acumular funções em busca de *status* social, as que são mão de obra explorada nas empresas dos grandes executivos e que, dificilmente, enriquecerão como o patrão, ou ainda as que preferem fruir a vida e são julgadas por isso. Isso se dá porque as metáforas são capazes de criar realidades (LAKOFF & JOHNSON, 2002), logo, uma perspectiva que conteste tal conceito pode ser considerada transgressora e decolonial.

Em 30 de janeiro de 2023, o Instituto Parentes¹⁶ nos presenteou com a fala de Nêgo Bispo em Aula Magna online de boas-vindas à turma do curso de Pós- graduação em Psicologia Social e Comunidades. “A gente não tem a vida, a gente vive a vida. A vida não é para se ter, é para se viver” foi uma das primeiras reflexões do Mestre que nos instruiu a pensar que a vida pode ser orgânica (o ser) ou sintética (o ter). Para Nêgo Bispo, é muito necessário termos o tempo de ouvir. “Só a vida humana tem horário, todas as outras vidas têm tempo”. Bispo nos lembrou ainda que “Exu não é cronológico; o que chamamos de demora, Exu chama de processo”. Tal relação com o tempo dialoga com minha caminhada na escrita desta Dissertação: um verdadeiro processo. Assim como Djamila Ribeiro,

¹⁶ De Fortaleza (CE), o Instituto Cooperativo Parentes é um projeto sociocultural criado em novembro de 2020 com a primeira turma da Formação em Saúde Mental, em parceria com o Movimento de Saúde Mental (MSM). Maiores informações em: <https://institutoparentes.com.br/>

defenderei minha Dissertação de mestrado aos 35 anos e saúdo a forma privilegiada como venho decidindo viver e realizar todos os projetos que proponho desenvolver, apesar das metas e prazos que organizam a sociedade contemporânea.

Visualizamos, portanto, *O amanhã não está à venda*, título de um dos textos de Ailton Krenak, como uma expressão que nos fornece um sentido de contestação à metáfora TEMPO É DINHEIRO. Podemos inferir que os Krenak compreendem que o dinheiro não compra tempo de vida. Com a pandemia, tivemos uma oportunidade de perceber que, apesar do nosso sistema exigir antecedência, agendamentos, planejamentos de prazos, é importante atentarmos que “Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã” (KRENAK, 2020b, p.88).

Bem como com “o amanhã não está à venda”, ao nos ensinar que “a vida não é útil”, Ailton contesta a força de mapeamentos gerados por metáforas como TEMPO É DINHEIRO na construção do nosso entendimento de mundo e de vida. O escritor contesta a ideia de que o trabalho dá sentido à vida, de que a vida só faz sentido se tivermos utilidade:

A vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. (...) Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. (...) sobreviver já é uma negociação em torno da vida, que é um dom maravilhoso e não pode ser reduzido (KRENAK, 2020b, p. 108– 109).

A concepção krenakiana opõe-se à forma como Platão considerava a arte, lembrando que, enquanto para Aristóteles a arte era bem-vinda por tudo o que representa, para Platão, tratava-se de algo sem utilidade. É válido compreender a cosmovisão krenakiana como uma oposição ao sentido platônico de arte. Assim, a forma como o povo Krenak entende a vida deságua na metáfora VIDA É ARTE: “A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (KRENAK, 2020b, p. 108). Vale lembrar que a significação de canto e de dança varia de povo para povo, mas podemos inferir que, no geral, as cosmopercepções de povos indígenas sobre a ação de cantar e dançar difere do sentido dado em sociedades capitalistas ocidentalizadas.

Por meio de tais inferências, podemos perceber a relação entre o discurso metafórico, a cosmopercepção de Ailton Krenak e a teoria da metáfora conceptual. Visto por muitos como um pregador do apocalipse, ao metaforizar sobre a realidade humana no planeta, ele nos mostra o modo como compreende suas experiências no mundo moderno contemporâneo,

buscando “compartilhar a mensagem de um outro mundo possível” (KRENAK, 2020b, p. 85).

Segundo Gibbs (2002), a metáfora é para a gente como a água é para os peixes, dada a sua importância vital como veículo de compreensão do mundo. Tal perspectiva é reforçada ao entendermos a metáfora como um fenômeno cognitivo que estrutura culturas e ideologias, conforme proposto pela teoria conceptual desde 1980. Dez anos depois, no final da década de 90, a teoria decolonial, assim como a conceptual, propõe rupturas nas estruturas epistemológicas e científicas ocidentais.

A teoria conceptual se contrapõe à teoria lógico-positivista ao defender que as metáforas validam ideologias e o modo de compreender o mundo de diferentes culturas, propondo, assim, que não existem verdades absolutas. Conforme exposto no segundo capítulo desta Dissertação, a teoria decolonial propõe que as epistemologias ocidentais e o eurocentrismo não trazem verdades universais e absolutas, enquanto, na teoria conceptual, a metáfora deixa de ser apenas uma figura de linguagem, na teoria decolonial, os paradigmas eurocêntricos deixam de ser referência de legitimidade epistêmica.

A contemporaneidade e a proposta de ruptura aproximam as duas teorias que impactam o campo científico desde o final do século XX. Tanto o fenômeno metafórico quanto as sequelas colonialistas estão em todo lugar e estruturam a maneira como compreendemos e nos organizamos no mundo. Ao entender que as metáforas “formam sistemas coerentes com os quais conceptualizamos nossa experiência” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.99), concebemos que tudo é metáfora, bem como tudo precisa ser decolonizado, visto que a colonização nos estruturou em um sistema mundo-moderno (WALLERSTEIN, 2005) que tenta negar as diversas outras maneiras de compreensão e significação de mundo.

3.2 É tempo de retomar

Ao ter contato com as bibliografias base para este texto compreendemos que o atual contexto de crise está implementando movimentos e transformações. O movimento parece ser retrógrado quando lembramos de casos de violência como os citados no capítulo de abertura. A banalização da vida humana e a depredação das outras formas de vida contextualizam nossa necro-realidade cotidiana. O que fazer, qual *modus operandi* adotar em tal cenário? Os movimentos e as transformações nascem como alternativas para adiar a extinção humana.

Ao propor refletir sobre as peculiaridades do que Krenak chama de humanidade zumbi, faz-se necessário buscar de que forma e a partir de quando se instalou esse sistema que nos organiza em uma estrutura global violentamente desigual. Assim, chegamos ao fio condutor da pesquisa: a quebra de paradigmas impostos pela colonização, pelo sistema mundo-moderno e pelo capitalismo, a tríade do fim do mundo. Por serem vitais a essas entidades, a ciência e a religião devem ser focos de contestações e rupturas por parte dos movimentos e transformações.

Para exemplificar um momento de ruptura e transformação no fazer científico, citamos a análise que Ailton Krenak faz sobre como o campo científico recebeu teorias que entendem a Terra como organismo vivo no mesmo período do giro conceito-decolonial.

James Lovelock, criador da teoria da Gaia, foi colocado para fora de um programa de pesquisa da Nasa, marginalizado pela turma que acreditava demais na teoria de Darwin. Para eles, a ideia de que a Terra é um organismo vivo era anticientífica. Até o final da década de 1990 se desprezou qualquer pesquisa que quisesse tratar esse organismo como uma coisa inteligente. (...) Mas, nos últimos cinco, seis anos, com o agravamento da crise climática, com o planeta fervendo, esses negacionistas começaram a declinar de sua posição cética e querer entender a teoria de Gaia. Deixo isso para os incrédulos. Quem já ouvia a voz das montanhas, dos rios e das florestas não precisa de uma teoria sobre isso: toda teoria é um esforço de explicar para cabeças-duras a realidade que eles não enxergam (KRENAK, 2020b, p.18 a 20).

Tanto a teoria conceptual da metáfora quanto a teoria decolonial representam um giro epistemológico, contestam conceitos científicos cristalizados, questionam o próprio fazer científico, enfatizam a diversidade de modos e significações de mundo. Ao explanar sobre a não existência da verdade absoluta, as teorias também propõem acompanhar o hibridismo contemporâneo, no qual, fomentadas por uma revolução tecnológica e comunicacional, as diversas linguagens se misturam e se transformam, impactando, por exemplo, a paradigmática conduta de dividir campos de saber em caixinhas. Conforme nos explicam Dias e Nascimento (2014), a ideia de hibridismo trabalhada aqui é a de um espaço para produção de novas identidades, uma vez que

os elementos culturais não podem ser entendidos como expressões estáveis e imutáveis, mas como um procedimento da sociedade à mercê de novas e imprevisíveis articulações. O produto dessas misturas é cada vez mais comum no mundo globalizado, o que, por sua vez, vai produzir novas identidades globais e locais (DIAS E NASCIMENTO, 2014, p. 2)

Logo, uma vez entendendo cultura como um conjunto de expressões mutáveis, também percebemos mudanças sobre a concepção de literatura. Entendemos, portanto, que estamos todos dentro desse sistema-mundo moderno e teríamos uma dificuldade imensa de

dissertar sobre linguagem, literatura, cultura e sociedade no contexto atual sem abordar as reflexões feitas até aqui. No último capítulo, a literatura e a decolonialidade desaguam no conceito de oralitura (MARTINS, 2003), aproximando ainda mais as ideias expostas em cada capítulo, transformando esse trabalho em uma confluência intelectual, um enredado de ideias e reflexões que se complementam em cada etapa da escrita.

4 ORALITURA E TRANSGRESSÃO LITERÁRIA: O PARAQUEDAS COLORIDO DE UMA SOCIEDADE CONTRACOLONIALSITA

Este capítulo apresenta uma análise decolonial sobre a cosmovisão ocidentalizada a respeito da literatura. Relembro questões que me foram feitas durante a entrevista de seleção para uma vaga neste curso. Fui questionada se teria interesse em trocar o autor que propunha estudar. Ainda muito ingênua em relação à área da pesquisa, respondi que não, pois as inquietações que as ideias de Ailton Krenak me proporcionam são os pilares que sustentam meu interesse pela área científica. Ao menos foi o que tentei dizer naquele momento de ansiedade extrema. Fico me perguntando: estaria o autor a ser sugerido dentro do cânone literário da prosa ou poesia? Após dois anos de curso percebo que, além da escrita ser baseada na inquietação que sinto por meio de seus textos, acreditamos que, conforme exposto no capítulo 2, os textos de Ailton Krenak transcendem à teoria decolonial, nos instigando a experienciar práticas contracolonialistas.

Se entendermos que a modernidade ocidental é fundada nos pilares da escrita, da literatura e na tentativa de inferiorizar e desqualificar a expressão oral, percebemos que se busca destruir todo um sistema de epistemologias, práticas e saberes, que tem no corpo, na voz e nos gestos lugares de inscrição de memória e de conhecimento. A história da literatura brasileira é ancorada na tradição escrita ocidental e em registros que inferiorizam ou excluem a textualidade, os repertórios verbais, narrativos, linguísticos e de percepções de mundo concebidas por povos indígenas e afrodiáspóricos. Tal tradição sustenta e beneficia o tal cânone por meio da imposição de uma perspectiva redutora e homogeneizada sobre literatura, associada apenas à escrita.

Para questionar o erudito e a hierarquização colonialista sobre a perspectiva literária, a escrita deste capítulo propõe um diálogo entre o pensamento krenakiano e o conceito de oralitura elaborado por Leda Maria Martins (2003), validando corporeidade, gestos, adereços e narrativas como elementos literários. Em uma perspectiva decolonial, destacamos o pensamento de Ailton Krenak para refletir sobre a cosmovisão ocidentalizada a respeito da literatura, ampliando e transgredindo nossas percepções para a oralitura. Analisando confluências entre os pensamentos de Ailton Krenak, Nêgo Bispo e Jaime Diakara, discutiremos também sobre a perspectiva redutora e excludente do termo literatura indígena. Para além das teorias e das caixinhas taxonômicas, buscamos refletir sobre outras cosmopercepções de mundo para contemplar o fazer e a crítica literária, compondo um movimento que propõe pensar transgressão literária para além da escrita grafada no papel,

contribuindo para a difusão e valorização das “gravuras da letra, do corpo e da voz” (MARTINS, 2003, p. 80).

4.1 “Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição”

Para questionar nossa visão utilitarista sobre a vida, a reflexão “vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição” (KRENAK 2020b, p. 29) pode ser associada à nossa necessidade por definições taxonômicas. A obra de Ailton Krenak se encaixaria em qual gênero literário? Foi outra questão posta durante a entrevista. Conforme manda o figurino colonial, confesso que também tive essa dúvida ao pensar no projeto. Entendendo literatura como uma arte híbrida presente na música, no teatro, em mangás, quadrinhos, cinema e séries, como colocar a imensidão e o impacto causado em mim pelo pensamento krenakiano em uma caixinha literária? Coutinho (2015, p. 99) explica que “há um grupo de formas literárias que resultam de uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se em seu próprio nome ao leitor ou ao ouvinte, sem qualquer artifício intermediário”. Entendemos esse grupo, composto por ensaios, crônicas, carta e diário, como gêneros ensaísticos. Seria esse o nome da sessão na qual podemos procurar os livros de Ailton nas livrarias? Respondi que o autor escreve ensaios.

Em entrevista ao Canal do Poetariado¹⁷ no Youtube, publicada em 20 de dezembro de 2021, Ailton Krenak reflete que “a possibilidade do ensaio é ensaiar para a vida. Eu sou ensaísta porque eu estou ensaiando pra ficar vivo. É um ensaio, a gente passa a vida inteira ensaiando”. O próprio Krenak, porém, definiu seus livros como parábolas durante fala no Festival Literário do Centro¹⁸, em 23 de abril de 2023, realizado no Centro de Manaus. Tal percepção já havia chegado a mim por meio de contribuição dada pela Prof. Dra. Ana Cristina Aguiar do PPGL - Ufam, com quem tive uma rápida oportunidade de confluir durante o IX Seminário de Metodologia em Linguagem e Literatura¹⁹, em 14 de abril deste ano de 2023.

Segundo Larrouse (2001, p. 733), parábola, “do grego *parabole* é uma narrativa curta, de estrutura dramática que encerra um conteúdo moral explícito ou implícito; alegoria

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o3yZm3bSpg0>. Acesso em 10 dez. 2022

¹⁸ Maiores informações sobre o evento disponíveis em: <https://revistacenarium.com.br/luciany-aparecida-e-ailton-krenak-vao-participar-de-festival-literario-em-manaus/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

¹⁹ Maiores informações sobre o evento disponíveis em: <https://linktr.ee/pesquisappglufam>. Acesso em: 30 mai. 2023.

que encobre de véu uma verdade”. Coutinho (1989, p.72) define parábola como uma “narrativa curta, destinada a veicular princípios morais, religiosos ou verdades gerais, mediante comparação com acontecimentos correntes, ilustrativos, usando seres humanos. É assim relacionada à fábula e à alegoria”. Para refletir se Ailton Krenak escreve ensaios ou parábolas relembro o texto “Contos e Contistas”, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 13 de novembro de 1938 (SÁ, 2013), no qual Mário de Andrade nos explica que, “Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”, logo, concordando com tal afirmação, acredito ser parábola aquilo que o autor batizou por parábola, e ser ensaio aquilo que o autor chamou de ensaio. Nesse sentido, se o próprio autor classifica seus textos ora como ensaios ora como parábolas, posso dizer, juntamente com ele, apenas para dar um certo prazer aos aficionados pelas classificações, que os textos krenakianos podem ser vistos como ensaios ou como parábolas, sem a obsessão que se costuma ter, na academia, pela inócua rigidez das taxonomias.

Hoje, após dois anos de vivências científicas sob generosas orientações, percebemos que grandes obras são rebeldes aos rótulos (GUEDELHA e RAFAEL, 2019). Por se tratarem de palestras e lives adaptadas para livros, definir o gênero dos textos de Ailton Krenak (2020a; 2020b) vinha sendo tarefa difícil, evidenciando uma aversão à camisa de força da taxonomia (GUEDELHA in: CABRAL, 2015). Com poesia e genialidade, Astrid Cabral nos ensina que “classificações são gavetas estreitas” (CABRAL, 2015). Gavetas que não comportam a transgressão contracolonialista do pensamento krenakiano, pois faz parte da transgressão romper as barreiras que aprisionam as múltiplas percepções em favor de uma história única.

O que se percebe, porém, é a relação entre tais classificações narrativas e a oralidade, principal meio de transmissão de conhecimentos em diversas comunidades indígenas e quilombolas. Ao refletir sobre a relevância do oral nas Letras, propomos dar um tratamento diferenciado ao que se entende por literário, contestando o sentido etimológico de literatura, littera (letra), que valida e restringe a cultura àquilo que está escrito. Ao concordar com Fernandes (2013, p. XII), percebemos que “para não desestabilizar o cânone, o erudito e o que é complexo (isto é, no que diz respeito aos distintos gêneros formados no decorrer de uma literatura escrita plurissecular, em relação ao implexo oral), separa-se o joio do trigo”.

Alfabetizado aos 20 anos, Ailton Krenak entende a leitura e a escrita como técnicas similares as de operar uma máquina ou dirigir um carro. O autor reflete sobre a relação entre a sociedade e a exclusão de pessoas não alfabetizadas, argumentando que “quando uma cultura elege essas atividades como coisas que têm valor em si mesmas está excluindo da

cidadania milhares de pessoas para as quais as atividades de escrever e ler não tem nada a ver” (KRENAK in: COHN, 2005, p.86). Ao lembrar como encarou seu processo de alfabetização, o líder indígena nos ensina a compartilhar saberes e memórias explicando que

Quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria. Acho que a maioria das crianças que vão hoje para a escola e que são alfabetizadas é obrigada a engolir o peixe com espinha e tudo. É uma formação que não atende à expectativa delas como seres humanos e que violenta sua memória. Na nossa tradição, um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, sua fundação e seus eventos (KRENAK in: COHN, 2005, p.86).

Sobre sua relação com a literatura, Ailton descreve: “talvez seja a oralidade que me constitui. Eu, desde cedo, escutava muita fala, ouvia as falas e esse Nhe’ê, esse Nhe’ê Porã, essa boa palavra, ela sempre me atraiu como vida, como um alimento necessário para estar vivo” (KRENAK in: POETARIADO, 2021). Conforme Candido (2011, p. 176), compreenderemos literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Aliado a tal definição trazemos o pensamento de Wander Melo Miranda (2010) que, ao tratar sobre historiografia literária, nos lembra que a concepção de história como realização da civilização reflete a perspectiva do homem europeu moderno, assim,

Fora de foco, fora da história – está traçado o não lugar dos deslegitimados que, entre algo chamado Brasil e a imagem idealizada de um país recém-emancipado politicamente no grito, teimam em tornar opaca a transparência que permita aos brasileiros verem e serem vistos. (...) Nesse sentido, fazer uma nação e fazer uma literatura são processos simultâneos (MIRANDA, 2010, p. 16 – 17).

Entendemos a oralidade como principal meio de transmissão de saberes entre povos circulares. Para além da oralidade, entretanto, é perceptível em diversas culturas de tais povos a resistência de memórias e saberes inscritos “na grafia do corpo em movimento e na vocalidade” (MARTINS, 2013, p.77). Assim, ao buscarmos transgredir o conceito clássico de literatura relacionado à produção escrita, consideramos “o corpo e a voz como portais de inscrição de saberes de vária ordem” (MARTINS, 2013, p.66) e desaguamos no conceito de oralitura (MARTINS, 2013), sobre o qual discorreremos, em diálogo com a trajetória contracolonialista de Ailton Krenak, no tópico a seguir.

4.2 A oralitura em primeiro plano

Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conheci as fases da lua. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p.85)

Ao lembrar a influência do período pandêmico sobre a escrita desta dissertação, percebo que o consumo de entrevistas e palestras por meio de lives, hábito adquirido durante o isolamento social, ajudou a reunir grande parte das referências usadas na construção deste texto, tornando a oralidade outro elemento fundante da pesquisa. Das entrevistas e palestras a que já assisti, lembro-me de Ailton com uma faixa na cabeça e pulseiras que simbolizam sua cultura. Em alguns vídeos, ele abre sua fala entoando um canto, enquanto Nêgo Bispo, com seu chapéu de capim dourado, apresenta algum de seus belos poemas repletos de força e resistência.

Ao pensarmos sobre Ailton Krenak e Nêgo Bispo, logo vêm à mente dois corpos com os quais podemos nos identificar. Recordo as rezas e os benzimentos que a mãe da minha mãe fazia na gente, na casa. Recordo meus tios Carlito, Raimundo, “Bitum” e João, com quem convivi tão pouco, mas constituem doces memórias da infância. Os dois autores costumam unir as mãos em frente à cabeça, fechar os olhos e agradecer ao início e fim de suas falas. Em tais ações, podemos perceber a grafia, a linguagem no corpo em movimento conceituada por Leda Maria Martins (2003) como oralitura. A autora nos explica que “em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, *tanga*, designa os atos de escrever e de dançar (...) insinuando que a memória dos saberes se inscreve, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance” (MARTINS, 2003, p.77).

Segundo Santos, (2011, p.6) “o termo oralitura, cunhado pelo haitiano Ernst Mirville e usado pela primeira vez em 1974, surge como um neologismo que destina um espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma”. Para além da palavra impressa no papel e da oralidade, o pensamento e a cosmopercepção contracolonialista de Ailton Krenak são transmitidos pelo seu corpo, visto aqui como o

“local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformações perenes do *corpus* cultural. (...) um corpo de adereços: movimentos, voz, coreografias, propriedades de linguagem, figurinos, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços grafam esse corpo/*corpus* estilística e metonimicamente como *locus* e ambiente do saber e da memória” (MARTINS, 2003, p. 78)

Cosmopercepções afrodiáspóricas e indígenas têm relação ritualística com o canto e a dança, na qual corpo e vocalidade são veículos de transmissão e produção de conhecimentos. Voltamos a pensar na metáfora “a vida é uma dança cósmica” (KRENAK, 2020b) e no já citado verbo de uma das línguas bantu do Congo, *tanga*, que designa escrita e dança. (MARTINS, 2003). Com o aporte da oralitura, podemos inferir que, assim como entendemos livros, documentos, bulas de remédio e quaisquer palavras grafadas como fontes de aprendizagem, conhecimento e comunicação, cosmopercepções indígenas e afrodiáspóricas compartilham práticas e saberes também por meio da dança e da vocalidade grafadas em seus corpos, traços e gestos.

Vale pontuar que, em diversas culturas dos povos circulares, a palavra escrita se faz presente e constitui a formação social, porém, ao contrário do que nos impôs o pensamento moderno ocidental, a escrita não representa superioridade. Trata-se de outra opção para compartilhar saberes, sem hierarquização sobre a oralidade e a corporeidade. “Um mais-além do registro gravado pela letra alfabética” que institui e mantém tais práticas e saberes nos âmbitos social e cultural “por via da performance corporal – movimentos, gestos, danças, mímica, dramatizações, cerimônias de celebrações, rituais, etc. “(MARTINS, 2003, p. 78).

Percebendo a proximidade entre escrita e dança em uma das línguas bantu, entendemos que o conceito de oralitura dialoga com a perspectiva krenakiana sobre a vida e a dança. Mais que relacionar vida à arte, Ailton Krenak associa a dança a conhecimentos, significações e modos de manejo mundo. Ao refletir sobre o pensamento vazio dos brancos, o intelectual percebe que “mudam de repertório, mas repetem a dança, e a coreografia é a mesma: um pisar duro sobre a terra. A nossa é pisar leve, bem leve” (KRENAK, 2020b, p. 113 – 114). Converte com tal discurso metafórico a compreensão de corpo concebida por Leda Maria Martins (2003, p.78) como “um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significante, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória”.

Aqui, fazemos proveito da oportunidade para descrever meu primeiro encontro com Ailton Krenak durante o já citado Festival Literário do Centro, em Manaus. Após alguns dias de evento, uma tarde inteira de programação e cerca de duas horas de participação na roda de conversa que fechou o evento, Ailton Krenak, aos 69 anos, ficou por cerca de duas horas em pé, recepcionando todos que formaram fila para ter seus livros autografados e fazer fotos com ele. Ainda na fila, eu já havia sido advertida pela produção do evento que eu poderia ter apenas um livro autografado para que as outras pessoas fossem logo atendidas e

Ailton, sempre com sorriso no rosto e escuta atenta, pudesse encerrar suas atividades. Após cerca de uma hora de espera, chegou minha vez de encontrá-lo. “Você trouxe sua biblioteca inteira!”, brincou o escritor quando me viu com quatro de suas obras e mais um livro para presentear-lo.

Entreguei a ele “A vida não é útil” (2020b), livro autografado enquanto eu comentava que pesquiso sobre seus textos no curso de mestrado. Ele, então, falou: “esse aqui é muito bom!”, enquanto pegava o livro *Encontros* (2015), organizado por Sérgio Cohn e o autografava, mostrando um sorriso quase que sapeca, enquanto eu falava: “a moça vai brigar com a gente, ela disse que eu só poderia pedir autógrafo em um livro!”. Nos abraçamos enquanto eu só conseguia agradecer a existência dele. Sempre que revejo as fotos desse encontro, percebo Ailton tal como Martins (2003) concebe o corpo, como um portal no qual se inscreve e se interpreta, ambiente e veículo da memória.

Na cosmovisão moderna eurocêntrica e homogeneizada, somos corpos que, para repetir a mesma coreografia e pisar duro sobre a terra, precisam ser padronizados. Logo, tanto as métricas de beleza cruelmente impostas, principalmente, sobre as mulheres, a inferiorização de corpos pretos, indígenas e LGBTQIAP+, a nossa relação com o envelhecimento e o que entendemos por literatura, por exemplo, passam a ser instrumentos de castração sociocultural e intelectual. Ao propor uma reflexão sobre literatura e transgressão, pensamos, primeiramente, em partir do impacto transformador e revolucionário que a palavra escrita pode causar sobre a sociedade. O *Clube da Madrugada* e a *Nuvem Cigana* são exemplos de literatura e transgressão entre as décadas de 50 e 80 do século passado. Apesar de tais iniciativas, a preocupação com classificações literárias e a associação colonialista entre cultura, escrita e literatura, em muitos casos, ainda pode contaminar nossos processos de aprendizagem, como quando tratamos de literatura indígena, conforme discorreremos a seguir.

4.3 O sabor da literatura indígena

Amplamente reverberado na contemporaneidade, bem como literatura africana, o termo literatura indígena merece especial atenção. Quando tratamos do continente africano, estamos nos referindo a 57 países. Conforme já pontuado, há diferentes cosmopercepções entre os diversos povos indígenas pelo mundo. O quanto dessa pluriversalidade cabe nos termos literatura africana e literatura indígena? Além de toda a supressão de cosmologias, o termo reforça a necessidade científica e mercadológica de engavetar estreitamente a

complexidade e amplitude de significações de mundos que a modernidade ocidental e as colonialidades cotidianamente tentam apagar.

Recordo um encontro com Jaime Diakara, pedagogo e mestre em Antropologia Social, durante II Roda de Conversa – Literaturas Indígena e Africanas –, realizada no dia 07 de dezembro de 2022, na Ufam. Em sua fala, Diakara nos instruiu a refletir literatura a partir de elementos indígenas como o cocar, a cuia e o banco que compunham sua apresentação. Segundo a pedagogia de diversos povos indígenas, há literatura no calendário lunar, nas vivências, nas escutas e nas práticas cotidianas. “Quando escrita, a literatura indígena perde o sabor”, revelou o autor do livro *Gaapi - uma viagem por este e outros mundos* (2021).

Sobre as nossas caixinhas taxonômicas, Diakara, do povo Dessana, integrante do Grupo Wari Diputiro Porã, explica que na cosmopercepção desta comunidade, não se desassociam as disciplinas porque tudo parte das narrativas de origem do mundo, salientando que “pedagogia indígena da floresta é ouvir e acompanhar o pai e a mãe”. Dialoga com tal perspectiva a explicação de que há, no Equador e na Colômbia, comunidades que vivem em vales, trocam afetos, presentes e fazem festas para montanhas. Para essas comunidades, as montanhas são compreendidas como famílias compostas por pai, mãe, filhos. Sobre tal perspectiva, Krenak (2020a, p.19) nos pergunta “por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história pra gente?”

O autor reflete ainda sobre a relação entre o apagamento de narrativas ancestrais promovido pela modernidade e a construção da contemporaneidade majoritariamente patriarcal, quando nos ensina que “todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura. (...) em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar” (KRENAK, 2020a, p. 60 -61). Acredito que a esta altura, já se torne visível o fio que tece os argumentos postos até aqui. Ora, quem se beneficia com a imposição de uma perspectiva redutora e homogeneizada sobre literatura, associada apenas à escrita? Ao validar corporeidade, gestos, adereços e narrativas, a oralitura desestabiliza o cânone, o erudito e a hierarquização colonialista sobre a perspectiva literária.

Diante de tais reflexões, o que propomos neste capítulo, inicialmente estruturado para tratar das definições literárias e suas funções na sociedade contemporânea, é uma análise

decolonial sobre a nossa cosmovisão ocidentalizada a respeito da literatura, ampliando percepções e transgredindo o debate para a apresentação do termo oralitura (MARTINS, 2003). Ou seja, para além do deleite e da aprendizagem proporcionado pela literatura, buscamos contribuir para a desconstrução de uma perspectiva redutora e excludente, herança deixada pelo colonizador. Para melhor explicar o objetivo com o que expomos até aqui, contamos mais uma vez com a sapiência de Antônio Bispo dos Santos (2023). Quando questionado sobre como contracolonizar falando a língua do inimigo, o intelectual quilombola respondeu: “vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las” (SANTOS, 2023, p. 13).

Em uma perspectiva academicista, este capítulo possa carecer de teorizações e metodologias, nos levando a questionar: não seria a literatura um instrumento para alargar, expandir e engrandecer nossa percepção de mundo? Para realizarmos tal exercício, não seria necessário dar atenção às pessoas e aos acontecimentos que nos rodeiam? Logo, para além das teorias e das caixinhas taxonômicas, percebemos a necessidade de ouvir outras cosmopercepções de mundo para realizar o fazer e a crítica literária. Assim nos ensina a sabedoria mestra de Nêgo Bispo que, ao lembrar os primeiros passos de sua infância, nos conta: “os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. (...) Ouvíamos a sonoridade emitida pela mata, a partir do movimento do vento e das águas dos riachos, rios e das cachoeiras” (SANTOS, 2023, p. 10), sonoridade que a palavra grafada não consegue alcançar.

Algo que motivou o desenvolvimento desta pesquisa foi perceber a crescente de um movimento que bravamente questiona e resiste às imposições da cosmovisão ocidental e que, apesar das ininterruptas investidas colonialistas e das colonialidades vivenciadas, “está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover (KRENAK, 2020a, p. 26). Trabalhos como *O corpo é uma festa! Reflexões em torno da oralidade brasileira*, de Daniel Santos Costa e Sayonara Pereira; *Aqui Dançando... Ali Cantando... Acolá Batucando... Além mar vou CONTANDO: A Oralitura na Narração de História da Tradição Afro-Alagoana Mané do Rosário*, de Ana Paula da Silva Santos e Victor Hugo Neves de Oliveira; *Entre a mensagem e a comunicação: A “oralitura” de Mãe Beata de Yemonjá*, de Pedro Henrique Souza da Silva; *Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura*, de Margarete Nascimento dos Santos; *Oralitura em aula de língua portuguesa como espaço para diálogos interculturais*, de Josilene Pinheiro-Mariz e Marcela de Melo Cordeiro Eulálio, são alguns exemplos entre as diversas pesquisas que vêm sendo

desenvolvidas para decolonizar nosso olhar sobre arte, literatura e transmissão de conhecimentos.

Para concluir tais reflexões, destacamos o pensamento de Leda Maria Martins (2003) sobre a textualidade e a performance oral afro-brasileira, o qual conflui com as textualidades krenakianas, entendidas por nós como referências que nos

oferecem um amplo feixe de possibilidades de percepções, caligrafando a história e a memória dos afrodescendentes. Essa memória do conhecimento grafa-se, também, como aletria, nas pautas do papel e do corpo. Um saber que se molda pela fina lâmina da palavra ou no delicado gesto. Littera e litura. Gravuras da letra, do corpo e da voz (MARTINS, 2003, p. 80)

Com a escrita deste trabalho, pretendemos compor esse movimento ao pensar literatura e transgressão para além da escrita grafada no papel, mas contribuindo também para a difusão e valorização das escritas grafadas no corpo, adereços, gestos e vozes. É perceber que, ao nos restringirmos a pensar somente sobre essa literatura escrita em primeiro plano, deslegitimamos perspectivas oralizadas e de performance do corpo deixada por nossos ancestrais.

4.4 É tempo de retomar

Ao recordar sugestões propostas durante o exame de qualificação, destacamos uma indagação a respeito da relação entre literatura e oralidade. “Por que as falas de Ailton Krenak foram transcritas para compor estes livros?”. Perguntou um professor membro da banca examinadora. Podemos responder tal questão com o que foi exposto neste capítulo. Ao serem transcritas, as falas atingem um público que desconsidera a oralitura, bem como fazíamos antes de ter contato com tal conceito. Ailton Krenak se dirige a nós, comunidade construída por perspectivas eurocêntrica e que entende a literatura como sendo superior a outros modos de transmissão de conhecimento. Talvez, ao serem transcritas e postas em um livro, a cosmopercepção krenakiana possa ser melhor aceita, mais bem vista na comunidade literária ocidentalizada. Acreditamos, portanto que a literatura de Ailton Krenak é um elemento que se soma ao seu conjunto de oralituras.

PALAVRAS FINAIS? PALAVRAS SINAIS!

Ao refletir sobre o tema da pesquisa percebo que este não foi escolhido por mim, mas que eu fui escolhida para discorrer sobre ele através de orientações ancestrais. Confluo com Nêgo Bispo ao perceber que “ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso” (SANTOS, 2023, p.15). Entendo o quanto pode ser complexo tratar de ancestralidade em um espaço acadêmico ao confluir também com a seguinte reflexão de Krenak (2020b)

“hoje, quem fala em ancestralidade é um místico, um pajé, uma mãe de santo, porque as “pessoas de bem” saíram de um MBA em algum lugar e não vão ficar falando esse tipo de coisa. São como uns ciborgues que estão circulando por aí, inclusive administrando grandes grupos educacionais, universidades e toda essa superestrutura que o Ocidente ergueu para manter todo mundo encurralado (KRENAK, 2020b, p.102 – 103).

Apesar de concordar com tal percepção, aceito o risco de contestar a superestrutura acadêmica ocidentalizada propondo discorrer sobre a conexão ancestral entre mim e a escrita desta Dissertação. Em 6 de novembro de 2023, faz dez anos que minha mãe faleceu. Inenarrável é a dor da saudade física que carrego desde então. Apesar disso, sinto a presença dela em todos os momentos, mais ainda naqueles em que preciso de força e coragem. Minha mãe nunca esteve ausente, nunca me deixa sozinha.

Sinto falta, porém, do meu pai, que, em vida, se faz ausência dolorosa e frequente. Ao constatar tal realidade, percebi com alegria a presença dos meus ‘pais de pesquisa’. Durante o mestrado fui amparada por três grandes influências: pelo meu companheiro de vida e de luta contracolonialista, por um orientador que me acolhe desde a graduação e pela intelectualidade de Ailton Krenak, por meio de quem conheci o pensamento de Mestre Nêgo Bispo. Acrescento ao grupo dos meus ‘pais de pesquisa’ o saudoso Joaquim Melo, o Joca querido da Banca do Largo e os membros da banca pelas generosas leituras e contribuições para o desenvolvimento desta Dissertação.

Para além dos objetivos já anunciados, proponho estimular leitoras e leitores a pensar outras possibilidades de experienciar a vida, além da realidade imposta a nós pelas mazelas estruturais da modernidade. Gerar reflexões sobre o quanto a catastrófica relação entre colonização, modernidade e devastação ambiental nos afasta de cosmopercepções ancestrais e da ideia de que somos natureza, e de que todas as vidas, incluindo as não humanas, são necessárias para a saúde da Terra. Com aporte no pensamento de Ailton Krenak, as argumentações introdutórias e do capítulo 1 trazem transdisciplinaridade ao trabalho por

meio de perspectivas filosóficas, sociológicas e ambientais. Tais perspectivas foram a base da construção do diálogo entre intelectualidade krenakiana, teoria decolonial, prática contracolonialista, metáfora conceptual e oralitura que ocorre nos outros três capítulos da Dissertação.

Tamanha é a relevância da teoria decolonial, caso contrário nem nos interessaríamos por tais estudos. Mas ressalto que, com o pouco que foi estudado sobre o pluriverso decolonial nesses dois anos e com o aporte das reflexões de Ailton Krenak e Nêgo Bispo, não busco focar em tecer críticas ou elogios sobre a decolonialidade, mas situá-la como teoria nascida e criada no ambiente acadêmico, por um grupo de cientistas latino-americanos míopes às pesquisas brasileiras. As inquietações efervescentes da decolonialidade desaguaram na prática contracolonialista, chegando à simples equação teoria x prática. O que teorizam os decoloniais? E o que, realmente, praticam?

Sobre os conceitos e teorias levantadas, destaco o diálogo entre a teoria decolonial e a metáfora conceptual. Para além da contemporaneidade, podemos perceber que ambas teorias podem ser entendidas como fenômenos cognitivos que estruturam culturas e ideologias, propondo rupturas nas estruturas epistemológicas e científicas ocidentais. Enquanto a teoria conceptual se contrapõe à teoria lógico-positivista e a ideia de verdades absolutas, na teoria decolonial os paradigmas eurocêntricos deixam de ser referência de legitimidade epistêmica. A proposta de ruptura e transgressão aproxima as duas teorias e impacta o campo científico desde o final do século XX, quando passamos a entender metáforas com *locus* no pensamento, para além de um fenômeno linguístico e, a partir de uma perspectiva latino-americana, a colonização como o evento estruturante de um sistema globalizado capitalista que tenta invisibilizar as diversas outras concepções de vida e mundo.

Destaco como outra feliz confluência teórica desta Dissertação, o encontro entre decolonialidade, contracolonização e oralitura. Conforme exposto no capítulo 4, a oralitura contesta a ideia hierarquizada e eurocêntrica de superioridade da literatura grafada, reivindicando a mesma validade artística e cultural dada à palavra escrita no papel para a palavra verbalizada e para tudo que é grafado no próprio corpo, sendo este também entendido como um lugar de memórias e saberes. Termos e expressões como saboneteira, batata da perna, pé da barriga, olho gordo, podemos também perceber no corpo um campo fértil para produções metafóricas, bem como um lugar de rituais, narrativas e transgressões literárias.

Que a pesquisa fomente reflexões sobre possibilidades de habitarmos uma sociedade mais inclusiva, que saiba conviver nas diferenças e questione hegemonias e hierarquizações.

Que seja uma forma de contribuir para nos reconectarmos a nossa mãe Terra e aos nossos parentes não-humanos. Para além do juízo de valor academicista, das regras e padrões que são exigidos para tratar de literatura em primeiro plano, pela raiz transgressora deste trabalho, ressalto a dificuldade em não enxergar literatura saindo por todos os poros e palavras postas aqui. Reli muitas vezes o texto antes da entrega. Rigorosa comigo mesma, com a brutalidade que só eu mesma consigo ter, a insegurança tomou conta durante algumas das inúmeras releituras. “Será que estou sendo muito romântica, militante, ingênua, emocionada? Cadê a literatura? E o caráter científico? Estou fazendo ciência ou militância?” (como se fosse possível desassociar tais atividades na sociedade brasileira).

Ao escrever esta Dissertação tentei trabalhar como se “o amanhã não estivesse à venda”, mesmo experienciando na pele, durante todos os dias, que tempo é dinheiro. Em meio a tantos questionamentos relembro uma trajetória que envolveu o cumprimento dos créditos exigidos, atividades de grupo de pesquisa, organização de eventos, cursos de proficiência, estágio supervisionado, muitos altos e baixos, crises depressivas e de ansiedade, vulnerabilidade emocional, instabilidade financeira e a participação em dois processos seletivos durante a finalização deste texto.

Dos acontecimentos mais marcantes da caminhada, destaco o interesse que a pesquisa vem gerando por onde vem sendo apresentada. Jovens pesquisadoras pretas como a amiga do curso de mestrado, Ana Paula Castro, dizendo “teus olhos brilham quando tu falas da tua pesquisa”, me fazem lembrar que a escrita foi orientada pelas minhas ancestrais, as que vieram antes de mim e prepararam o caminho para eu chegar aqui. Elas me lembram que, para muito além de um título ou de um currículo lattes, me interessa resgatar nossas memórias, compartilhar saberes ancestrais e ser uma agente da luta contracolonialista.

Outras ideias foram surgindo, deu vontade de refazer muitas partes do texto, isso acontece a cada releitura. Uma inquietação infinita que acredito ser normal às cosmopercepções ancestrais. Não temos a intenção de trazer respostas, mas de formular cada vez mais perguntas. Este texto é a semente de muitos frutos que virão. É só o começo de uma trajetória de retomada, e não tem volta. Em pouco mais de dois anos de curso, nasceu uma Dissertação de mestrado, uma pesquisadora e uma tia ansiosa para confluir com seu sobrinho, Luiz Miguel Prado Borges, sobre a vida e suas pluriversalidades. Sobre tempo, dança cósmica e amor. Nasce uma mulher preta se dispondo, através desta Dissertação, a oferecer a mão, o ombro e o colo para que outras mulheres pretas ocupem espaços de poder e transformação.

Já bem próximo ao ritual de defesa, tive a oportunidade de assistir à série documental sobre a Rainha Nzinga (2023)²⁰, disponível na plataforma Netflix. Produzido e narrado por Jada Pinkett Smith, a produção apresenta a rainha guerreira angolana Jinga, mesclando entrevistas com especialistas e dramatizações. Sem querer dar *spoiler*, resumo os sentimentos e os aprendizados desta etapa da caminhada de pesquisadora transcrevendo falas do diálogo final entre a Rainha Jinga e sua irmã e sucessora, Mucambu. “Eu não fiz nada que os ancestrais não tenham me orientado.” “Enquanto andarmos com os ancestrais, sempre seremos mais que suficientes. Nunca estamos sozinhas.”

As palavras aqui escritas chegaram a mim como sinais e me motiva a possibilidade deste texto causar a quem ler, impacto semelhante ao que senti escrevendo. Que leitoras e leitores possam perceber que é apenas o começo de uma jornada que não tem fim. Um trabalho que estará sempre em (des)construção, buscando contribuir com o processo de retomada dos espaços, dos saberes, dos corpos e territórios. É a quebra das hegemonias, é transgressão.

²⁰ Assista em: <https://www.netflix.com/br/title/81650731>

REFERÊNCIAS

ABET, Associação Brasileira de Etnomusicologia. Mesa-redonda 1. Youtube, 9 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TeJmAg76ELU>>.

ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. *Mais de 500 mulheres são vítimas de agressão física a cada hora no Brasil, aponta Datafolha*. G1 São Paulo, 2017. <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mais-de-500-mulheres-sao-vitimas-de-agressao-fisica-a-cada-hora-no-brasil-aponta-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 29 set. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. [versão e-book]. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMARAL, Fernando Rosa do. *A história indígena na perspectiva de luta dos povos indígenas: Ailton Krenak e o “eterno retorno do encontro*. In: Fontes e reflexões para o ensino de história indígena e afrobrasileira : uma contribuição da área de História do PIBID/FaE/UFGM. Belo Horizonte: UFGM – Faculdade de Educação, p. 134. 2012.

AMAZONAS, G1. *Bruno Pereira e Dom Phillips: a cronologia do caso, desde o início da viagem*. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/06/15/bruno-pereira-e-dom-phillips-a-cronologia-do-caso-desde-o-inicio-da-viagem.ghtml>> Acesso em 01 de set. 2022.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s/d.

AZEVEDO, Laízy de Santana. *Geotecnologias aplicadas a detecção de mudanças na poluição atmosférica: estudo de caso nordeste brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, p. 79. 2021

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, p. 89-117, maio – agosto 2013.

BARBOSA, Catarina. *Dorothy Stang, dez anos de impunidade na Amazônia*. Amazônia Real, 2015. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/dorothy-stang-dez-anos-de-impunidade-na-amazonia/>>. Acesso em 30 ago. 2022.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL, Coronavírus. *Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde*, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASILEIRO, Danielle Moreira. Expressões da questão indígena e da proteção social: o caso dos Kanamari (Tüküna) na Terra Indígena (T.I.) Vale do Javari. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, p.256. 2020.

BRASÍLIA, G1. *Justiça aceita denúncia e torna réus três investigados pelos assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips*. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/22/ministerio-publico-federal-denuncia-tres-pessoas-pelos-assassinatos-de-bruno-perreira-e-dom-phillips.ghtml>> Acesso em 01 set. 2022.

CABRAL, Astrid. *Sobre Escritos: rastros de leituras*. Manaus: EDUA, 2015.

CAMARGOS, Daniel. *Padre Amaro: "Se fiz algo de errado foi ajudar a colocar a terra na mão do trabalhador"*. Jornal do Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/pais/2018/12/963002-padre-amaro---se-fiz-algo-de-errado-foi-ajudar-a-colocar-a-terra-na-mao-do-trabalhador.html>>. Acesso em 30 ago. 2022

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARDOSO, Marina. *O som dos maracás (homenagem a Ailton Krenak): medicinas indígenas e saúde pública*. Dossiê Saúde Soc. São Paulo, v.29, n.3, 2020.

CARVALHO, Patrícia. Relação entre natureza e humanidade em Walter Benjamin e Ailton Krenak. In: *Perspectivas* Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins. vol. 6, nº 1, p. 244-256. 2021.

CES, Alice. Boaventura de Sousa Santos - Epistemologias do Sul (PT, Entrevista ALICE 5/9). Youtube, 19 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URgY9H2NvZM>>

CASTRO - GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007

COHN, Sérgio (ORG.). *Ailton Krenak. Série Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COSTA, Livia Weyl. *O pensamento indígena e o campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade: discussões a partir do livro "A vida não é útil" de Ailton Krenak*. In: Nuevo Blog, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2021/02/05/o-pensamento-indigena-e-o-campo-de-ciencia-tecnologia-e-sociedade-discussoes-a-partir-do-livro-a-vida-nao-e-util-de-ailton-krenak/>. Acesso em: 01 set. 2022.

COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CULTURAL, Itaú. *Mekukradjá 2020 - Não somos donos da teia da vida, apenas de um de seus fios*. Facebook, 12 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/itaucultural/videos/370918354356695/>>

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi

Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 252-282, jul./dez. 2018.

DIAS, Denise; NASCIMENTO, Maria Teresinha Martins do. Hibridismo: característica da identidade e representação em *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. In: XIV Abralic. Anais eletrônicos: ISSN 2317-15X.

DORRICO, Julie. A estrutura do homem integrado à natureza como princípio da literatura brasileira contemporânea. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 242-267, jul./dez. 2019.

DORRICO, Julie. Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais. *Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas*, vol.11, n.3. 2017.

FARIAS, Elaíze. *Justiça manda soltar “Colômbia” por documentos falsos, mas ele continuará preso por associação criminosa*. Amazônia Real, 2022. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/justica-manda-soltar-colombia-por-documentos-falsos-mas-ele-continuara-presos-por-associacao-criminosa/>>. Acesso em 30 de out. 2022.

FELLET, João. *'Amazônia, sua linda': Dom Phillips escrevia livro sobre como salvar floresta*. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61767109>>. Acesso em 01 set. 2022.

FEMINICÍDIO, Dossiê. *Por que as taxas brasileiras são alarmantes?* Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/>>. Acesso em 07 de mar. 2022.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. (org). *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil* [livro eletrônico]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

GANDRA, Alana. *IBGE: mulheres somavam 52,2% da população no Brasil em 2019*. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/ibge-mulheres-somavam-522-da-populacao-no-brasil-em-2019>>. Acesso em 23 ago. 2022

GIBBS, Raymon W. *The Challenge of Cognitive Linguistics*. I Conference on Metaphor in Language and Thought. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

Global Estimates of Modern Slavery: Forced Labour and Forced Marriage. International Labour Organization (ILO), Walk Free, and International Organization for Migration (IOM), Geneva, 2022. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---ipecc/documents/publication/wcms_854733.pdf>. Acesso em 30 set. 2022.

GROSFUGUEL, Ramón Grosfoguel. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 80, p. 115 – 147, março 2008.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, p.317. 2013

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães; RAFAEL, Iná Isabel de Almeida. Judas, ahsverus e Sísifo na Amazônia, por Euclides da Cunha. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 11, nº 01, jan/jul, 2019

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Astrid Cabral: Metáforas do eu-poético poeta. *Reflexão estética da literatura 2* / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. “Uma mulher e uma obra”. In: CABRAL, Astrid. *Sobre Escritos: rastros de leituras*. Manaus: EDUA, 2015.

Guerras do Brasil.doc. Episódio 1 – As Guerras da Conquista. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. 2018

INDIOCAST. Entrevista com João Paulo Lima Barreto. Youtube, 5 de fev. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wO67rEWBNeg>>

IV COLÓQUIO DECOLONIALIDADE BAHIA. Colóquio Decolonialidade - Catherine Walsh. Youtube, 24 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k66AztrWDAw>>

KRENAK, Ailton. *O eterno retorno do encontro*. In: Novaes, Adauto (org.), *A Outra Margem do Ocidente*, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.

KRENAK, Ailton; MOURA, Adriana. *O Lugar Onde a Terra Descansa*. Rio de Janeiro: ECO Rio/Núcleo de Cultura Indígena, 2000.

KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Sistema e o Antissistema. Três Ensaios, Três Mundos no Mesmo Mundo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. *A vida não é util*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. *Lugares de origem*. São Paulo: Jandaíra, 2021

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: WDUC, 2002 (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

LAROUSSE, Ática. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris: Larousse / São Paulo: Ática, 2001.

LAURINO, Bianca van Steen Mello. *A morte do Watu: rompimentos de barragens e um estudo de caso sobre os impactos sentidos pelos Krenak após a tragédia socioambiental do Rio Doce*. Trabalho apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS, dez. 2020.

LIVRE, Catraca. *Médico anestesista sedou a vítima de estupro sete vezes*. Catraca Livre 2022. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/medico-anestesista-sedou-a-vitima-de-estupro-sete-vezes/>>. Acesso em: 23 ago. 2022

LOURENÇO, Renata dos Santos; CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos. *Literatura Indígena: entre memórias*. In: SciELO Preprints, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3019>. Acesso em: 01 set. 2022.

MADEIRO, Carlos. *Em 25 dias, setembro já é o mês com mais queimadas na Amazônia em 12 anos*. UOL, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/columnas/carlos-madeiro/2022/09/26/em-25-dias-setembro-ja-e-o-mes-com-mais-queimadas-na-amazonia-em-12-anos.htm>>. Acesso em 30 set. 2022.

MARCEL, Yuri. *Após 25 anos, viúva de Chico Mendes diz não perdoar assassinos*. G1, 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/12/apos-25-anos-viuvade-chico-mendes-diz-nao-perdoar-assassinos.html>>. Acesso em 01 set. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.71-89, jan./jun. 2000.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*, Revista do Programa de Pós - Graduação em Letras-PPGL/UFSM, n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>> . Acesso em: 01 mai. 2023.

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. *Revista Lusófona de Educação*, vol.48. p. 187-224, nov., 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, vol. 1, n.1, p. 12-32, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações Literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

MODELLI, LAÍS. *COP26: relatório final decepcionou e deixou lacunas; veja quais*. G1, 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-26/noticia/2021/11/15/as-lacunas-em-que-o-relatorio-final-da-cop26-nao-avancou.ghtml>>. Acesso em 30 set. 2022.

MONCAU, Gabriela. *Sete mortes em dez dias: violência contra indígenas dispara no Brasil*. Brasil de Fato, 2022. Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/15/sete-mortes-em-dez-dias-violencia-contraindigenas-dispara-no-brasil>>. Acesso em 30 set. 2022.

MÜLLER, Ananda. *Quem eram Dom Phillips e Bruno Pereira, assassinados na Amazônia*. Terra, 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/quem-eram-dom-phillips-e-bruno-pereira-assassinados-na-amazonia,217edd13e1d7e8ad385d5fd93330ceb2gxodooav.html>>. Acesso em 30 ago 2022.

NASCIMENTO, Aline. *MPF abre investigação contra envolvido na morte de missionária Dorothy Stang por desmatamento no AC*. G1 AC, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/06/30/mpf-tambem-abre-inquerito-para-investigar-envolvido-na-morte-de-missionaria-dorothy-stang-por-desmatamento-no-ac.ghtml>>. Acesso em 01 set. 2022.

NASCIMENTO, Aline; ROBERTA, Sâmia. *Envolvido na morte de Dorothy Stang se apossa de terras públicas no Acre*. G1 AC, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2022/07/03/envolvido-na-morte-da-missionaria-dorothy-stang-se-apossa-de-terras-publicas-no-ac-e-filho-e-suspeito-de-tentar-matar-agricultor.ghtml>>. Acesso em 01 set. 2022.

NOGUERA, Renato. *Os gregos não inventaram a filosofia*. Cult, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-gregos-nao-inventaram-filosofia/>. Acesso em 01 set. 2022.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *Sessão de Abertura | Espiritualidade, Arte e Nativos na Amazônia: por onde iniciar um diálogo?* Youtube, 27 jun. de 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/KnFwkADg11c>>.

Organização Pan- Americana da Saúde. *Histórico da pandemia de Covid-19*. OPA/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 14 de fev. 2022.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PANTOJA, Aila Rodrigues. *A Amazônia de Chico Mendes – Análise comparativa da trilogia narrativa: O Empate contra Chico Mendes (Ensaio), Amazônia em Chamas e Amazônia – De Galvez a Chico Mendes (Minissérie)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, p.102. 2019

PARÁ, G1. *Fazendeiro é condenado a 30 anos de prisão por morte de missionária*. G1 Pará, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/09/fazendeiro-e-condenado-30-anos-de-prisao-por-morte-de-missionaria.html>>. Acesso em 30 de ago. 2022.

PAYAYÁ. Francisco Gonçalves Queiroz. *O historiador-pesquisador, as fontes e o Brasil indígena*. In: A Associação Nacional de História - Seção Bahia (ANPUH-BA). *Anais do X Encontro Estadual de História*. Bahia, 2020.

POETARIADO, Canal do. Ailton Krenak: literatura em movimento. Youtube, 20 dez. 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=o3yZm3bSpg0>>

PREGER, Guilherme. *Perspectivismo narrativo em Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak*. SAPUERJ, 2020. Disponível em <https://www.academia.edu/44356636/PERSPECTIVISMO_NARRATIVO_EM_IDEIAS_PARA_ADIAR_O_FIM_DO_MUNDO_DE_AILTON_KRENAK>. Acesso em 30 ago. 2022.

PRESSE, France. *Lixo gerado pela pandemia é 'ameaça à saúde e ao meio ambiente', diz relatório da OMS*. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/02/02/lixo-gerado-pela-pandemia-e-ameaca-a-saude-e-ao-meio-ambiente-diz-relatorio-da-oms.ghtml>>. Acesso em 23 ago. 2022

PRODUÇÕES, Meta. COLÔNIA em casa. Youtube, 10 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xDE04nrmj30>>

Projeto MapBiomias – Mapeamento da superfície de mineração industrial e garimpo no Brasil - Coleção 7. Acesso em 30 set. 2022. Disponível em https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/MapBiomias_Minera%C3%A7%C3%A3o_2022_30_09.pdf. Acesso em 30 set. 2022.

PRUDENTE, Eunice. *Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra*. Jornal da USP, 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>>. Acesso em 23 ago. 2022

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidade. Perú indígena*, Lima. vol. 13, n.29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander (org). Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 117 – 142, set. 2005.

RBA, Redação. *Polícia Rodoviária Federal faz 'câmara de gás' em camburão e mata homem negro*. Rede Brasil Atual, 2022. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/policia-rodoviaria-federal-camara-de-gas-camburao-mata-homem-negro/>>. Acesso em 23 ago. 2022

RODRIGUES, Alex. *Mandante do assassinato de Dorothy Stang volta a ser preso no Pará*. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2019-04/mandante-de-assassinato-de-dorothy-stang-volta-ser-preso-no-para-0>>. Acesso em 01 set. 2022.

SÁ, Marina Damasceno de. *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade: edição de texto fiel e anotado*. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 29 mai. 2023.

SADI, Andréia. *Dom e Bruno: PF vê fortes indícios de que 'Colômbia' lidera associação criminosa de pesca ilegal no Vale do Javari*. G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2022/08/06/dom-e-bruno-pf-ve-fortes-indicios-de-que-colombia-lidera-associacao-criminosa-de-pesca-ilegal-no-vale-do-javari.ghtml>>. Acesso em 01 set 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo. Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

SANTOS, Margarete Nascimento dos. Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura. *Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras* n.01. 2011

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 34.ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto; OLIVEIRA, Leticia Cintra Paulo de. O conceito de literatura a partir da escrita e das falas de escritores indígenas. *FronteiraZ*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 27, 168–183. 2021.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007. (Lingua[gem], 24.

SAVI, Melina Pereira. Para Ailton Krenak em A vida não é útil, “somos a praga do planeta”, mas podemos mudar. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 26, p. 01–08, 2021.

SCHIMIDT, Steffanie. *Morrer sem oxigênio em Manaus, a tragédia que escancara a negligência política na pandemia*. El País, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html>>. Acesso em: 23 ago. 2022

SEGATO, Rita. *Crítica da Colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. [versão e-book]. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SOBRINHO, Wanderley Preite. *Do amor pela música ao sonho de salvar a Amazônia: quem foi Dom Phillips*. UOL, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/15/quem-e-dom-phillips-perfil-jornalista-amazonia.htm>>. Acesso em 30 ago. 2022.

UnBTV. Diálogos: Desafios para a decolonialidade. Youtube, 16 de jul. 2019. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=334s>.

UNISINO, Instituto Humanitas. *PDS Esperança: conflitos e esperança. Entrevista especial com Amaro Lopes de Souza*. Instituto Humanitas Unisino, 2011. Disponível em:<<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/40523-pds-esperanca-conflitos-e-esperanca-entrevista-especial-com-amaro-lopes-de-souza>>. Acesso em 30 ago 2022.

VASCONCELOS PASCOAL, W.; ZHOURI, A. Os Krenak e o desastre da mineração no Rio Doce. *Revista de Geografia e Ecologia Política*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 360–394, 2021.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. Alfragide – Portugal: Grupo Leya, 2018.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *Análisis de sistemas-mundo: una introducción*. México: Siglo XXI, 2005.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar / Ediciones Abya-Yala. Quito, 2009.

WEISS, Zezé. *Chico Mendes: sonho que cresce no chão da floresta*. Xapuri Socioambiental, 2017. Disponível em: < <https://xapuri.info/chico-sonho-chao-floresta/>>. Acesso em 30 ago. 2022

WITNESS, Global. *Last line of defence*. Global Witness, 2021. Disponível em: <<https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/last-line-defence/>>. Acesso em 30 ago. 2022.